



A Heroica Ousadia de

Martinho Lutero

STEVEN J. LAWSON


EDITORA FIEL

UM PERFIL DE HOMENS PIEDOSOS

STEVEN J. LAWSON

A Heroica Ousadia *de*

Martinho Lutero

UM PERFIL DE HOMENS PIEDOSOS



Em *A heroica ousadia de Lutero*, encontrei um Lutero do qual pouco se fala: um homem que amava uma Escritura inerrante, que pregava um evangelho glorioso, um Lutero apaixonado pela glória de Deus e do seu povo, disposto a sofrer pela causa. Estou convicto de que, mais que qualquer outro, Steven Lawson tenha chegado perto de capturar o cerne das paixões e desejos de Lutero como ministro do evangelho. Aqui encontrei encorajamento para o coração no desempenho de meu ministério semanal. Leia este livro e encontre encorajamento para o seu ministério.

DR. SEAN MICHAEL LUCAS,

Pastor da Primeira Igreja Presbiteriana de Harrisburg, Mississippi. Autor, O grande desígnio de Deus: Visão teológica de Jonathan Edwards

Porque nos aproximamos do quinto centenário da Reforma, a publicação de *A heroica ousadia de Lutero*, de Steven Lawson, não poderia ser mais oportuna. Com certeza, por causa da disposição da igreja, muito carente da espécie de pregação aqui retratada por Dr. Lawson, a mensagem deste livro é mais vital que qualquer outra desde os dias de Lutero. Eu o recomendo enfaticamente.

DR. GEORGE GRANT,

Pastor Igreja Presbiteriana de Parish, Franklin, Tennessee. Autor de The Micah Mandate: Balancing the Christian Life

Eis um perfil de Lutero, o pregador, em toda sua furiosa rudez e fidelidade obstinadamente renhida. Steven Lawson encerra de maneira suprema o espírito desse Reformador vulcânico, com comovente resultado. Este livro é muito bem-vindo nos dias atuais, quando a igreja tanto carece de reforma. Que esse livro ajude a erguer uma nova geração de Luteros.

DR MICHAEL REEVES

chefe de teologia, Fraternidade de Universidades e Faculdades Cristãs, Reino Unido

*Autor de The Unquenchable Flame:
Discovering the Heart of the Reformation*

A Heroica Ousadia de Martinho Lutero –

Um perfil de Homens Piedosos

Traduzido do original em inglês

“The Heroic Boldness of Martin Luther” por Steven Lawson

Copyright © 2013 por Steven Lawson

Publicado por Reformation Trust,

Uma divisão de Ligonier Ministries,

400 Technology Park, Lake Mary, FL 32746



Copyright © 2013 Editora Fiel

Primeira edição em português: 2013



Todos os direitos em língua portuguesa reservados por Editora Fiel da Missão Evangélica Literária

PROIBIDA A REPRODUÇÃO DESTE LIVRO POR QUAISQUER MEIOS, SEM A PERMISSÃO ESCRITA DOS EDITORES, SALVO EM BREVES CITAÇÕES, COM INDICAÇÃO DA FONTE.



Diretor: James Richard Denham III

Presidente Emérito: James Richard Denham Jr.

Editor: Tiago J. Santos Filho

Tradução: Elizabeth Gomes

Revisão: Tiago J. Santos Filho

Capa: Chris Larson (ilustração: Kent Barton)

Diagramação e Adaptação Capa: Rubner Durais

Ebook: Yuri Freire

ISBN: 978-85-8132-238-4



Caixa Postal, 1601

CEP 12230-971

São José dos Campos-SP

PABX.: (12) 3919-9999

www.editorafiel.com.br

Este livro é dedicado
ao fiel amigo de toda a vida,

TY MILLER

sua firme consagração a Jesus Cristo
e extraordinária habilidade de liderança
ajudaram a lançar os Ministérios *One Passion*,
dedicado ao avanço da verdade
da Palavra de Deus por todo o mundo.

Apresentação: Seguidores Dignos de Serem Seguidos

Prefácio: Chamado para uma nova Reforma

Capítulo 1: Vida e legado de Lutero

Primariamente pregador
Um obscuro começo
Entrada no sacerdócio
Desiludido com Roma
Controvérsia sobre indulgências
Abrem-se os portais do Paraíso
Entrando em ardentes provações
Um tinteiro polêmico
Intimado a comparecer em Worms
Casamento, ministério e música
Unidade e divisões da igreja
Fiel até o final

Capítulo 2: Profunda convicção quanto à Palavra

Inspiração verbal
Inerrância divina
Autoridade suprema
Clareza intrínseca
Completa suficiência
O mandato bíblico

Capítulo 3: Implacável impulso no estudo

Humilde submissão
Influxo da Escritura
Interpretação literal
Línguas originais
Iluminação do Espírito

Um compromisso com o estudo

Capítulo 4: Firme compromisso com o texto

Introdução concisa

Exposição bíblica

Lei divina

A exaltação de Cristo

Engrandecimento da cruz

Aplicação pessoal

Convite do evangelho

A divina tarefa

Capítulo 5: Apaixonada entrega no púlpito

Espírito inabalável

Fervorosa intensidade

Linguagem acessível

Expressões coloridas

Lutero, pregador excepcional

Capítulo 6: Destemida declaração da verdade

Plena revelação

Afirmações confiantes

Firme determinação

Coragem destemida

Ousada defesa

Continuar pregando

Conclusão: Precisamos de pessoas como Lutero novamente!

Notas

Seguidores Dignos de Serem Seguidos

Deus tem levantado, através dos séculos, uma longa linhagem de homens piedosos, os quais ele usa de modo poderoso em momentos críticos da história da igreja. Essas pessoas valorosas vieram de todos os setores da vida – desde as mansões de universidades de elite cobertas de hera, até as salas dos fundos de comerciantes mais humildes. Surgiram de todos os cantos deste mundo – desde locais de alta visibilidade nas cidades mais populosas até os vilarejos obscuros das regiões mais remotas. Apesar dessas diferenças, esses indivíduos centrais, troféus da graça divina, têm muito em comum entre eles.

Com certeza cada um tinha firme fé em Deus e no Senhor Jesus Cristo, mas podemos dizer muito mais que isso. Eles tinham fortes convicções quanto às verdades que exaltam a Deus, conhecidas como as doutrinas da graça. Embora fossem diferentes em questões teológicas secundárias, firmavam-se ombro a ombro na defesa das doutrinas que glorificam a graça soberana de Deus em seus propósitos salvíficos para o mundo. Cada qual manteve a verdade essencial de que “do Senhor é a salvação” (Sl 3.8; Jn 2.9).

Como essas verdades afetaram as suas vidas? Longe de paralisá-las, as doutrinas da graça inflamaram seus corações com reverente respeito a Deus e produziram almas humildes diante do trono divino. Além do mais, a verdade da graça soberana os tornou ousados na divulgação da causa de Cristo na terra. Este fato não deveria nos surpreender, pois a história revela

que aqueles que assumem estas verdades recebem confiança extraordinária em seu Deus. Com uma visão alargada, eles avançam, realizando a obra de muitos homens, deixando uma influência piedosa sobre gerações futuras. Sobem com asas como de águias e sobrevoam seu tempo na história. A experiência mostra que as doutrinas da graça renovam seu espírito e lhes infundem poder para servir a Deus em seu tempo divinamente designado.

A série “Um Perfil de Homens Piedosos” procura ressaltar figuras-chaves dessa sucessão de homens que creem na graça soberana de Deus. O propósito da série é examinar como tais homens usaram seus dons e suas habilidades, dados por Deus, para expandir o reino do céu. Porque eram firmes seguidores de Cristo, os seus exemplos são dignos de serem imitados hoje.

O famoso reformador alemão Martinho Lutero é o foco deste volume. Numa época em que a igreja precisava com urgência ouvir a verdade, a voz de Lutero trovejava com santa ousadia por toda a Europa. Em meio ao declínio doutrinário daquele tempo, Lutero falou com coragem, afirmando um resolutivo compromisso com a Escritura. O reformador estava cheio de coragem audaz quando confrontou a igreja de Roma, por ela ter se desviado do verdadeiro evangelho da salvação. Seu compromisso singular com a verdade da Bíblia se tornou a força motriz por trás da Reforma. À medida que o Senhor fortalecia Lutero, o seu púlpito tornou-se um dos clarins mais nítidos da Palavra de Deus que este mundo testemunhou. Por estas razões, o perfil de Lutero permanece eminentemente digno de ser traçado.

Que o Senhor use este livro para torná-lo mais corajoso para que, como Lutero, e para a glória de Deus, você deixe sua marca indelével sobre este mundo. Que por meio deste perfil você seja fortalecido ao andar de modo digno de sua vocação. Que esteja pleno da Escritura, e assim, seja ousado em seu ministério para Cristo.

Soli deo gloria!

– *Steven J. Lawson*
Editor da Série

Chamado a uma nova Reforma

Trinta e um de outubro de 1517 é uma data fundamental na história da igreja, na qual o curso dos eventos humanos na civilização Ocidental teve dramática virada. Nessa data, Martinho Lutero, professor relativamente obscuro de Bíblia na Universidade de Wittenberg, Alemanha, pregou suas noventa e cinco teses à porta da frente da Igreja do Castelo em Wittenberg. Esse monge agostiniano, registrava assim seu protesto contra o abuso da venda de indulgências pelo papado. Ninguém naquele dia pode prever a tempestade que Lutero estava prestes a desencadear. Este único ato ousado provou ser o “tiro ouvido pelo mundo todo” que lançou a Reforma Protestante.

O conhecido historiador Philip Schaff disse que depois do início do cristianismo, a Reforma Protestante foi “o maior evento da história”.¹ Foi um movimento sem precedentes, um evento de longo alcance que alterou a história. Uma época em que a invisível mão de Deus teve impacto, não apenas sobre pessoas e igrejas mas também sobre nações e culturas inteiras. A reforma foi uma série de acontecimentos estratégicos que envolveu muitas pessoas em muitos lugares. Em seu cerne, foi uma tentativa de trazer a igreja de volta à autoridade única da Escritura e à pureza do evangelho.

Lutero tornou-se figura central e força motriz desse movimento épico que acabara de nascer. Tendo o intuito de restaurar a Palavra de Deus na vida da igreja, Lutero utilizou todos os meios legítimos para fazer conhecidas as verdades da Escritura. Suas estratégias incluíam a produção de livros,

folhetos, panfletos e cartas, e também discursos em sala de aula, debates públicos e calorosas disputas nas igrejas e nas universidades. Mas seu principal método de produzir a reforma foi por meio do púlpito. Nas palavras de D. Martyn Lloyd-Jones, Lutero era, acima de tudo, um grande pregador”.²

Não devemos nos surpreender pelo fato de ter a pregação de Lutero papel tão decisivo no estabelecimento da Reforma. “Um reavivar de pregações verdadeiras sempre tem anunciado esses grandes movimentos na história da igreja”, escreve Lloyd-Jones. “E, naturalmente, quando a reforma e o reavivamento chegam, sempre conduzem a períodos notáveis, onde ocorrem as melhores pregações de que a igreja tem notícia”.³ Isso foi inegavelmente verdadeiro no púlpito do Século XVI durante o início do movimento protestante.

Ao escrever *A History of Preaching* (História da pregação), E. C. Dargan observa que a Reforma foi impulsionada principalmente pela pregação da Palavra de Deus. Um exército de pregadores foi desencadeado sobre a Europa adormecida. Os reformadores despertaram o continente e as ilhas britânicas ao restaurar a primazia da pregação da Palavra. Dargan escreve:

Os grandes acontecimentos e as grandes realizações daquela poderosa revolução foram em grande parte obra dos pregadores e sua pregação, pois, foi pela Palavra de Deus, mediante o ministério de homens fiéis que criam nela, amavam-na e ensinavam-na, que a melhor e mais permanente obra da reforma foi realizada. E inversamente, os eventos e princípios do movimento reagiram fortemente sobre a própria pregação, dando novo ânimo, novo poder, novas formas, de modo que a relação entre a Reforma e a pregação pode ser descrita sucintamente como de mútua dependência, auxílio e direção.⁴

John Broadus, renomado professor do século XIX, identifica quatro marcas distintas da Reforma. Cada uma é essencial ao nosso entendimento de Lutero e do movimento protestante.

Primeiro, a reforma se caracterizava por um *reavivamento da pregação*. Broadus observa que, durante a Idade Média, os pregadores eram exceção à

regra.⁵ A Igreja Católica Romana havia subjugado o púlpito a papel subordinado e periférico. No lugar da pregação estava a missa, os ritos e as cerimônias. Porém, escreve Broadus, a Reforma foi marcada por “grande surto de pregação, como não havia desde os primeiros séculos do cristianismo”.⁶ Todos os reformadores eram pregadores, e não apenas autores e palestrantes. Essas figuras valorosas restauraram o púlpito como sendo o principal meio de graça na igreja.

Conforme Dargan explica, “entre os reformadores, a pregação reassume seu lugar correto no culto. [...] A pregação assume posição mais proeminente do que tinha no quarto século”.⁷ Harold Grimm, historiador da Reforma, afirma tal ponto de vista ao escrever: “A Reforma Protestante não teria sido possível sem o sermão. [...] Não pode ser avaliado em exagero o papel que teve o sermão ao tornar a Reforma em movimento de massa”.⁸ Roland Bainton, acadêmico luterano, concorda: “A Reforma deu centralidade ao sermão. O púlpito era mais alto do que o altar”.⁹ Conforme observa Lloyd-Jones, em todo grande movimento de Deus, a pregação é central. A Reforma Protestante não é exceção a essa regra.

Segundo, foi um *avivamento da pregação bíblica*. Broadus observa que o movimento protestante não trouxe de volta apenas a pregação, mas certo tipo de pregação – *pregação bíblica*, ou seja, *pregação expositiva*. Escreve ele:

Ao invés de longas e às vezes fabulosas histórias sobre santos e mártires com relatos de milagres, em vez de trechos de Aristóteles e Sêneca e sutilezas finamente tecidas do Estudioso, esses homens pregavam a Bíblia. A questão não era o que o Papa dizia; nem mesmo os Pais da Igreja, por mais estimados que fossem, eram a autoridade decisiva. Era a Bíblia.¹⁰

Mais uma vez, o púlpito reinava na igreja pela pregação da Palavra.

Broadus explica que no século XVI “a grande tarefa do pregador era apresentar os ensinamentos doutrinários e morais da Palavra de Deus”.¹¹ Tudo mais que o pregador fazia era secundário. Com essa nova ênfase veio o

estudo mais profundo da Bíblia: “Os pregadores, estudando o grego e hebraico originais, explicavam cuidadosamente ao povo os ensinamentos interligados em passagem após passagem, livro após livro [...] dando-lhes uma exegese muito mais restrita e razoável como nunca houve desde os ensinamentos de Crisóstomo.”¹² Dargan acrescenta: “A glória da pregação reformada estava em seu uso da Escritura. Nas mãos dos reformadores, a Palavra de Deus novamente regia o púlpito como autoridade suprema em questões de fé e prática”.¹³

Terceiro, foi um *reavivamento de pregação controversa*. Broadus explica que, à medida que os reformadores pregavam a Bíblia, inevitavelmente surgiam controvérsias. Eles não somente afirmavam *sola Scriptura* – somente a Escritura – como também *tota Scriptura* – toda a Escritura. Os reformadores criam que toda a Escritura deveria ser pregada de seus púlpitos. Cada passagem difícil devia ser explanada, cada pecado devia ser exposto. Após séculos de apostasia, todo o conselho de Deus de repente era pregado, resultando em conflitos na igreja adormecida. Broadus declara corretamente: “É inevitável a controvérsia religiosa quando a fé viva, baseada na verdade definida, convive ao lado de erros perniciosos e a prática do mal”.¹⁴ A pregação dos reformadores atrapalhava o *status quo* existente naqueles tempos. Questões essenciais eram confrontadas. As vacas sagradas foram abatidas.

Não era tarefa simples, afirma Dargan. “O severo conflito que os reformadores travaram contra o mal exigia capacidade e treinamento incomuns. Não era fácil a tarefa do protestantismo”.¹⁵ No entanto, os erros teológicos aos quais eles tiveram de se opor “serviam para fortalecer e tornar mais sincera a pregação dos reformadores”.¹⁶ Sendo assim, a sua pregação era “em grande parte polêmica e doutrinária”.¹⁷ Eles empunhavam a Palavra de Deus como uma afiada espada de dois gumes que derribava e penetrava até a morte. Contudo, a Palavra que pregavam também edificava e vivificava.

Quarto, *foi um reavivamento de pregação das doutrinas da graça*. Broadus nota que a pregação bíblica na Reforma elevava as doutrinas da soberania de Deus na salvação: “A doutrina da divina soberania na salvação humana foi proclamada livremente por todos os reformadores”.¹⁸ Uma pregação profundamente bíblica sempre apresenta as doutrinas da graça porque elas são repetidamente ensinadas por toda a Escritura. O retorno à pregação bíblica exige o retorno à pregação da soberania divina na salvação do homem. As duas coisas estão intimamente ligadas. Acrescenta Broadus: “O protestantismo surgiu das doutrinas da graça, e foi na proclamação dessas doutrinas que a pregação reformada encontrou sua mais verdadeira e poderosa força”.¹⁹ No movimento protestante, a pregação bíblica vindicou o mais alto nível que a graça soberana deve ocupar.

O grandioso ensino da autoridade suprema de Deus na graça salvadora sacudiu toda a Europa, indo além, sendo o início da causa protestante. No ensino dessas doutrinas que exaltam a Deus, os reformadores retomaram o cerne da Escritura de que a salvação vem inteiramente do Senhor. De fato, esses ousados pregadores asseveravam que a verdadeira igreja é composta inteiramente de todos os eleitos de Deus – nem mais nem menos que isso.

Firmemente posto na origem da Reforma estava Martinho Lutero. Esse corajoso reformador alemão tornou-se um dos maiores pregadores de sua época extraordinária. Seu púlpito foi o primeiro pulso forte no coração do movimento protestante, injetando vida ao corpo de Cristo. Lutero propagou a Palavra de Deus pelo continente europeu com a força de uma enorme tempestade elétrica. Os trovões e raios de sua exposição bíblica tiveram grande força na formação deste movimento.

O foco do presente livro é a corajosa pregação bíblica de Lutero. Como uma poderosa força nas mãos de Deus, Lutero foi uma das pessoas mais corajosas a servir a igreja. Lutero não vacilava em sua ousadia quando subia ao púlpito. A razão de sua coragem estava no fato de ser totalmente bíblico. Seu valor heroico vinha de suas profundas convicções, provenientes da sã

doutrina. Como poderoso expositor das Escrituras, Lutero deixou rico legado de excelência no púlpito. Portanto, nestas páginas, nosso propósito será examinar sua vida e seu ministério de púlpito, perguntando especificamente por que ele era tão corajoso na pregação, e como tal coragem se evidenciava?

Antes de continuar, preciso agradecer a equipe de publicações da *Reformation Trust* por sua dedicação à série “Um Perfil de Homens Piedosos” que se destacaram na história eclesiástica. Permaneço grato a Greg Bailey, por seu trabalho de mestre ao editar este manuscrito. Chris Larson continua sendo instrumental na direção da série. Sou grato também pela influência permanente da associação com meu antigo professor, Dr. R. C. Sproul.

Tenho uma dívida de gratidão com a Igreja Batista Christ Fellowship, de Mobile, Alabama, onde sirvo como pastor titular. Nenhum outro pastor tem tanta liberdade para servir a Cristo de forma tão ampla como eu. Sou muito grato pelo suporte de meus companheiros presbíteros e da congregação, que me encorajam em meu ministério mais extenso.

Quero expressar minha gratidão a minha assistente executiva, Kay Allen, que digitou o manuscrito, e Keith Phillips, pastor comigo na Christ Fellowship, que me ajudou a editar o manuscrito. Quero também agradecer Mackay Smith por sua ajuda no preparo deste livro.

Finalmente, agradeço a Deus pelo apoio de minha família em minha vida e ministério. Minha esposa Anne, e nossos quatro filhos, Andrew, James, Grace Anne e John, permanecem como colunas de força para mim.

Quer você seja leigo quer pregador, que o Senhor use o exemplo de Lutero para dar-lhe coragem no compromisso com a causa de Cristo e na transmissão do seu evangelho. Nos dias atuais, quando existe a necessidade gritante de ousadia, tanto no púlpito quanto na congregação, que vejamos a restauração da igreja de Cristo para sua pureza cristalina, por meio de uma nova reforma.

– Steven J. Lawson

Mobile, Alabama
Julho de 2012

A Vida e o Legado de Lutero

Para que compreendamos o gênio e a história da Reforma alemã, temos de traçar sua origem na experiência pessoal do monge que abalou o mundo desde o seu solitário escritório em Wittenberg, fazendo tremer o papa e o imperador ao poder de sua palavra. De todos os reformadores, Lutero foi o primeiro. Está tão intimamente ligado à reforma alemã que essa não teria razão de ser sem ele. Sua própria história é a história formativa da igreja chamada com justiça por seu nome, a qual é a encarnação e perpetuação de sua genialidade.¹

— Phillip Schaff

Sempre que Deus age de maneira poderosa em sua igreja, ele levanta primeiramente um líder fundamental, instrumento escolhido, por meio de quem traz a necessária reforma e reavivamento. Essa figura heroica se posta como um Atlas evangélico, fortalecido por Deus de modo único, para estabelecer e firmar uma nova obra em um dia novo. O Senhor concede a ele direção espiritual e ímpeto dinâmico. No início do Século XVI, surgiu esse homem.

Considerado o Pai da Reforma Protestante, Martinho Lutero elevou-se acima de seu tempo, tornando-se um gigante na história da igreja. O monge e professor foi pioneiro no movimento extraordinário que visava restaurar a pureza do evangelho, após séculos de corrupção na Igreja Católica Romana. Seu talento era tão imenso que certa vez ele foi descrito como um “oceano”,² e muitos o consideram a figura europeia de maior significado do segundo milênio.³ Como indisputado líder da reforma alemã, Lutero acendeu as chamas que tragaram o continente europeu e logo passaram para as ilhas britânicas e para as colônias na América.

Lutero foi um destemido campeão da verdade numa época de transformações monumentais. Descrito como “o Hércules alemão”,⁴ foi abençoado com um intelecto avantajado, personalidade atraente e gigantesca ousadia para confrontar os desafios de seu tempo. Surgiu no cenário mundial como alguém que foi feito para a batalha. Quando o conflito rugiu mais forte, Lutero permaneceu mais firme. Na luta feroz, ele manteve sua força como um vulcão que expelle o caloroso fogo das verdades bíblicas sobre o panorama ao redor.

Em palavras simples, Lutero era intrépido, impossível de subjugar. Quando ele falava, expressava forte crença, ancorada nas verdades imutáveis da Palavra Santa de Deus. Possuía um espírito indomável, revelado em uma personalidade que não conhecia o medo.

PRIMARIAMENTE PREGADOR

Nos dias tempestuosos da Reforma, o centro do ministério de Lutero foi a sua ousada pregação bíblica. Fred W. Meuser escreve: “Lutero é famoso como reformador, teólogo, professor, tradutor, prodigioso autor, e polemista. É bem conhecido como compositor de hinos, músico, amigo dos estudantes e pastor de incontáveis clérigos e leigos. No entanto, acima de tudo, ele se via principalmente como um pregador”.⁵ Lutero se dedicava incansavelmente a essa prioridade. E. Theodore Bachmann acrescenta: “A igreja... para Lutero, ‘não é uma casa de pena, mas uma casa de boca’, onde a Palavra viva é proclamada”.⁶ Na verdade, Lutero escreveu inúmeros volumes, mas jamais colocou suas obras escritas no mesmo patamar que sua proclamação da Palavra de Deus. Dizia ele: “O próprio Cristo não escreveu nada, nem ordenou que escrevêssemos, mas que pregássemos oralmente”.⁷ Com isso, Lutero ressaltava a primazia do púlpito.

A dedicação de Lutero ao púlpito é vista claramente em suas atividades de pregação. Na maioria dos domingos, ele pregava duas ou três vezes, e ele mesmo admitia que “muitas vezes preguei quatro sermões em um só dia”.⁸ Além disso, geralmente pregava duas ou três vezes durante a semana – às vezes mais. Nos feriados religiosos pregava duas vezes ao dia. Seu implacável impulso nessa obra é visto pelo número surpreendente de sermões pregados – sete mil entre os anos de 1510 e 1546.⁹ Isso dá quase duzentos sermões por ano ou quatro por semana. Durante seu ministério todo, Lutero pregou em média um sermão a cada dois dias.¹⁰ Cerca de duas mil e trezentas dessas exposições bíblicas sobreviveram em forma escrita.¹¹

Sempre que Lutero se afastava de seu lar em Wittenberg para viajar até outro local, pediam-lhe para pregar, o que ele fazia a ponto de ficar exausto. Além disso, pregava aos seus alunos em sua terra. Mesmo em 1528, um ano marcado pela Peste Negra, Lutero pregou cerca de duzentos sermões. Disse

ele ter se igualado a um exército de pregadores: “Não sou mais apenas Lutero, mas também um *Pomerano*, um oficial, um Moisés, um Jetro, e, por que não, tudo para com todos”.¹² Ou seja, em seu trabalho de pregação, ele fez a obra de muitos homens. Assim, se queremos entender Lutero, precisamos examiná-lo como pregador.

Primeiro, porém, é essencial que consideremos o homem Lutero. Quem era essa figura prolífera da história? Qual era a sua origem? Que forças formaram sua vida e aprofundaram as suas convicções? De que forma Deus usou sua vida como o principal reformador de seus dias?

UM OBSCURO COMEÇO

Nascido no vilarejo de Eisleben, Alemanha, em 10 de novembro de 1483, Martinho Lutero veio de origem rude, de trabalho duro. Seu pai, Hans Luder – mais tarde o nome foi latinizado para o mais conhecido Lutero – minerava cobre e acabou adquirindo alguma riqueza por juros adquiridos nas minas e fornalhas de fundição. Sua mãe era católica romana piedosa, mas bastante supersticiosa, que o criou sob a estreita disciplina da igreja.

O severo pai de Lutero o preparou bem cedo para o ofício de advogado. Obediente, Martinho seguiu o estudo, primeiramente em Eisenach (1498-1501) e depois na prestigiosa universidade de Erfurt (1502-1505), onde recebeu os graus de Bacharelado e de Mestrado. Mesmo em seus primeiros anos, Lutero demonstrava uma mente privilegiada, equipada com capacidade excepcional no estudo e na análise. Sua habilidade mental brilharia durante toda a Reforma.

Apesar do desejo de seu pai, Lutero não se tornou advogado. Em julho de 1505, após um mês de estudo das leis, o jovem Lutero, de vinte e um anos, foi pego em uma tempestade severa e derrubado ao chão por um raio. Temeroso por sua salvação, Lutero clamou à padroeira católica dos mineiros, Santa Ana: “Ajuda-me, Santa Ana, e eu me tornarei monge”.¹³ Apesar da irada oposição por parte de seu pai, Lutero cumpriu sua promessa. Duas semanas mais tarde entrou no mais rigoroso e austero dentre os sete monastérios de Erfurt – a ordem dos frades agostinianos. Com esse passo dramático, Lutero iniciou sua busca para encontrar a aceitação de Deus.

ENTRADA NO SACERDÓCIO

Lutero era impelido, até mesmo obcecado, por encontrar a salvação por meio de seus próprios esforços. Disse ele: “Quando eu era monge, cansava-me grandemente de tanto buscar o sacrifício diário, me torturei durante quinze anos com jejuns, vigílias, rezas e outras obras muito rigorosas. Acreditava sinceramente que conseguiria a justiça por meio das minhas obras.”¹⁴ Em outro lugar ele escreveu: “Eu me torturava com oração, jejum, vigílias e congelamentos. Sozinho, o gelo poderia ter me matado”.¹⁵ Em suma, Lutero determinou alcançar a salvação de Deus mediante o rigor ascético.

Contudo, descobriu rapidamente que nunca faria o suficiente para merecer a aprovação divina. Percebeu que tais esforços eram impulsionados por uma visão errada de Deus e Cristo:

Quem mais eu buscava ao fazer isso senão a Deus, que supostamente notaria meu esforço, minha estrita observação da ordem monástica, minha vida de austeridade? Andava constantemente em um sonho e vivia em verdadeira idolatria, pois eu não cria em Cristo: eu o via tão somente como severo e terrível Juiz assentado sobre um arco-íris.¹⁶

Lutero começou a perceber que jamais conseguiria a perfeição moral diante de um Deus santo. Essa séria realidade começou a trazer-lhe desesperança de conseguir a salvação.

Em 1507 Lutero foi ordenado sacerdote. Celebrando sua primeira missa naquele ano, ficou atônito com a ideia da transubstanciação, o ensino Católico Romano de que os elementos de pão e vinho da Eucaristia se tornam verdadeiramente em corpo e sangue de Cristo, após serem abençoados por um padre. Lutero quase desmaiou de medo. Confessou: “Estava completamente estupefato e aterrorizado. Pensei comigo mesmo: Quem sou eu para erguer os olhos ou minhas mãos para a majestade divina?

Sou apenas pó e cinzas, cheio de pecado, e estou falando ao Deus vivo, eterno e verdadeiro”.¹⁷ Um terror santo o esmagava, aumentando mais ainda sua luta para alcançar a absolvição de Deus.

No ano seguinte, Lutero começou a ensinar teologia como palestrante iniciante. Nessa época, esteve sob influência de Johannes von Staupitz (1460-1524), mestre de Bíblia na universidade e vigário geral dos frades agostinianos da Saxônia. Dedicado professor de teologia agostiniana, Staupitz apresentou a Lutero a soberania de Deus na salvação. Como confessor de Lutero, ele também escutava seu discípulo recontar cada um de seus pecados, às vezes durante horas. Lutero sabia que um Deus santo exigia a perfeição moral, mas não conseguia obtê-la. O que fazer?

DESILUDIDO COM ROMA

Num esforço por minorar o fardo de Lutero, em 1510 Staupitz o enviou em viagem oficial a Roma. Lutero esperava encontrar a paz ao visitar os lugares sagrados e venerar supostas relíquias da cristandade. Mas em vez disso, descobriu os abusos grosseiros e as hipocrisias mascaradas dos sacerdotes. Ficou desiludido com a corrupção da igreja romana e desencantou-se das peregrinações para adorar as relíquias religiosas. Esses objetos incluíram a corda com a qual supostamente Judas se enforcou, um pedaço reputado da sarça ardente de Moisés, e as alegadas correntes do apóstolo Paulo.

Pior, era afirmado que a Scala Sancta (escada santa), a escadaria na qual Jesus teria descido ao palácio do tribunal de Pilatos fora removida para Roma, e que Deus perdoaria os pecados daqueles que se arrastassem por ela de joelhos, beijando cada degrau. Lutero respeitosa e subiu a escadaria da forma aprovada, mas quando chegou ali em cima, exclamou desesperado:

Em Roma eu quis livrar meu avô do purgatório, e subi a escadaria rezando um *paternoster* em cada degrau, pois estava convencido de que se orasse assim, poderia livrar e redimir a alma dele. Mas quando cheguei ao último degrau, o pensamento me vinha: Quem sabe se isso é verdade?¹⁸

Um Lutero desanimado voltou a Erfurt e se transferiu para a universidade de Wittenberg. Ali, recebeu seu grau de Doutor em Teologia (1512), e tornou-se *lectura in Bíblia* – preletor de Bíblia. Lutero manteria essa posição de professor até sua morte, trinta e quatro anos mais tarde. Nesse papel, ele diligentemente expôs as Escrituras. Primeiro começou com os Salmos (1513-1515); em seguida Romanos (1515-1516); Gálatas (1516-1517) e Hebreus (1517-1519). Quanto mais Lutero estudava a Escritura, mais perplexo

ficava. Não podia entender como o homem pecador poderia ser justificado aos olhos de um Deus santo.

CONTROVÉRSIA SOBRE INDULGÊNCIAS

Em 1517, o Papa Leão X autorizou indulgências na Alemanha para aqueles que davam esmolas para a construção da basílica de São Pedro em Roma. Uma indulgência era a redução do castigo pelo pecado, dada pela Igreja Católica Romana após o pecador ter confessado e realizado determinadas obras ou orações. No entanto, as indulgências de Leão eram mercadejadas grosseiramente. O principal agente na venda dessas indulgências foi o monge dominicano de nome João Tetzel. Excelente vendedor, Tetzel conhecia bem como manipular os interesses do público. Entrava nas cidades em procissão solene, portando à sua frente o brasão de armas do papado com a proclamação de indulgência bordada em ouro sobre uma almofada de veludo. Levantavam uma cruz no mercado. Quando a multidão se reunia, Tetzel pregava sobre o céu, o inferno, e o purgatório. Dizia a seus ouvintes que, por meio da compra de indulgências, poderiam libertar seus falecidos, entes queridos do purgatório.¹⁹ Tetzel clamava em alta voz:

Não ouvis a voz de vossos pais e de outros mortos queridos implorando: “Tem misericórdia de mim, tem misericórdia porque estamos sob duro castigo e dor? Poderíeis redimir-nos dessa sina mediante uma pequena esmola, contudo, não o quereis fazer”. Abri os ouvidos enquanto um pai diz ao filho e a mãe à filha... “nós vos criamos, alimentamos, cuidamos e vos deixamos nossos bens temporais. Por que sois tão cruéis e endurecidos que não quereis nos salvar, embora custe tão pouco? Permitis que jazamos nas chamas para que mui vagarosamente cheguemos a alcançar a glória prometida?”²⁰

A citação mais famosa de Tetzel foi: “Assim que a moeda tilintar no cofre, uma alma é liberta do purgatório”.²¹

Quando chegou aos seus ouvidos a notícia desse engano, Lutero sentiu-se extremamente perturbado. Em 31 de outubro de 1517, ele pregou uma lista de noventa e cinco declarações na porta de entrada da Igreja do Castelo em

Wittenberg, propondo um debate público sobre a venda de indulgências. Sem o conhecimento de Lutero, seus alunos levaram o documento a um impressor, que o publicou. Como se levado pelas asas de anjos, cópias foram imediatamente distribuídas por toda a Saxônia. Logo a Alemanha inteira foi despertada pelas ideias de Lutero. O documento afixado à porta da igreja de Wittenberg ficou conhecido como “As Noventa e Cinco Teses”, algumas das quais se leem assim:

Quando nosso Senhor e mestre Jesus Cristo disse: “Arrependei-vos” (Mt 4.17), ele desejou que toda a vida dos crentes fosse de arrependimento.

Esta palavra não pode ser entendida como uma referência ao sacramento da penitência, ou seja, de confissão e satisfação, conforme administradas pelo clero.

O Papa não pode remir qualquer culpa, exceto por declarar que foi perdoada por Deus e pela anuência da remissão de Deus, embora ele possa, certamente, conceder remissão em casos reservados a seu juízo. Se fosse desprezado seu direito de conceder remissão em tais casos, a culpa permaneceria totalmente não perdoada.

21. Sendo assim, os pregadores das indulgências estão errados quando dizem que um homem é absolvido de toda penalidade e salvo pelas indulgências papais.

53. São inimigos de Cristo e do Papa aqueles que mandam silenciar totalmente a Palavra de Deus em algumas igrejas, a fim de pregar os perdões em outras.

54. É insulto à Palavra de Deus quando, em um mesmo sermão, tempo maior é gasto falando de indulgências do que desta Palavra.

62. O verdadeiro tesouro da igreja é o santíssimo evangelho da glória e graça de Deus.

79. É blasfêmia dizer que a cruz erguida com o brasão papal [pelos pregadores de indulgências] é de igual valor à cruz de Cristo.²²

Quando a notícia dessas teses chegou aos ouvidos do Papa, este denunciou a Lutero por pregar doutrinas perigosas e o intimou a vir até Roma. Quando Lutero recusou-se a comparecer, foi ordenado a apresentar-se diante do Cardeal Tomás Cajetan, destacado teólogo italiano, em Augsburg, Alemanha. Como representante papal diante da Dieta Imperial, a Assembleia Geral do Santo Império Romano, Cajetan exigiu que Lutero se retratasse, voltasse ao seio da igreja e parasse com sua rebeldia. Lutero recusou retratar-se e declarou ser possível que o Papa errasse em suas declarações eclesiásticas.²³ Ele insistia que as afirmativas do Papa fossem

corroboradas pela Escritura. Desde João Hus nenhuma outra pessoa tinha falado tão ousadamente contra a autoridade papal – e Hus fora executado. Lutero saiu de Augsburg temendo por sua vida, e retornou a Wittenberg sob a proteção do príncipe-eleitor Frederico III, da Saxônia.

ABREM-SE OS PORTAIS DO PARAÍSO

Na tempestade de fogo que se fomentava, Lutero chegou a uma dramática ruptura.²⁴ Em meio a sua luta interna, começou a se concentrar em Romanos 1.17: “Visto que a justiça de Deus se revela no evangelho, de fé em fé, como está escrito: O justo viverá por fé”. Antes, Lutero havia entendido a justiça de Deus mencionada neste versículo como sendo sua justiça vingativa ativa, que pune os pecadores. Admitiu que odiava a justiça de Deus segundo tal entendimento. Mas, assentado na torre da Igreja do Castelo de Wittenberg, Lutero meditou nesse texto, lutando com seu significado. Ele escreve:

Eu não amava, na verdade, eu odiava o Deus justo que pune os pecadores e, secretamente, se não de forma blasfema, com certeza com grande murmuração, eu estava irado com Deus, dizendo: “Como se não bastasse os miseráveis pecadores, eternamente perdidos por seu pecado original, serem esmagados por toda espécie de calamidade pela lei dos Dez Mandamentos, isto sem ter Deus de acrescentar sofrimento ao sofrimento pelo evangelho, e também pelo evangelho nos ameaçar com sua ira e justiça!” Assim eu me enfurecia com uma consciência perturbada e feroz.²⁵

De repente, como se um raio de luz divina brilhasse em seu entenebrecido coração, Lutero entendeu o verdadeiro significado do texto – a justiça de Deus é recebida como dom somente pela fé em Jesus Cristo. Lutero confessou então:

Finalmente, ao meditar de noite e de dia, pela misericórdia de Deus, prestei atenção ao contexto das palavras, ou seja: Nela a justiça de Deus é revelada, conforme está escrito: Aquele que pela fé é justificado viverá. Ali comecei a compreender que a justiça de Deus é a justiça pela qual o justo vive por um dom de Deus, ou seja, pela fé. É este o significado: a justiça de Deus é revelada pelo evangelho, ou seja, a justiça passiva pela qual o Deus de toda misericórdia nos justifica pela fé, conforme está escrito: Aquele que pela fé é justo, viverá. Então senti que eu nasci totalmente de novo e havia entrado por portões abertos no próprio paraíso.²⁶

Em sua dramática conversão, Lutero percebeu que o homem pecador não é salvo por suas boas obras. Ao contrário, a justiça de Cristo é imputada aos pecadores com base única na fé. A isso Lutero chamou de “justiça estrangeira”, significando que ela é estranha ao homem. Tal justiça vem de fora dele, e é dada por Deus livremente. Ao entender isso, a justificação somente pela fé – *sola fide* – tornou-se o princípio material da Reforma, ou seja, a própria essência do evangelho.

ENTRANDO EM ARDENTES PROVAÇÕES

Lutero pregou esta verdade em um sermão que foi ponto referencial: “Duas espécies de justiça”.²⁷ Em sua corajosa exposição, Lutero afirmou: “Pela fé em Cristo, portanto, a justiça de Cristo se torna nossa justiça e tudo que ele possui se torna nosso, ou melhor, ele mesmo é nosso. [...] Tal fé se chama ‘justiça de Deus’ [...] esta é a justiça outorgada em lugar da justiça original que perdemos em Adão”.²⁸ Nesse sermão, Lutero proclamou aquilo que havia quase se perdido durante mil anos, ou seja, o evangelho da graça.

Tal mensagem de justificação somente pela fé contrastava diretamente com a mensagem de Roma de justificação por meio de fé *com* obras. Isso precipitou uma inflamada controvérsia. Foi dada a ordem a Lutero de apresentar-se em Leipzig diante de uma figura católica imponente, Martin Eck, mestre teólogo de Roma. No cerne deste debate estava a questão das indulgências, bem como a autoridade e infalibilidade do Papa. Lutero foi franco: negou a infalibilidade dos concílios eclesiásticos e rejeitou a autoridade papal:

Afirmo que às vezes um concílio erra e poderá ter errado, bem como não possui autoridade para estabelecer novos artigos de fé. [...] Os concílios têm se contradito. [...] Um simples leigo armado pela Escritura deve ser acreditado acima de um Papa ou concílio. [...] Para preservar as Escrituras poderemos rejeitar o Papa e o concílio.²⁹

Por meio dessa ousada confissão, Lutero atacou o nervo central da autoridade na igreja – se a autoridade suprema estava com o Papa ou com a Escritura.

Em 15 de junho de 1520, o Papa Leão emitiu uma bula, um édito papal, selado com *bull*a, o selo vermelho. Declarava que, caso Lutero não se arrependesse, seria excomungado da Igreja Católica Romana dentro de sessenta dias. Quarenta e um dos artigos de fé de Lutero foram considerados

heréticos. O édito papal começa: “Levantai, ó Senhor, e julgai a vossa causa. Um feroz javali invadiu a vossa vinha”.³⁰ A denúncia do Papa mostrava Lutero como um animal selvagem, não restringido, que precisava ser removido da igreja.

UM TINTEIRO POLÊMICO

Em vez de se retratar, Lutero mergulhou sua pena no tinteiro e escreveu três polêmicos e corajosos tratados desafiando o Papa. Em julho de 1520 escreveu *Discurso à Nobreza Cristã da Nação Alemã*. Protestava ele que o Papa e seus sacerdotes haviam construído muros artificiais que os protegiam contra qualquer reforma. Embora o Papa e sua hierarquia dissessem ter autoridade exclusiva para interpretar a Escritura, Lutero afirmava o sacerdócio de todo crente:

É pura invenção que o Papa, bispos, sacerdotes e monges sejam denominados de propriedade espiritual enquanto príncipes, senhores, artesãos e lavradores sejam chamados de propriedade temporal. [...] Todos os cristãos são verdadeiramente pertencentes ao estado espiritual, e não há diferença entre eles exceto quanto ao ofício. [...] Declarar que somente o Papa pode interpretar a Escritura é uma fábula disparatada e ultrajante.³¹

Dois meses mais tarde, Lutero publicou *O Cativo Babilônico da Igreja*. Esta obra atacava o sistema de sacrifícios da fé católica romana. Ele negou com veemência a eficácia da missa para a salvação. Igualmente, reconheceu apenas os sacramentos do Batismo e Ceia do Senhor, negando o valor dos outros cinco praticados por Roma. Opôs-se ainda a Roma por negar aos leigos o cálice da comunhão e por ensinar que a Missa é um sacrifício oferecido a Deus: “Aquilo que é afirmado sem a Escritura ou revelação comprovada de Deus pode ser considerado como opinião, mas não é necessário que se creia nisso”.³² Com tal confissão, mais uma vez Lutero afirmava que a autoridade suprema estava somente na Escritura.

No mês seguinte, novembro de 1520, Lutero escreveu um terceiro panfleto: *A Liberdade do Homem Cristão*, onde ensinava a doutrina da justificação somente pela fé, em direta contradição ao dogma católico romano. Lutero escreveu:

Até mesmo o próprio Anticristo, se aqui viesse, nada poderia acrescentar à maldade [do papado]. Um cristão é senhor de tudo, perfeitamente livre, e não está sujeito a ninguém. Um cristão é servo de todos, perfeitamente submisso a todos. Ele não necessita de obras para se tornar digno da salvação, pois a fé somente confere de maneira abundante todas essas coisas. São tragados todos os pecados pela justiça de Cristo”.³³

Enfim, Lutero respondeu a bula papal. Em 10 de dezembro de 1520, convidou uma grande multidão para fora dos muros da cidade de Wittenberg, onde impudentemente queimou o decreto papal de excomunhão, bem como outros livros de leis eclesiásticas. A audácia desse ato foi um desafio sem precedentes. Thomas Lindsay escreve: “É quase impossível para nós do século XX imaginarmos o palpitar que perpassou a Alemanha, bem como, na verdade, toda a Europa, quando se espalhou a notícia de que um pobre monge havia queimado a bula papal”.³⁴ Como o fogo que incendiava a alma de Lutero, as brasas da Reforma estavam cada vez mais quentes. Contudo, esse ato ousado fez de Lutero um homem marcado.

INTIMADO A COMPARECER EM WORMS

Carlos V, Imperador do Sagrado Império Romano, exigiu que Lutero comparecesse diante da Dieta Imperial a fim de retratar-se oficialmente. Apesar das advertências de amigos, Lutero viajou sem temor até a cidade de Worms, onde estava sendo realizada a Assembleia. Diante dos poderes políticos e eclesiásticos de seus dias, os livros de Lutero, que se encontravam em uma mesa, foram mostrados a ele. Johan Eck, oficial do arcebispo de Treves, o pressionou: “Tu os retratarás? Sim ou não?” Sentindo a grandeza do momento, Lutero pediu um tempo. No dia seguinte, 18 de abril de 1521, ele respondeu com suas palavras hoje famosas:

A não ser que eu esteja convencido pelo testemunho das Escrituras ou pela razão mais clara, (porque não confio em Papas e concílios sem tal testemunho, pois é bem sabido que eles têm errado e se contradizem), estou atado pelas Escrituras que citei, e minha consciência está cativa pela Palavra de Deus. Não posso me retratar e nem o farei, pois não é seguro nem direito ir contra a consciência. Não posso fazer outra coisa. Aqui eu permaneço; que Deus me ajude. Amém.³⁵

Com essa corajosa declaração, Lutero declarava ser a Bíblia a autoridade única sobre Papas e concílios. O machado fora lançado à raiz (Mateus 3.10). Carlos V condenou a Lutero como herege e colocou um preço sobre sua cabeça. Quando Lutero saiu de Worms, tinha vinte e um dias de passagem livre até Wittenberg, para colocar em ordem as suas obrigações. Durante a viagem, foi sequestrado por seus admiradores, que o esconderam no castelo de Wartburg, perto de Eisenach.

Compreendendo a importância central das Escrituras, Lutero se dedicou à tradução do Novo Testamento para a língua alemã, a partir do Novo Testamento grego de Desidério Erasmo.³⁶ Ele disse: “Estarei escondido aqui até a Páscoa... traduzirei o Novo Testamento para o alemão, tarefa requerida por nossos amigos. Desejo que toda cidade tenha seu intérprete, e que este

livro somente, em todas as línguas, viva nas mãos, nos olhos, nos ouvidos e nos corações de todas as pessoas”.³⁷ Lutero publicou o Novo Testamento em língua alemã em 21 de setembro de 1522, um presente notável para seus compatriotas. Esta obra de tradução fez que o fogo da Reforma se espalhasse mais depressa que nunca.

Pediram a Lutero que explicasse o crescente sucesso da Reforma. Sem vacilar, ele respondeu com confiança na Palavra de Deus: “Eu simplesmente ensinei, preguei e escrevi a Palavra de Deus. Fora isso eu não fiz nada. E enquanto eu dormia, a Palavra enfraquecia de tal maneira o papado que nem príncipe nem imperador poderiam ter infligido maiores danos sobre ele. Eu nada fiz – a Palavra fez tudo”.³⁸ O movimento protestante foi fundado somente sobre as Escrituras e assim sendo, não podia ser impedido.

CASAMENTO, MINISTÉRIO E MÚSICA

O movimento da verdade prossegue sempre causando fricção. Um acalorado debate surgiu entre Lutero e Erasmo, o grande acadêmico humanista, a respeito da natureza da salvação. Em primeiro de setembro de 1524, Erasmo publicou *Diatribes sobre o Livre Arbítrio*, se opondo à negação que Lutero fazia do livre arbítrio. Lutero intencionalmente demorou em responder o escrito de Erasmo, e, com a idade de quarenta e dois anos, casou-se com Catarina von Bora, em abril de 1525. Ela era uma freira fugida de vinte e seis anos de idade, igualmente dedicada à causa da Reforma. Lutero disse ter se casado para perturbar o Papa e “fazer os anjos regozijarem e os demônios lamentarem”.³⁹ Sua união produziu seis filhos e muita alegria para Lutero. A vida feliz em família ajudaria a amainar o crescente estresse de seu ministério que se expandia.

Em dezembro de 1525, Lutero respondeu a Erasmo, enviando sua obra magna, uma polêmica genial intitulada *O escravidão da Vontade*, que negava a liberdade da vontade humana. Este clássico do Século XVI é um dos livros de maior importância já escritos. Nele, Lutero agradece a Erasmo por não ter lhe incomodado com assuntos triviais, mas por tratar o assunto central da Reforma, ou seja, como o pecador encontra a salvação em Cristo. O livro é uma forte declaração da soberania de Deus na salvação.

Nesta obra, Lutero insiste que o pecado torna o homem totalmente incapaz de escolher a salvação. Explica ele:

A vontade humana é colocada entre os dois cavaleiros como um animal de carga. Se Deus a conduz, ela deseja e vai para onde Deus quer. Se Satanás for o condutor, a vontade quer e deseja ir somente onde Satanás deseja. Ela não pode escolher correr para um ou outro dos cavaleiros, nem o buscar. Porém, os próprios cavaleiros contendem pela posse e controle dessa vontade.⁴⁰

O diabo é o cavaleiro do homem não convertido, dizia Lutero. Satanás impede a vontade desse homem de crer em Cristo. Por outro lado, Deus é o condutor da vontade de quem ele traz ao estado de graça.

Por volta de 1527, Lutero mostrava sinais de cansaço na luta pela verdade. Era afligido por um aperto no peito, tonturas e desmaios. Sentia fraqueza tão severa que temia estar prestes a morrer. Lutero lamentava: “Gastei mais de uma semana na morte e no inferno. Todo meu corpo estava tomado pela dor, e ainda agora eu tremo. Completamente abandonado por Cristo, eu labutava sob o vacilo e as tempestades do desespero”.⁴¹ Aumentando ainda mais a sua fraqueza, a Peste Negra varria a Alemanha. Muitos fugiram, mas Lutero escolheu permanecer em Wittenberg e abrir sua casa como um hospital. No meio da crise, quase perdeu seu pequeno filho para a morte. Nesta época em que a alma estava mais esmagada, escreveu seu hino mais famoso: “Castelo Forte”, baseado no Salmo 46. Deus é “nossa defesa que não falhará”, escreveu ele. “Seu reino é para sempre!” Sem dúvida, Deus era a fonte inexaurível da força de Lutero.

UNIDADE E DIVISÕES DA IGREJA

A Reforma avançava por meio dos escritos de Lutero, e as principais cidades da Alemanha abraçaram a nova causa.⁴² Sua influência se espalhou para os países vizinhos. Estudantes universitários da Inglaterra, em Oxford e Cambridge, liam suas obras e se convertiam a Cristo e à causa da Reforma. O mesmo ocorria na França, nas universidades de Paris, Orléans e Bourgeois. Jovens vieram de todas as partes da Europa para aprender do grande reformador e sentar sob sua pregação bíblica.

Porém, logo surgiu a primeira grande desavença no movimento. Houve conflito quanto à natureza da Ceia do Senhor. Os reformadores rejeitavam enfaticamente a doutrina romana da transubstanciação. No entanto, se dividiam quanto à verdadeira natureza da Ceia. Lutero ensinava a consubstanciação, que dizia que o corpo e o sangue de Cristo estavam presentes com os elementos. Ulrich Zuínglio, em Zurique, na Suíça, afirmava que os elementos são apenas um memorial do corpo e do sangue de Cristo. Mais tarde, João Calvino, em Genebra, na Suíça, insistiria na presença espiritual de Cristo na Comunhão. A fim de resolver a divisão, foi convocado o *Colóquio de Marburg* (1529). Lutero e Zuínglio se enfrentaram e discutiram as suas posições, mas não chegaram a um acordo.

A fim de ajudar com as crescentes exigências que pairavam sobre Lutero, o Eleitor João, o Firme, deu-lhe para residência o monastério de Wittenberg (1532). Era um prédio de três andares com quarenta quartos só no primeiro andar. Ali Lutero vivia e era anfitrião de seus alunos e muitos visitantes. Os diálogos nos jantares de sua casa no mosteiro resultaram no livro *Conversa sobre a mesa*.

Até o final de sua vida, Lutero manteve um pesado fardo de trabalho. Incansavelmente, ele se entregou a dar palestras, pregações, ensino, escrita, debates e liderança. Esse trabalho cobrou fisicamente um alto preço. Cada

conflito fazia que ele perdesse um pouco de si, deixando-o mais fraco. A crescente tensão da Reforma pesava sobre seus ombros envelhecidos. Devido a cálculos de ácido úrico, artrite severa, problemas cardíacos e males digestivos, os amigos de Lutero temiam que ele morresse em 1537. Sua saúde precária fez com que diminuísse consideravelmente a sua produção literária. Mas o Senhor restaurou sua saúde e o capacitou a continuar o seu trabalho. Em 1541, novamente Lutero ficou muito doente, e achou que passaria ao mundo futuro. Porém, a graciosa mão de Deus mais uma vez o ergueu para continuar na obra da Reforma.

FIEL ATÉ O FINAL

Em 23 de Janeiro de 1546, Lutero viajava para Eisleben, sua terra natal, para arbitrar uma disputa familiar entre dois irmãos, os Condes de Mansfield. Por sua mediação, os dois se reconciliaram. Contudo, Lutero, aos sessenta e dois anos, cansado das muitas exigências de sua vida, adoeceu. Sabendo estar próximo o seu fim, escreveu seu testamento final. Começava com as palavras: “Sou bastante conhecido pelo céu e pelo inferno”,⁴³ uma declaração verdadeira do resultado de sua ousada posição durante toda sua vida.

Em seus últimos momentos, seu amigo Justo Jonas perguntou-lhe: “Queres morrer permanecendo firme sobre Cristo e a doutrina que tens ensinado?” A que Lutero respondeu enfaticamente: “Sim!” As últimas palavras de Lutero foram: “Somos todos mendigos. Isso é verdade”.⁴⁴ Morreu em Eisleben, em 18 de fevereiro de 1546, à vista da pia batismal onde ele fora batizado quando infante.⁴⁵ O corpo de Lutero foi levado a Wittenberg, enquanto milhares de pranteadores se enfileiravam no caminho do cortejo. Os sinos das igrejas toavam ante o líder tombado.

Lutero foi apropriadamente sepultado na Igreja do Castelo de Wittenberg, a igreja onde vinte e nove anos antes ele havia pregado suas noventa e cinco teses. Seu lugar de descanso foi logo abaixo do púlpito onde tantas vezes ele havia ficado em pé para pregar. Sua esposa Catarina escreveu: “Quem não se afligiria e se entristeceria com a perda de homem tão precioso quanto era meu amado senhor. Ele fez grandes coisas, não apenas para a cidade ou para uma única terra, mas para o mundo inteiro”.⁴⁶ A influência de seu marido de fato correu ao redor do globo inteiro.

Dada uma vida tão extraordinária, é necessário que perguntemos: Qual era a força motriz do ministério de Lutero? O que o tornava tão poderoso no púlpito? Quais os fatores distintos de sua dinâmica pregação? Quais os

compromissos-chave que formularam sua ousada proclamação da palavra de Deus? Nos capítulos seguintes, examinaremos alguns dos fatores que sustentavam a heroica coragem de Lutero na pregação.

Profunda Convicção Quanto à Palavra

*Até chegado o tempo em que Lutero se apresentasse diante da Dieta de Worms, já estava firmemente estabelecido em sua mente e obra o princípio **Sola Scriptura**. Somente a Escritura tem autoridade normativa absoluta. Por quê? Para Lutero, a sola de **Sola Scriptura** estava relacionada inseparavelmente à singular inerrância da Palavra de Deus. Porque os Papas podiam cometer erros e o faziam foi que Lutero veio a reconhecer a supremacia da Escritura.*¹

– R. C. Sproul

Quando Martinho Lutero assumiu sua corajosa posição, quer no púlpito quer perante cardeais e concílios, ele estava firmemente ancorado na rocha inexpugnável da Escritura. A força de sua coragem estava no fato de que Lutero era inflexível quanto a aliança que tinha com a Bíblia. Em meio a grande oposição, a verdade bíblica o fortificava e dava terreno imutável sobre o qual permanecer. Qualquer estudo do ministério de Lutero terá de começar com seu fundamental compromisso com a Palavra de Deus.

Conforme já vimos, Lutero era um pregador tão hábil e sincero no púlpito, acima de tudo, porque era profundamente dedicado à Escritura. O apóstolo Paulo escreve: “Eu cri; por isso, é que falei. Também nós cremos; por isso, também falamos” (2Co 4.13). Essa profunda convicção da verdade bíblica dava-lhe ousadia para falar de Deus. Assim, Lutero afirmou: “Deus tem me aberto poderosamente. Assim, portanto, falarei e... não me calarei enquanto eu viver”.² Lutero falava daquilo em que ele cria – e o fazia com ousadia. Essa intrépida figura não podia permanecer calada.

A peça central do ministério de Lutero era sua pregação destemida de púlpito. Ele cria que a pregação da Palavra ocupava lugar preeminente na igreja. Lutero asseverou: “O púlpito é o trono da Palavra de Deus”.³ Acrescentou: “O mais alto culto a Deus está na pregação, porque ali são louvados o nome e os benefícios de Cristo”.⁴ O renomado acadêmico de Oxford, Alistair E. McGrath comenta: “Para Lutero, a Bíblia era central tanto para a vida e o pensamento da igreja, como também para a vida devocional do cristão como indivíduo”.⁵ Lutero tinha claramente em vista que seu compromisso fundamental era com a pregação da Escritura, pois essa pregação é o principal meio de graça dado por Deus a seu povo.

Um ministério assim focado na Palavra era uma mudança radical de paradigma no Século XVI. Naquele tempo, a pregação bíblica era virtualmente inexistente na Igreja Católica Romana. Os sermões tinham sido reduzidos a curtas homilias em latim, uma língua estranha para o povo inculto. Pior, elas apresentavam dogmas romanos presos às tradições. Essas mensagens enganosas eram entregues por homens não regenerados que nem acreditavam na Palavra de Deus. Em lugar da pregação, a missa ocupava papel central na igreja romana. O púlpito era posicionado ao lado, no prédio das igrejas católicas típicas, e o altar ocupava o centro. Assim, a missa foi elevada para o principal meio de graça, eclipsando totalmente a Palavra.

Pela estimativa do próprio Lutero, a Palavra Santa de Deus era negligenciada. Ele lamentou:

A Palavra de Deus foi silenciada e apenas a leitura e o cântico permanecem nas igrejas. É o pior dos abusos. Uma multidão de fábulas e mentiras não-cristãs, nas lendas, hinos e sermões foram introduzidos, de maneira horrível de se ver. A fé desapareceu e todos eram pressionados a entrar no sacerdócio, em conventos, monastérios, e construir e paramentar igrejas. Uma congregação cristã jamais deverá se ajuntar sem a pregação da Palavra de Deus e a oração, por mais breve que seja a reunião, conforme diz o Salmo 102: “Quando o rei e o povo se ajuntam para servir ao Senhor, eles declararão o nome e o louvor de Deus”. E Paulo em 1 Coríntios 14.26-31 diz que quando se ajuntam, deve haver profecia, ensino, e admoestação. Assim, quando a Palavra não for ensinada, é bom que não se cante nem leia, nem mesmo se ajuntem.⁶

Era esse o triste estado da igreja quando Lutero surgiu. Havia fome na terra, por não ouvir a Palavra do Senhor (Amós 8.11). No entanto, nessa hora tenebrosa da história da igreja, Deus levantou esta figura extraordinária, um poderoso profeta de Deus, para novamente declarar as Escrituras. Lutero restaurou a primazia das Escrituras na igreja com uma reforma decisiva do púlpito. Embora não tenha sido Lutero o inventor da pregação, ele elevou a exposição bíblica ao seu mais alto nível desde a igreja primitiva.

Quais eram as marcas distintas do compromisso de Lutero com a Escritura? Quais as crenças fundamentais quanto à Bíblia marcaram seu ministério de púlpito? Creio que possamos identificar cinco características centrais da visão que Lutero tinha da Palavra de Deus.

INSPIRAÇÃO VERBAL

Primeiro, Lutero acreditava que a Bíblia é inspirada por Deus. Afirmava junto com o apóstolo Paulo que “Toda a Escritura é inspirada por Deus” (2Tm 3.16). Isso quer dizer que a Bíblia é a palavra escrita do Deus vivo. É este o alto terreno sobre o qual Lutero baseou seu ministério de púlpito. Ele proclamaria a voz de Deus – não os éditos de Papas ou quaisquer outros líderes eclesiásticos de seu tempo!

Apontando para as Escrituras, Lutero afirmou com confiança: “O Espírito Santo é o autor deste livro”.⁷ Confessou: “São as Escrituras de Deus e Palavra de Deus”.⁸ Além disso, defendeu que “atribuímos ao Espírito Santo toda a Sagrada Escritura”.⁹ Essa convicção era o princípio fundamental do púlpito de Lutero – como deve ser para todo e qualquer púlpito. Ele cria firmemente que quando a Bíblia fala, Deus está falando.

Lutero reconhecia que os livros da Bíblia foram escritos por seres humanos, mas estava convicto de que tais homens foram apenas autores secundários que documentavam a mensagem divina: “As Escrituras, embora escritas por homens, não são nem provêm dos homens, mas vem de Deus”.¹⁰ Lutero entendia que os escritores humanos eram mensageiros comissionados por Deus. O Autor verdadeiro da Bíblia é o próprio Deus.

Essa doutrina da inspiração divina das Escrituras elevou a visão que Lutero possuía da pregação a uma altura que havia sido perdida. Ele cria que a inspiração bíblica exigia uma pregação bíblica. A Palavra tem de ser pregada, dizia ele, porque o próprio Deus fala e é ouvido por meio dela: “A boca do pregador e as palavras que ouço não são dele – são palavras e mensagem do Espírito Santo por meio das quais ele opera em mim”.¹¹ Assim sendo, quando a Bíblia fala “nós certamente cremos que o próprio Deus nos fala”.¹² Por esta razão foi que Lutero acreditava que a pregação devia ser central à vida da igreja.

Além do mais, Lutero proclamava: “Quando um cidadão ou camponês ouve um pastor, deve dizer: realmente, eu ouço e reconheço a voz do pastor. Mas as palavras que ele fala não são dele. Não, ele seria incapaz delas. É a sublime majestade de Deus que fala por seu intermédio”.¹³ Noutras palavras, a mensagem do evangelho se origina em Deus, e não no homem. O homem é apenas instrumento por meio de quem Deus entrega sua mensagem. Lutero via a si mesmo dessa forma – como um arauto da verdade bíblica, divinamente enviado, proclamando a mensagem de Deus sobre a terra.

Em sua pregação da Palavra, Lutero reconhecia não serem seus os pensamentos transmitidos. Eram as verdades transcendentais de Deus que estavam sendo comunicadas: “Quando subo ao púlpito para pregar... não é a minha palavra que eu falo. Todo ouvinte deverá dizer: Não estou escutando São Paulo, São Pedro ou qualquer homem que fala, mas o próprio Deus”.¹⁴ Lutero insistia que, quando pregava as Escrituras, Deus falava por seu intermédio: “Deus fala por meio do pregador que traz a Palavra de Deus. É certamente a palavra de Deus como se ele mesmo estivesse nos falando”.¹⁵

Para Lutero era muito importante distinguir entre a palavra de Deus e palavras dos homens. Enfatizava ele: “Temos de fazer grande diferença entre a Palavra de Deus e a palavra do homem. A palavra do homem é um pequeno som que voa pelo ar e em pouco tempo desaparece; porém, a Palavra de Deus é maior que céu e terra, maior ainda que morte e inferno, pois ela faz parte do poder de Deus”.¹⁶ Estava convicto de que, quando a Palavra de Deus é pregada, uma mensagem eterna, que produz vida eterna, é comunicada.

Neste ponto, Lutero declarou enfaticamente: “Deus disse: ‘quando a Palavra de Cristo é pregada, eu estou em vossa boca e saio com a palavra através de vossos ouvidos até vosso coração’. Portanto, temos um sinal certo de que quando o evangelho é proclamado, ali Deus está presente”.¹⁷ Noutras palavras, Jesus Cristo está poderosamente presente na proclamação das Escrituras.

Consequentemente, Lutero resistia fortemente quaisquer supostas revelações privadas aos homens. Sonhos e visões, ele afirmava, não deverão ser pregados: “Se ouvirdes alguém jactar-se de que tem algo inspirado pelo Espírito Santo que não esteja baseado na Palavra de Deus, não importa o que seja, dizei-lhe que isso é obra do diabo”.¹⁸ Acrescentou ainda: “Aquilo que não tiver origem na Escritura, com certeza vem do próprio diabo”.¹⁹ Lutero acreditava que somente a Bíblia deverá ser pregada – e não as intuições místicas dos homens.

A teologia da pregação de Lutero pode ser resumida pela afirmação de que a pregação é o falar de Deus ao povo. Para Lutero, pregar é *Deus loquens* – Deus falando. A grandeza da pregação está no fato de que o próprio Deus é ativo sempre que o pregador permanecer obediente à Palavra e nada procurar, exceto que o povo ouça a Palavra de Deus.²⁰

INERRÂNCIA DIVINA

Segundo, Lutero estava persuadido da inerrância divina das Escrituras. Insistia que a Palavra de Deus é absolutamente pura e infalivelmente verdadeira. Embora Lutero raramente usasse o vocábulo *inerrante* ou *inerrância* com respeito à Escritura, ele insistia que ela jamais erra. Como R. C. Sproul afirma, “Lutero não era ambíguo em sua convicção de que toda a Escritura é inspirada e infalível”.²¹ Tão forte era essa convicção que Lutero achava que o princípio *Sola Scriptura* da Reforma repousava sobre a inerrância e infalibilidade da Bíblia. Sproul continua: “*Sola Scriptura* repousa, afinal, sobre a premissa da infalibilidade da Palavra de Deus”.²² Em termos simples, Lutero defendia a inerrância e infalibilidade da Bíblia.

Como Deus não pode mentir, Lutero cria que toda a Escritura se cumprirá. Afirmava ele que toda promessa será cumprida, toda profecia realizada, todo juízo completado. Declarou Lutero: “Se Deus disse, isso virá a se cumprir. Ninguém deve perguntar se algo será possível, mas sim, se Deus o disse”.²³ Como diz a Escritura: “É impossível que Deus minta” (Hb 6.18).

Lutero contendia que a Bíblia é livre de contradições porque “O Espírito Santo não se contradiz”.²⁴ Afirmava ainda: “A Escritura não se contradiz quanto a nenhum artigo de fé”.²⁵ De Gênesis ao Apocalipse, a Bíblia é a não-adulterada verdade de Deus.

Os Papas e concílios de igrejas podiam errar e erravam, insistia Lutero, mas não as Escrituras. Ele declarou: “Os apóstolos demonstram que não devemos confiar nos santos pais ou na igreja a não ser quando certos de possuírem a Palavra de Deus... somente a Escritura é inerrante”.²⁶ Ele concordava com a afirmativa de Paulo: “Seja Deus verdadeiro, e mentiroso, todo homem” (Rm 3.4). Somente Deus diz a verdade absoluta, e isso mediante a sua Palavra escrita.

Por causa de tal convicção, Lutero dizia que só se devia pregar a Bíblia:

“Deus... nos prende à sua Palavra para que aprendamos a desprezar os clamores de ‘igreja, igreja! E, padre! padre! A igreja não pode errar! A igreja não pode errar!... Temos de aprender a tirar de vista igreja, padres, templo, sacerdócio, Jerusalém, povo de Deus e tudo mais, ouvindo apenas o que Deus diz em sua Palavra”.²⁷

Lutero estava convencido de que as pessoas deveriam ouvir *apenas* o que Deus diz em sua Palavra. Entendia ele que homens pecadores estavam sujeitos ao erro, mesmo aqueles que servem em altas posições eclesiásticas. Sendo assim, todos os líderes da igreja estão sujeitos à correção e repreensão da Palavra infalível de Deus.

Consequentemente, Lutero entendia que a Palavra de Deus jamais falhará. Por isso é que, ao responder seus antagonistas papais, Lutero dizia: “Dai-me a Escritura! A Escritura! Escritura! Me ouvistes? Escritura”.²⁸ Era compelido a pregar a Palavra, não as afirmações de homens.

AUTORIDADE SUPREMA

Terceiro, Lutero estava convicto de que *somente* a Escritura – não a Escritura *mais* a Igreja Católica Romana – é a maior autoridade para todos os crentes. Em uma época quando reinavam Papa, concílios eclesiásticos e a tradição religiosa, Lutero afirmava que tudo devia ser medido pelo imutável fio de prumo da verdade bíblica. Roma via o papado como sendo *acima* da Escritura. E também elevava a tradição, os credos da Igreja, os escritos extrabíblicos e os ensinamentos dos pais da igreja como acima da Bíblia. Mas para Lutero, somente a Escritura deveria governar a igreja.

Como que se dirigindo diretamente ao Papa, Lutero declarou:

Meu querido Papa, vós não deveis dominar sobre a Escritura, nem eu ou qualquer pessoa, de acordo com nossas ideias próprias. É o diabo que toma tal atitude! Pelo contrário, devemos permitir que a Escritura nos reja e domine, não sendo nós mesmos os mestres que colocam nossas próprias loucas cabeças acima da Escritura.²⁹

Insistia que “os pregadores precisam provar o que dizem mediante a Palavra. [...] Quando exaltam a autoridade dos pais, de Agostinho, de Gregório e igualmente dos concílios, a nossa resposta é: tais não possuem autoridade sobre nós. Insistimos na Palavra”.³⁰ Elevar-se igual ou acima da Escritura é, na realidade, levantar-se contra o próprio Deus, dizia Lutero. Nenhum homem deverá contrariar a autoridade absoluta da Bíblia, nem mesmo o Papa.

Assim, Lutero declarou forçosamente: “Só a Escritura é senhor e mestre de todos os escritos e doutrinas sobre a terra. Se isso não for concedido, de que vale a Escritura?”³¹ Confessava ele: “A Palavra de Deus é tão sensível que não tolera nenhum acréscimo. Ou é suprema ou nada é”.³² A autoridade da Escritura, contendia Lutero, se estende à mínima letra ou toque de pena: “Deus nos livre de que não sejamos obrigados a seguir e guardar um risco ou

til de todo escrito de Paulo para a igreja toda e universal!”³³ Em palavras simples, a Bíblia deve ser cumprida até mesmo nos seus mínimos detalhes.

Lutero insistia especialmente que a Palavra de Deus reinasse e regesse no coração do pregador. “Ele não deve estar sujeito a ninguém e não possuir mestre algum exceto a Palavra de Deus”.³⁴ Disse ele anda: “Deus não quer nada da vossa própria iniciativa sem a sua Palavra”.³⁵ Pelo contrário: “Um bom pregador investe tudo que possui na Palavra”.³⁶ Na visão de Lutero, a Bíblia devia reinar com exclusividade no púlpito.

Todo conhecimento humano, cria Lutero, de nada vale na pregação. Assim, toda a pregação tem de ser intensamente bíblica. Ele asseverou: “Este é o resumo da questão: Que tudo seja feito para que, em vez do matracar e falatório infantil que tem sido a regra geral, a Palavra tenha livre curso... Não temos maior proveito em nada senão na Palavra”.³⁷ Acrescentou: “É impossível derivar a Palavra de Deus da razão; esta tem de ser dada do alto. Em verdade, não pregamos sabedoria humana dos filósofos, juristas, médicos ou de qualquer outra profissão. Foram os apóstolos que a transmitiram a nós, e assim, ela permanece até o fim do mundo”.³⁸ Porque a Palavra de Deus jamais passará, também a sua autoridade não passa. Portanto, ele cria que a Escritura *tem de ser pregada*. H. S. Wilson comenta: “Para Lutero, tudo tem de ser feito em sujeição à Palavra de Deus”.³⁹

Repreendendo aqueles que procuravam suplantar a Palavra de Deus com falsos ensinamentos, Lutero declarou: “A impureza doutrinária que não seja nem tenha a Palavra de Deus é um mal tão venenoso que, mesmo que São Pedro ou um anjo do céu viesse pregá-la, ainda assim seria maldito”.⁴⁰ A autoridade suprema na vida e no ministério de Lutero foi, indubitavelmente, somente a Escritura.

CLAREZA INTRÍNSECA

Quarto, Lutero ensinava a clareza das Escrituras. A igreja católica romana impedia o povo comum de ler a Bíblia, dizendo que eles não poderiam entendê-la. O Papa e outros líderes teriam de interpretá-la para os leigos, segundo Roma. Lutero, porém, dizia o contrário. Ele declarou: “Nenhum outro livro foi escrito com tanta clareza a não ser a Sagrada Escritura”.⁴¹ Disse também: “Não há sobre a terra outro livro escrito com maior lucidez do que a Escritura Sagrada”.⁴² Lutero afirmava ser a Palavra clara como cristal, de simples compreensão para cristãos comuns.

Isto é verdadeiro especialmente em relação à mensagem central da Bíblia, que, de acordo com Lutero, era comunicada por Deus com clareza, de linguagem compreensível, para ser lida por todos os povos. Ele afirmou: “A Escritura é intencionada para todas as pessoas. É suficientemente clara quanto às verdades fundamentais necessárias para a salvação”.⁴³ Tal crença fundamental levou Lutero a traduzir a Bíblia para a língua alemã. Tinha ele certeza de que, se as pessoas a lessem em sua própria língua, conseguiriam alcançar sua mensagem essencial. Ele cria que a Escritura é surpreendentemente clara naquilo que ensina a respeito da salvação.

Lutero não negava que existam partes da Bíblia de difícil compreensão, mas atribuía essa dificuldade ao leitor, e não à própria Escritura: “Admito, é claro, que existam muitos textos da Escritura que são obscuros e complicados, não devido à majestade de seu assunto, mas devido à nossa ignorância de seu vocabulário e de sua gramática, mas esses textos não impedem o conhecimento de todo assunto da Escritura”.⁴⁴ Ele acreditava que, com um estudo correto, todo o conteúdo da Bíblia poderia ser compreendido.

Em razão de crer que determinadas passagens bíblicas eram mais difíceis de entender, ele recomendava: “Se não puderdes entender o que é obscuro,

permaneçei, então com o que está claro”.⁴⁵ Em outro lugar, Lutero disse: “Se as palavras são obscuras em um lugar, contudo, noutra elas estarão claras”.⁴⁶ Ele acreditava que os versículos mais claros deviam ser empregados para interpretar aqueles que são menos claros para a mente humana. Com este princípio, Lutero afirmava que a Escritura é a melhor intérprete da Escritura.

No entanto, Lutero reconhecia que a Escritura é incompreensível para aqueles que não nasceram de novo. “Em se falando da clareza interna, nenhum ser humano enxerga um *iota* da Escritura a não ser que ele possua o Espírito de Deus. Todos os homens possuem coração obscurecido. É necessário o Espírito para se compreender a Escritura como um todo e cada parte dela”.⁴⁷ Ele cria na clareza intrínseca da Escritura, mas aceitava também o ensino bíblico de que aqueles cujos corações não foram iluminados pelo Espírito Santo estão cegos para com a mensagem da Bíblia.

COMPLETA SUFICIÊNCIA

Finalmente, Lutero tinha como certo que a Bíblia é completamente suficiente naquilo que ensina. Afirmava que, na Escritura, não falta nada que Deus queira que seu povo saiba, e que ela é capaz de realizar tudo que ele requer na vida dos crentes. O próprio Deus afirma: “Assim será a palavra que sair da minha boca: não voltará para mim vazia, mas fará o que me apraz e prosperará naquilo para que a designei” (Is 55.11). Lutero concordava veementemente que a Escritura é totalmente capaz de produzir sobre a terra os resultados que Deus quer.

Com suprema confiança na Palavra, declarou Lutero:

Portanto, consideremos como certo e conclusivamente estabelecido, que a alma possa passar sem qualquer outra coisa, com exceção da Palavra de Deus. Esta Palavra é Palavra de vida, de verdade, de luz, de pregação, de justiça, de salvação, de alegria, de liberdade, de sabedoria, de poder, de graça, de glória e de toda bênção, muito além do que temos poder de estimativa.⁴⁸

A Escritura produz todo esse bem espiritual na vida daquele que a recebe pela fé. Consequentemente, Lutero tinha profundo compromisso com a pregação da Escritura, por saber que essa pregação traria bênçãos sobre o povo.

A Palavra de Deus em tudo é suficiente, insistia Lutero, porque o próprio Deus é todo-suficiente: “Que tipo de Deus seria ele se sua palavra fosse insuficiente e carecesse de suplemento humano?”⁴⁹ Não obstante os desafios que enfrentou, Lutero afirmava que a Escritura é abundantemente adequada para capacitar o crente a permanecer firme, em pé: “Portanto, não importa o que aconteça, tu deverás dizer: Eis a Palavra de Deus. Esta é minha rocha e âncora. Nela eu confio”.⁵⁰ A Palavra de Deus era o firme fundamento para a vida de Lutero, e ele procurava fazer que ele fosse fundamental àqueles que estavam sob seu ministério de pregação.

Lutero entendia que a mente de Deus é revelada na sua Palavra: “O Espírito Santo... depositou sua sabedoria e seu conselho e todos os mistérios na Palavra e os revelou na Escritura, de sorte que ninguém pode se desculpar. Nem poderá alguém buscar algo além ou diferente disso”.⁵¹ Para que se conheça a vontade de Deus, é necessário estar sob influência única da Palavra de Deus.

Sabendo isso, Lutero estava convicto de que tinha de pregar a Escritura, pois se deixasse de fazê-lo, estaria privando as pessoas da direção espiritual que só ela provê: “Quem não consulta a Escritura não saberá absolutamente nada. Agora sabemos... como escapar da morte e do diabo, quem foi que nos redimiu, e como podemos obter esses grandes tesouros. Tais coisas aprendemos somente deste livro, das Sagradas Escrituras”.⁵² Simplesmente isso: sem a Bíblia, não temos como conhecer o caminho da salvação.

Ao repetir este ponto, Lutero afirmou: “Que a graça inenarrável é esta, que o próprio Deus fale conosco mediante a sua Palavra, e o faça de modo tão gracioso, a ponto de proclamar e oferecer sua bendita paz e reino eterno por meio dela!”⁵³ Somente à luz da Escritura, cria ele, é que podemos ser libertados das trevas espirituais: “Pois deve ser resolvido e estabelecido entre cristãos que as Escrituras Sagradas são luz espiritual de muito maior brilho do que o sol, especialmente nas coisas concernentes à salvação”.⁵⁴ Lutero reconhecia que não havia graça salvadora exceto por meio da Palavra de Deus. Portanto, ele tinha de apresentar a luz da revelação divina implacavelmente.

Em suma, Lutero estava convicto de que somente a Escritura é suficiente para conduzir um pecador ao conhecimento salvífico de Jesus Cristo: “Temos de saber que Deus ordenou que ninguém venha ao conhecimento de Cristo ou obtenha a remissão dos pecados, por ele comprada, ou o Santo Espírito, sem os meios gerais e externos. Deus depositou este tesouro na Palavra falada do ministério”.⁵⁵ Lutero acreditava que, quando o povo é impedido de conhecer a Escritura, a salvação era também impedida. Mas ele

via e ensinava que onde a Palavra é pregada, é presente o poder de Deus para a salvação.

O MANDATO BÍBLICO

Lutero era um pregador inflexivelmente impelido pela Palavra. No seu ministério de púlpito, tinha profundo compromisso com a exposição das Escrituras. As doutrinas da inspiração verbal e inerrância divina exigiam que ele pregasse a verdade bíblica. A suprema autoridade da Escritura necessitava que ele proclamasse a Palavra de Deus para os seus dias. A inerente clareza e completa suficiência da Palavra exigiam que se tivesse uma Bíblia aberta em seu púlpito. Ele *tinha* de pregar a Palavra.

Sproul defende que “no centro de toda a disputa [da Reforma] estava a questão da autoridade, especificamente a questão da autoridade da Escritura”.⁵⁶ Noutras palavras, o movimento protestante foi uma “crise a respeito da Palavra de Deus”.⁵⁷ Como explica o renomado historiador da igreja, Philip Schaff, quando os reformadores começaram a pregar e a traduzir as Escrituras, “a Bíblia, outrora um livro apenas para os sacerdotes, agora era traduzida novamente e melhor, nas línguas dos vernáculos da Europa, sendo um livro para o povo. Todo homem cristão podia daí em diante ir até a fonte da inspiração, sentar-se aos pés do Mestre divino, sem a permissão ou intervenção sacerdotal”.⁵⁸ Este era o coração da Reforma, e Lutero foi a pulsação deste movimento.

Afirmou Lutero: “A Palavra de Deus é a maior, a mais necessária e mais sublime parte da Cristandade”.⁵⁹ Portanto, ele estava decidido a pregar a Palavra no desempenho de seu ministério. Disse ele: “Podemos abrir mão de tudo, exceto da Palavra”.⁶⁰ Pregar a Palavra é a missão principal da igreja. Toda reforma e todo reavivamento é marcado por um retorno decisivo à centralidade da pregação bíblica.

Essa espécie de pregação é desesperadamente necessária nos dias atuais. As terríveis dificuldades em que a igreja se encontra hoje requerem que os pregadores sejam despertados por Deus – homens como Lutero – que

proclamem com fidelidade e com coragem inabalável, todo o conselho da Palavra de Deus. Como vai o púlpito, assim vai a igreja. Nenhuma igreja subirá além da força de sua pregação bíblica. Se houver uma nova reforma nos dias atuais, ela tem de ser precedida por uma restauração da pregação expositiva, estimulada por profunda convicção quanto à Palavra de Deus.

Implacável Impulso no Estudo

Para Lutero, a importância do estudo estava de tal modo entretecida na sua descoberta do verdadeiro Evangelho, que ele não poderia tratar o estudo como algo menos importante que absolutamente crucial, dando vida e formando a história. O estudo foi seu portal de entrada ao evangelho, à Reforma e a Deus... O estudo era importante. A sua vida, e a vida de sua igreja, dependiam dele.¹

– John Piper

Martinho Lutero era um homem assombrosamente brilhante.² Depois de ganhar os graus de bacharel e de mestrado da Universidade de Erfurt, recebeu o grau de Doutor em Teologia na Universidade de Wittenberg. Destacou-se ainda como acadêmico surpreendente enquanto servia como professor de Bíblia. Além disso, foi autor prolífero: seus sermões, palestras, correspondências, devocionais e tratados abrangem mais de cem volumes em suas edições em alemão e latim. Ainda assim, eles são apenas uma parte de sua produção literária.

Lutero trouxe seu aguçado intelecto ao estudo do texto bíblico. Era de suma importância o estudo da Bíblia no preparo de seus sermões, e, para isso, ele dedicou esforços extraordinários. Sabia que para estar inteiramente preparado para subir ao púlpito, teria de dedicar longas horas ao exame diligente das Escrituras. Por meio desses longos períodos concentrados de estudo, Lutero dominou as profundas verdades da Bíblia.

Assentar-se diante de uma Bíblia aberta é muito mais estrênuo, dizia Lutero, do que o labor físico na lavoura ou na fábrica. Embora alguns considerassem um trabalho ocioso o sentar-se por muitas horas, Lutero

sabia o contrário: “O estudo é meu trabalho. É o trabalho que Deus quer que eu realize, e se ele disse se agradar, Deus abençoará meu trabalho”.³ Desse trabalho que exigia dele o máximo, Lutero escreve:

Queria ver o cavaleiro que conseguisse ficar sentado comigo o dia inteiro, olhando para um livro – mesmo que ele não tivesse mais nenhum cuidado, nenhuma preocupação para escrever, pensar ou ler. Pergunte ao pregador se escrever e falar é trabalhoso... É verdade que a pena é leve, mas ao escrever, a melhor parte do corpo (a cabeça), e o membro mais nobre (a língua), e a mais alta faculdade (que é a fala) tem de agarrar o trabalho como nunca antes visto. Em outras ocupações, é só o pé ou as costas ou outro membro que tem de trabalhar; e enquanto isso, eles podem cantar e fazer piadas, o que o escritor não pode fazer. Dizem do escrever que “só leva três dedos para fazer” – mas o corpo inteiro, bem como a alma, tem de estar neste trabalho.⁴

Fica claro o entendimento de Lutero de que o preparo de sermões é um trabalho mental e espiritualmente árduo. No entanto, ele estava disposto a se disciplinar em estudo rigoroso da Escritura, a fim de sua pregação ser revestida do poder divino. E ele via isso como tarefa fundamental do pregador. Lutero disse: “Que os ministros exerçam diligentemente os seus estudos, constantemente se ocupando deles. Que continuem firmemente na leitura, no ensino, no estudo, na ponderação e meditação. Não deixem que cessem antes de descobrir e obter certeza de ter ensinado o diabo até a morte”.⁵ Estudo dessa espécie era fundamental para o ministério de pregação de Lutero.

Neste capítulo, quero considerar alguns aspectos do estudo pessoal da Bíblia que Lutero fazia em preparo para subir ao púlpito. Creio que podemos ressaltar cinco maneiras nas quais era destacado o seu estudo para a pregação.

HUMILDE SUBMISSÃO

Primeiro, Lutero reconhecia a sua incapacidade de compreender as Escrituras a não ser a partir de uma postura humilde. Entendia claramente que, antes de entrar em seu escritório para o estudo da Palavra, tinha de prostrar-se diante do Deus da Palavra. Sem dúvida ele considerava as palavras de Jesus: “Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios e instruídos e as revelaste aos pequeninos” (Mt 11.25). Sendo assim, Lutero reconhecia que ao estudar a Bíblia, não obstante quão inteligente era, se quisesse alcançar a verdadeira interpretação, ele teria de começar com submissão em oração:

É absolutamente certo que não podes entrar no significado da Escritura apenas pelo estudo ou inteligência inatos. Tua primeira tarefa será começar com oração. Tens de pedir que o Senhor, em sua grande misericórdia, te conceda uma compreensão verdadeira das suas palavras, se for do seu agrado que tu realizes qualquer coisa para glória divina e não para a glória tua ou de qualquer homem. Não há quem possa ensinar as palavras divinas, senão o próprio autor, conforme ele diz: “E serão todos ensinados por Deus” (João 6.45). Deves, portanto, desistir de toda diligência e inteligência própria e dependeres inteiramente na infusão do Espírito. Crê-me, pois nisso tenho tido bastante experiência.⁶

Afirmando ainda que a oração humilhante de alma é a chave essencial para a descoberta do significado do texto, Lutero disse: “O Escrito Sagrado tem de ser tratado com temor e humildade, e penetrado mais pelo estudo com oração piedosa do que com aguçado intelecto”.⁷ Ele cria que tal oração produziria a iluminação do Espírito: “Porém, ajoelha-te no teu pequeno quarto particular e ora a Deus com verdadeira humildade e sinceridade, para que mediante seu amado Filho ele dê o seu Santo Espírito, que te iluminará, te guiará e te dará entendimento”.⁸ Lutero acreditava claramente que a postura modesta da humilde oração é necessária para produzir uma compreensão certa da Palavra de Deus.

Para Lutero, tal humildade nascia de seu profundo deslumbramento diante de Deus. Como escreve Hughes Oliphant Old, “O temor apavorante de Deus o levava a cair de joelhos”.⁹ A alma de Lutero era tomada do santo temor de Deus, reverência essa que implantava autêntica humildade em seu interior. Escrevendo sobre essa postura, Lutero declarou: “Devemos ouvir a Palavra de Deus com temor e estudá-la com humildade. Não há piada com a Palavra de Deus. Se não consegues entendê-la, pelo menos tira o chapéu diante dela... é de sinceridade mortal que a Palavra insista em ser honrada e obedecida”.¹⁰ Ele afirmava que o pregador enxerga o significado da Escritura com maior clareza com uma postura de humildade.

Além do mais, Lutero acreditava que Deus se opõe a todos que se aproximam das Escrituras com orgulho no coração. Disse ele:

A Escritura requer corações humildes, que tenham a Palavra de Deus em honra, amor e valor. O Espírito Santo resiste aos soberbos, e não habita com eles. Embora alguns [pregadores] durante algum tempo estudem com diligência as Escrituras Sagradas, ensinando e pregando Cristo com retidão, porém, no momento em que se tornam orgulhosos, Deus os exclui da igreja.¹¹

Com certeza a Bíblia diz: “Deus resiste ao soberbo, mas dá graça ao humilde” (1 Pedro 5.5). Assim, Lutero entendia que ninguém poderia estudar as Escrituras corretamente com orgulho no coração.

Finalmente, Lutero cria que o pregador tinha de buscar a piedade pessoal para aproximar-se corretamente da Bíblia. Nesse ponto, Lutero declarou: “É impossível para aqueles que dependem exclusivamente de seus intelectos – correndo para as Escrituras com pés sujos, como porcos, como se a Escritura fosse apenas um conhecimento humano – que eles não se firam e firam as outras pessoas a quem instruem”.¹² Ele entendia que a santidade era necessária para o pregador alcançar o significado essencial do texto bíblico.

INFLUXO DA ESCRITURA

Segundo, Lutero achava essencial que o preparo de sermões incluísse a leitura diligente da Bíblia. Entendia ele que se quisesse pregar bem, teria de conhecer profundamente as Escrituras. Cada uma de suas exposições bíblicas refletia horas concentradas de leitura cuidadosa da Palavra. Thomas Harwood Pattison observa que: “O seu amor pela Escritura fez de Lutero um grande pregador bíblico. O próprio Lutero tinha fome de conhecer mais as Escrituras, como alguém a quem por muito tempo tivesse sido negado o alimento necessário”.¹³ E o historiador Jaroslav Pelikan, diz: “Ele estava de tal maneira saturado pela linguagem e pelo pensamento da Bíblia que muitas vezes a citava sem estar consciente disso”.¹⁴ Em palavras simples, Lutero devorava o texto bíblico com voraz apetite.

Continuamente, Lutero lutava com as palavras dos escritores bíblicos. Refletindo sobre suas muitas horas gastas examinando as Escrituras, ele disse:

Quando jovem, eu me familiarizei com a Bíblia. Ao lê-la vez após vez, passei a conhecer o caminho em meio a ela. Só depois disso é que consultei escritores [de livros a respeito da Bíblia]. Mas finalmente, tive de tirá-los todos de minha vista e lutar com a própria Bíblia. É melhor ver com os próprios olhos do que com olhos de outros.¹⁵

Em outro lugar ele escreveu: “Já há alguns anos, eu tenho lido a Bíblia inteira duas vezes no ano. Se você imagina a Bíblia como uma poderosa árvore, e cada palavrinha um pequeno galho, eu sacudi cada um desses galhos porque queria saber o que era e o que significava”.¹⁶ Essa leitura implacável da Bíblia foi uma das principais ocupações de sua vida.

Lutero sabia que os pregadores seriam tentados a evitar a Escritura procurando os comentários, mas asseverou que a Escritura tem de ser a leitura principal. Acautelou: “A Bíblia estará enterrada sob uma massa de

literatura a respeito da Bíblia, negligenciando o próprio texto”.¹⁷ Lutero consultava muitos comentários, mas jamais negligenciou a leitura diligente da Escritura.

Lutero temia que até mesmo a leitura dos pais da igreja pudesse substituir a verdadeira leitura da Bíblia. “A leitura dos santos pais deverá ser só por curto tempo, para que por meio deles sejamos conduzidos às Sagradas Escrituras”.¹⁸ O perigo, dizia ele, é que um homem gaste tanto tempo lendo os pais que “nunca chegue a ler as Escrituras”.¹⁹ Lutero ainda afirmava: “Somos como homens que sempre estudam os sinaleiros e nunca viajam pela estrada. Os queridos pais desejavam que, por seus escritos, fôssemos conduzidos às Escrituras, mas nós os empregamos para nos afastar das Escrituras”.²⁰ Para Lutero, tinha de haver um influxo total das Escrituras antes que pudesse haver um transbordar da verdade bíblica na pregação.

Ele testemunhou a negligência da leitura bíblica pessoal da parte de muitos no ministério, e Lutero lamentou: “Alguns pastores e pregadores são preguiçosos e não servem para nada. Dependem de... livros para conseguir produzir um sermão. Não oram, não estudam, não leem, não examinam as Escrituras. Não são nada senão papagaios e gralhas que aprenderam a repetir sem entendimento”.²¹ Desprezar a leitura pessoal do texto bíblico, Lutero cria, era ser subdesenvolvido no púlpito.

Considerava sua obrigação labutar diariamente na Bíblia. Quanto a isso Lutero declarou: “Somente a Escritura é nossa vinha em que todos devemos lutar e laborar”.²² Os pregadores não devem nunca se desviar para outros campo, porém, manter-se imersos na Escritura. Ele disse: “O chamado é vigiar, estudar, estar atento para a leitura”.²³ Isso, ele sentia, era o primeiro dever do pregador.

Lutero via o poder da pregação como ligado diretamente ao compromisso do pregador com a Palavra de Deus: “O melhor pregador é aquele que melhor conhece a Bíblia; que a guarda não só na memória como também na mente; que entende seu verdadeiro significado, e o trata com efetividade”.²⁴

Noutras palavras, um conhecimento profundo do texto prepara o homem para se tornar grande força no púlpito, Disse ele: “Aquele que conhece bem o texto da Escritura é teólogo distinto”.²⁵ Essa saturação bíblica era característica de Lutero, e impactou profundamente os seus sermões.

INTERPRETAÇÃO LITERAL

Terceiro, Lutero lia e estudava a Bíblia com um compromisso de interpretar o texto literalmente. Procurava descobrir o significado comum e normal da Bíblia. Com essa abordagem, ele abandonou a tradicional interpretação alegórica da Palavra para buscar um senso histórico-gramatical.²⁶ Tragicamente, a Bíblia tinha sido espiritualizada durante muitos séculos antes da Reforma. Como consequência, seu significado tinha se perdido. Lutero, porém, reverteu essa tendência, procurando compreender o significado mais claro do texto bíblico.

Lutero advertiu sobre a atração sedutora de espiritualizar o texto bíblico: “Uma alegoria é como uma bela meretriz que acaricia os homens de uma forma impossível de não amá-la”.²⁷ Ele compreendia que a alegorização fazia a Bíblia dizer qualquer coisa que o pregador quisesse, torcendo seu significado. As interpretações alegóricas devem ser rejeitadas como “especulações vazias” e “a escuma da Escritura Sagrada”.²⁸

Lutero confessava ter sido seduzido anteriormente pela abordagem alegórica, mas tinha visto o caminho melhor: “Quando eu era jovem, especialmente antes de conhecer a teologia, eu lidava principalmente com alegorias, tropos e grande quantidade de artes inúteis; mas agora deixei tudo isso para trás, e minha melhor habilidade é oferecer as Escrituras - e com seu significado mais claro, pois o significado simples é aprendizado e vida”.²⁹ Em outro lugar ele disse: “Quando monge, eu era mestre no uso de alegorias. Fazia alegorias de tudo. Mais tarde, através da Epístola aos Romanos, vim ao conhecimento de Cristo. Reconheci então que as alegorias nada são; que não é o que Cristo *significa*, mas o que Cristo **é** que conta”.³⁰ Uma vez convertido Lutero não podia mais peneirar o significado da Escritura.

Ao explicar seu método interpretativo, Lutero disse que as palavras da Escritura “devem ser retidas em seu significado mais simples, sempre que

possível. A não ser que o contexto manifestadamente o compila, elas não devem ser entendidas a não ser no seu sentido gramático e correto”.³¹ Advertiu: “Não se pode dizer que as Escrituras ou a Palavra de Deus tenham mais do que um sentido”.³² Em termos simples, insistia: “Na interpretação da Escritura Sagrada a principal tarefa será entender dela um significado certo e claro”.³³ Ele via a hermenêutica direta, clara e literal como a melhor abordagem para a compreensão da Escritura.

Lutero era extremamente zeloso quanto à necessidade dessa aproximação, defendendo que qualquer que se afaste do significado único da Escritura tenha de responder por isso. “Qualquer um que se atreva a interpretar as palavras da Escritura de maneira diferente do que elas dizem, tem a obrigação de provar o que diz a partir do texto da mesma passagem ou por um artigo de fé”.³⁴ Ele não via apoio razoável para se abandonar o significado literal de uma passagem. Sendo assim, asseverou: “O leitor cristão deve, em sua primeira tarefa, procurar o sentido literal”.³⁵ Lutero tinha um compromisso inegável com a interpretação literal.

Para se chegar ao significado exato de um texto, Lutero sabia ser necessário prestar atenção ao conteúdo literário. Disse ele que os pregadores tinham de “prestar cuidadosa atenção nas palavras, comparando o que precede com aquilo que segue uma determinada passagem, em vez de dar suas próprias noções a palavras ou frases que tenham tirado fora de contexto”.³⁶ Ele reiterou: “Não é válido... escolher uma palavra e ficar repetindo-a. É preciso considerar todo o texto dentro de seu contexto”.³⁷ Tais palavras mostram que Lutero era zeloso por evitar erros de interpretação pela negligência da passagem adjacente.

Sobre essa abordagem literal, R. C. Sproul escreve: “Um verbo tem de ser interpretado como um verbo, um substantivo como substantivo, uma parábola como parábola, literatura didática como literatura didática, história narrativa como história narrativa, poesia como poesia, e assim por diante”.³⁸ Era exatamente isso que Lutero dizia:

Em todo lugar temos de aderir ao significado simples, puro e natural das palavras. Isso está em acordo com as regras gramaticais e uso da fala, os quais Deus deu aos homens. Se a todos for permitido inventar conclusões e figuras de linguagem a seu bel prazer... nada poderia ser determinado ou provado com certeza sobre qualquer único artigo de fé, pois os homens poderiam encontrar alguma falta por meio de uma figura de linguagem. Temos de evitar como veneno mortal toda linguagem figurada que a própria Escritura não nos impele a ver numa passagem.³⁹

A interpretação literal tornou-se uma das características distintas da Reforma. Cada reformador dava atenção cuidadosa à gramática e sintaxe dos textos bíblicos que pregava. O conteúdo circundante e a intenção do autor eram também considerações chaves, como também eram as figuras de linguagem e o pano de fundo histórico. Nessa questão, como em tantas outras, Lutero foi líder no movimento protestante.

LÍNGUAS ORIGINAIS

Em quarto lugar, Lutero se dedicava à cuidadosa exegese do texto bíblico nas línguas bíblicas originais, hebraico e grego, como também na língua dos estudiosos de sua época, o latim. Declarou: “O professor que queira expor as Escrituras deverá conhecer, além do latim, o grego e o hebraico. De outra forma, será impossível evitar constantes tropeços”.⁴⁰ Ele cria que era indispensável conhecer essas línguas antigas para obter uma compreensão verdadeira do texto bíblico.

Na divina providência, o principal humanista dos tempos de Lutero, Desidério Erasmo de Roterdã, tinha terminado um esforço de dez anos de coligir e conferir diversos manuscritos gregos do Novo Testamento em 1516, exatamente um ano antes de Lutero pregar suas Noventa e Cinco Teses na porta de Wittenberg. Até essa época, tais manuscritos estavam guardados em diversos monastérios por toda a Europa, e eram de mui difícil acesso. Os acadêmicos possuíam, para o estudo das Escrituras, apenas os textos em latim. O Novo Testamento grego de Erasmo teve impacto extraordinário sobre o ministério de Lutero e sobre a Reforma.⁴¹ Com ele, Lutero pôde ir além da tradução para o latim até o significado preciso da língua em que o Novo Testamento foi escrito. Isso significou que ele pôde ir *ad fontes* – até as fontes – do ensino bíblico.

Qualquer que fosse o texto e fosse qual fosse a língua, Lutero dava cuidadosa atenção ao significado das palavras, à gramática, sintaxe e aos tempos verbais. Era surpreendentemente versado nas línguas originais. Disse ele:

Sem as línguas, não poderíamos ter recebido o Evangelho. As línguas são... a caixa que contém as joias preciosas do pensamento antigo; são o vaso em que se contém o vinho; e, como diz o evangelho, são as cestas nas quais os pães e peixes são guardados a fim de alimentar a multidão. Se negligenciarmos a literatura, acabaremos perdendo o evangelho.⁴²

Lutero reconhecia que Deus dera a sua Palavra em linguagem humana, e assim, compreendia a importância de conhecer tais línguas a fim de interpretar corretamente as Escrituras.

Lutero traçou sua conversão ao entendimento do evangelho que ele obteve mediante o conhecimento das línguas originais. Escreveu: “Se as línguas não tivessem me tornado certo do significado da palavra [*justiça*, conforme Romanos 1.17] eu talvez tivesse permanecido um monge algemado, ocupado em quietamente ensinar erros romanos na obscuridade do claustro. O Papa, os sofistas e seu império anticristão teriam permanecido inabalados”.⁴³ O conhecimento das línguas bíblicas deu a Lutero compreensão precisa do evangelho e aumentou sua segurança quanto ao seu significado.

Além disso, Lutero acreditava que um pregador que não conheça as línguas originais está sujeito a erros no entendimento do próprio texto. Ele declarou: “Sei que de fato, aquele que tem de pregar e expor a Escritura sem a ajuda das línguas latim, grego e hebraico, tendo de fazê-lo inteiramente com base na sua língua materna, cometerá muitos erros”.⁴⁴ Em outro lugar, forçou ainda mais a questão: “É pecado e uma vergonha desconhecer o nosso próprio livro ou não entender o falar e as palavras de nosso Deus; é ainda maior pecado e perda não estudarmos as línguas originais”.⁴⁵ Por meio desses comentários, Lutero ressaltou a importância de consultar as línguas originais no preparo de sermões. Ele disse candidamente: “Existe verdade no dito popular: Quem não entende a língua perde o significado e é capaz de confundir uma vaca com um cavalo”.⁴⁶ Assim, Lutero cria que o pregador não podia pregar de forma acertada ou confiantemente se não conhecesse as línguas originais.

Lutero acreditava que a mensagem do evangelho é preservada em sua precisão nas línguas originais. Afirmou: “Não preservaremos o evangelho por muito tempo sem as línguas originais”.⁴⁷ Novamente afirmou: “É

inevitável, a não ser que as línguas [de grego e de hebraico] sejam preservadas, que o Evangelho tenha de finalmente perecer”.⁴⁸ Assim, estava convicto de que todos os pregadores tinham de estudar a Bíblia nas línguas originais: “Os jovens pastores devem estudar hebraico, com o fim de poder comparar as palavras hebraicas com as gregas, a fim de discernir suas propriedades, natureza e força”.⁴⁹ Era a opinião de Lutero que o conhecimento das línguas originais seria ferramenta indispensável para os pregadores.

Em termos simples, Lutero achava que a fluência nas línguas originais daria ao pregador mais esclarecimento em seus estudos, e, portanto, maior poder em sua pregação. Afirmava: “As línguas originais são a bainha em que a Espada do Espírito é contida”.⁵⁰ Ou seja, o estudo diligente das línguas originais desembainha o poder do evangelho na pregação.

ILUMINAÇÃO DO ESPÍRITO

Quinto, enquanto Lutero estudava, estava plenamente cômico de que dependia da obra do Espírito Santo de iluminar seu estudo. Se quisesse entender o texto bíblico, o próprio Deus teria de esclarecê-lo. A Bíblia é um livro sobrenatural que só é entendido pela obra sobrenatural do Espírito. O intelecto humano sozinho não consegue compreender seu significado. Sendo assim, Lutero afirmava: “As pessoas que possuem desejo ardente e anelo da Palavra reconhecem com gratidão que esse afeto foi instilado nelas pelo Espírito Santo”.⁵¹

Conforme já vimos, Lutero enfatizava a importância de estudar a Bíblia nas línguas originais. No entanto, sabia que apenas o estudo não era suficiente: “Compreender não é meramente conhecer as palavras e a gramática e chegar ao significado literal, embora tudo isso tenha seu lugar e valor. É adentrar seu verdadeiro significado, sentir seu vivo poder conforme outorgado pelo Espírito de Cristo”.⁵² Tal entendimento interior do texto bíblico é obra do Espírito. Lutero afirmou: “Estai certos de que ninguém pode fazer um Doutor da Escritura Sagrada, exceto o Espírito Santo vindo do céu”.⁵³ Por exemplo, quanto à justificação pela fé, Lutero declarou: “Esta doutrina não é aprendida ou adquirida mediante qualquer estudo, esforço ou sabedoria humana, mas é revelada pelo próprio Deus”.⁵⁴ Lutero era brilhante acadêmico, com profundo conhecimento da Escritura; porém, sabia que dependia totalmente do Espírito para iluminar sua mente no estudo de uma passagem bíblica.

Repetidamente, Lutero enfatizou que sem o Espírito, não poderia entender a mensagem que Deus queria que proclamasse. Insistia: “A Escritura é a espécie de livro que requer não apenas a leitura e a pregação, como também o intérprete certo: a revelação do Espírito Santo”.⁵⁵ Afirmou ainda: “Ninguém poderá entender Deus ou sua Palavra corretamente sem

que tenha recebido tal entendimento diretamente do Espírito Santo. [...] O Espírito Santo nos instrui como que em sua própria escola, fora da qual nada se aprende senão palavras vazias e conversa mole”.⁵⁶ Lutero gastava longos dias sob a tutela do Espírito enquanto se preparava para pregar a Palavra. Sob essa influência divina, ele estava corretamente instruído na verdade bíblica.

UM COMPROMISSO COM O ESTUDO

Assim como Lutero tinha compromisso com o estudo das Escrituras, assim devem fazer todos que pregam a Palavra de Deus hoje. Cada homem que sobe ao púlpito deve fazê-lo em humilde submissão ao senhorio de Cristo. Dessa humilde posição, deverá se empenhar em muita leitura da Escritura, praticar a interpretação literal, e fazer uso das línguas originais no estudo do texto. Além disso, deverá estar na completa dependência do Espírito de Deus para iluminar seu entendimento da Escritura. Cada um desses componentes é essencial para se alcançar o verdadeiro significado da Palavra de Deus.

É dever, dado por Deus, que cada pregador proclame aquilo que veio a compreender em seu estudo. Lutero escreveu: “Ele comunica aos outros qualquer bem que Deus lhe tem dado, e desta forma auxilia na explicação das Escrituras”.⁵⁷ Cada homem que se posta em público diante da Bíblia aberta, terá de primeiramente encontrar-se com Deus em secreto para estudar o texto bíblico. Quando ele enfrenta a sua congregação, declara aquilo que já descobriu em particular nas Escrituras.

Lutero testificou quanto à Palavra de Deus: “É um poço de tal espécie que, quanto mais água se tira e bebe, mais se tem sede dela”.⁵⁸ Lutero era um pregador tão fecundo porque era um estudioso tão prolífero da Sagrada Escritura. Somente quando o pregador for saturado pela verdade bíblica é que poderá ministrar de modo efetivo a Palavra para os outros. Noutras palavras, ele tem de pregar a Escritura da abundância de seu próprio coração. Como Lutero, quanto mais ele aprende, mais desejará aprender.

Como foi com Lutero, deve ser assim para cada pregador. Deverá ter ímpeto implacável de mergulhar mais profundamente na Palavra. Então, terá de expor as preciosas joias que descobriu no texto bíblico. Será sua

alegria demonstrar diante dos olhos vigilantes de sua congregação as gemas preciosas da graça soberana de Deus.

Firme Compromisso com o Texto

Temos de afirmar com Martinho Lutero que a pregação da Palavra é a primeira marca essencial da igreja. Lutero acreditava tão firmemente na centralidade da pregação que afirmou: “Agora, sempre que ouvir ou ver esta Palavra pregada, crida, professada e vivida, não duvide de que a verdadeira ecclesia sancta catholica (santa igreja universal) tem de estar ali... A Palavra de Deus não pode estar sem o povo de Deus e, da mesma maneira, o povo de Deus não pode ficar sem a Palavra de Deus.”¹

– R. Albert Mohler

Tendo feito estudo completo da Escritura, Martinho Lutero estava pronto a expor o texto específico diante dele. Subia ao púlpito sem um manuscrito da pregação ou notas extensas. Levava, em vez disso, o que ele chamava de *konzept*, um breve esboço de sua mensagem. Portava também sua Bíblia em língua alemã, o texto que ele próprio havia traduzido no Castelo de Wartburg. Depois de muito estudo, meditação e oração, Lutero se colocava bem equilibrado, pronto a entregar sua exposição centrada na Bíblia.²

Para Lutero, o sermão começava com o texto bíblico, permanecia com o texto e terminava com o texto. Em termos simples, era um pregador impelido pela Palavra. Sua introdução servia simplesmente para orientar o ouvinte ao texto bíblico. O corpo principal do sermão explicava e aplicava a passagem. Sua conclusão fazia um resumo final do texto e um apelo ao que estava contido nele. Toda parte do sermão era projetada de modo a explanar o texto bíblico à congregação.

Estando em pé ao púlpito, o que vinha da boca de Lutero era extensão direta de seu diligente estudo das Escrituras. Quanto mais fundo mergulhava no texto, mais alto ele subia, e mais alto seus ouvintes eram elevados à adoração. Lutero focava a profundidade de sua pregação e confiava em Deus para a abrangência de sua influência sobre os ouvintes. Sabia que qualquer sucesso que viesse de seu sermão saturado de Bíblia só poderia ser atribuído a Deus. Na verdade, não existe explicação para os efeitos de tão longo alcance do ministério de púlpito de Lutero a não ser por Deus, em sua soberania, ter escolhido honrar a sua Palavra. Com certeza, Deus honra as pessoas que honram a sua Palavra, e Lutero era um homem dessa estirpe.

Hughes Oliphant Old comenta que para Lutero, “a pregação é fundamentalmente uma interpretação e aplicação da Escritura Sagrada. Pregar é questão de ler a Bíblia, explicar seu significado para a vida da congregação, e insistir que o povo de Deus viva segundo a Palavra de Deus. Isso, é claro, é o que encontramos Lutero a fazer”.³ Lutero realmente cria que deveria simplesmente ler o texto, explicar o texto e aplicá-lo. Na sua pregação, Lutero tinha firme compromisso com as Escrituras.

Neste capítulo, meu propósito é dar uma visão geral do desenvolvimento e partes específicas da estrutura dos sermões de Lutero. Qual era o arcabouço essencial sobre o qual Lutero dependurava seus pensamentos? Quais eram as partes componentes de sua exposição bíblica? Acredito que merecem destaque sete passos distintos ou ênfases nos sermões de Lutero.

INTRODUÇÃO CONCISA

Lutero começava seu sermão com uma introdução direta e concisa. Suas palavras iniciais eram uma pequena ponte para o corpo do sermão, com intenção de orientar os seus ouvintes diretamente ao texto bíblico. Ele não começava citando outro teólogo nem um pai da igreja ou figura destacada no mundo nem contando uma história pessoal. Em vez disso, Lutero apontava imediatamente a seus ouvintes a passagem bíblica que estava diante deles.

John W. Doberstein, editor da versão norte-americana das *Obras de Lutero*, resume a abordagem da introdução dos sermões de Lutero da seguinte forma:

Lutero anuncia o texto, faz uma conexão com o texto do sermão anterior que pregou... e comenta a importância teológica do texto, ou discorre sobre seu significado para deixá-lo bem claro desde o início. Às vezes, começa ressaltando as implicações pastorais e práticas... ou resumindo seu conteúdo em uma proposição... Tudo que ele diz serve para expor e proclamar o texto, mantendo sempre em mente o pensamento básico e o impulso do texto.⁴

Como demonstra Doberstein, Lutero empregava claramente uma abordagem minimalista em sua introdução.

Segue aqui uma introdução típica da exposição versículo por versículo de Lutero ao Evangelho de João. Nela, vemos como Lutero imediatamente orientava seus ouvintes ao texto bíblico, que era João 1.15-16. Seus comentários de abertura cobrem apenas três parágrafos. No primeiro, ele recapitulou o que havia exposto nas suas mensagens anteriores sobre o evangelho de João:

Até agora temos visto o evangelista São João descrever como o Verbo eterno se tornou homem, ou carne, como habitou entre nós para que víssemos a sua glória, glória do unigênito Filho de Deus, cheio de graça e verdade. Vimos que ele é livre de pecado e dolo, sem o mínimo traço de engano ou falsidade, mas perfeito em palavra e ação; que ele está cheio de graça diante de toda a humanidade, ou seja, sem pecado, ira ou indelicadeza; que ele é pleno

da verdade, isto é, todos os seus atos não são apenas fachada, mas verdadeiros, sinceros e essencialmente bons. Tal retrato do Filho de Deus o destaca de todos os demais filhos dos homens.⁵

No segundo parágrafo, Lutero liga estas verdades à vida das pessoas de sua congregação. Ele o faz por meio do uso do pronome pessoal *nós*. Isso estabelece a ligação entre o texto da Escritura e a vida de seus ouvintes:

Nosso retrato como seres humanos é bem o contrário. Depois da queda de nossos primeiros pais, Adão e Eva, no paraíso, deslizamos da graça para a ira, da verdade para mentiras, da justiça para o pecado, da vida para a morte. Caímos no desfavor de Deus; agora somente pecado, ira, desfavor e engano se encontram em nós. Toda nossa atividade, nossa sabedoria, todos os nossos pensamentos e desejos nas questões pertinentes a Deus não são mais sinceros e verdadeiros, mas pura falsidade, engano e pretexto. No Salmo 116.11, lemos: “todo homem é mentiroso”. Sendo assim, sem exceção, quem quer que seja, todos portam o desfavor e a ira de Deus; somos todos pecadores merecedores da morte eterna. Mesmo que façamos o melhor de que somos capazes pelo esforço natural, tudo continuará sendo apenas imitação e falsidade, hipocrisia e engano. Pois o pecado em que estamos presos nos impede de realizar ou fazer qualquer coisa boa.⁶

No terceiro parágrafo, Lutero trata da cegueira do mundo descrente, que não aceita essas verdades. Aqui ele marca um forte contraste entre crentes e incrédulos. Lutero argumenta que a ira de Deus é muito grande para os que não aceitam as doutrinas bíblicas sobre Cristo e sobre o homem:

O mundo amaldiçoado e cego, que jaz na iniquidade (1Jo 5.19) não acredita nisso; menos ainda os hipócritas e pseudo-santos, os quais consideram toda sua doutrina, sua vida e suas obras como sendo retas e santas e um serviço prestado a Deus, embora na realidade sejam tudo engano e mentiras. Pois a ira e o desfavor de Deus, o pecado deles, em que estão atolados na lama até os ouvidos, impedem-nos de fazer qualquer bem, qualquer coisa boa e honesta e verdadeira. Agora temos um quadro claro da Palavra e como nós parecemos em contraste.⁷

Como mostra este exemplo, Lutero era propositadamente breve em sua introdução. Isso era para investir ao máximo na exposição bíblica. Para

Lutero, a introdução era uma pequena varanda que conduzia a uma grande casa. A varanda não deverá diminuir o casarão. Em vez disso, deve prover guia que conduza o ouvinte à exposição da passagem da Escritura.

EXPOSIÇÃO BÍBLICA

Tendo completado sua introdução, Lutero ia diretamente ao texto bíblico. Uma vez dentro da passagem, Lutero focava a atenção sobre ela, movendo sistematicamente, versículo após versículo. Ele declarou: “É uma desgraça um advogado abandonar sua prévia; maior desgraça ainda é o pregador abandonar seu texto”.⁸ Ele cria que o pregador devia avançar no texto tão logo fosse possível, e uma vez lá, permanecer nele.

Lutero explicou por que achava essencial que ficasse tão junto do texto: “Em minha pregação, eu me esforço para tratar o verso da Escritura, permanecer nele e instruir o povo para que possam dizer ‘É sobre isso que o sermão trata’”.⁹ Para Lutero, os ouvintes deviam estar cômicos do assunto explícito do texto e como ele se relacionava com as suas vidas. Isso fazia com que estivesse entrincheirado no texto. Em suas palavras:

O pregador deverá permanecer no texto e entregar aquilo que está diante dele, a fim de que as pessoas entendam bem o que ele diz. Mas um pregador que fala tudo que lhe vier à cabeça é como uma empregada que vai ao mercado e, encontrando outra empregada, juntas elas montam uma tenda e fazem um mercado de gansos.¹⁰

Esta é uma forma imaginativa de dizer que o pregador não deve se desviar de seu propósito.

Quanto a isso, Doberstein ressalta: “O alvo do sermão é ajudar seus ouvintes a compreender plenamente o texto. O alvo é sempre que Deus fale sua Palavra à congregação por meio do sermão. Tudo que ele vê serve para expor e proclamar o texto, tendo sempre em mente o pensamento e ímpeto básico do texto”.¹¹ Em suma, Lutero lutava para passar a seus ouvintes o intento autoral de Deus quanto à passagem específica.

Lutero enfatizava a importância de destilar uma única pepita de significado de determinada passagem bíblica. Dava forma ao sermão em

volta do *hertzpunkt*, o “ponto do coração” ou significado central da passagem que estava tratando.¹² Com essa finalidade, Meuser nota: “O método de Lutero era tomar dado segmento da Escritura, encontrar dentro dele o pensamento chave e torná-lo indubitavelmente claro. O texto tem de controlar o sermão”.¹³

No todo, Lutero tinha um compromisso de exposição versículo por versículo (embora houvesse exceções notáveis em feriados religiosos, quando ele seguia o calendário litúrgico). Sobre essa aproximação, Old declara: “Lutero é sempre um expositor”.¹⁴ Acrescenta Doberstein: “A sua pregação é expositiva, não temática ou tópica. Em vez de um tema, sua base está num texto”.¹⁵

Lutero pregou consecutivamente em Gênesis, Êxodo, Deuteronômio, 2 Samuel, Salmos, Eclesiastes, Cântico de Salomão, Isaías, Oséias, Joel, Amós, Obadias, Jonas, Miquéias, Naum, Habacuque, Sofonias, Ageu, Zacarias, Malaquias, parte de Mateus, Marcos, porções de Lucas, porções de João, Atos, Romanos, 1 Coríntios, 2 Coríntios, Gálatas, Efésios, Filipenses, Colossenses, 1 Timóteo, Tito, Filemom, Hebreus, 1 Pedro e 1 João. O número de versículos que tratava em cada sermão variava, dependendo do gênero literário e da seção dentro do livro que ele fazia exposição. Em geral, porém, ele expunha três a cinco versículos em cada sermão.

Pode-se dizer que o alvo principal de Lutero na pregação era que a Palavra de Deus crescesse e ele diminuísse (João 3.30). Quanto à pregação de Lutero, Meuser observa: “O povo deverá lembrar do texto e de sua mensagem mais do que do próprio sermão. O sermão deve seguir o fluxo, a linguagem e a dinâmica do texto, e não impor sua própria dinâmica ou direção do lado de fora”¹⁶. Ou seja, quando Lutero pregava, ele seguia o texto, dizia o que dizia o texto e prometia o que o texto prometia. Ao tratar de um versículo ou uma pequena seção de versículos com foco intenso, Lutero conduzia seus ouvintes à mente do autor bíblico. Mais importante, influenciava sua congregação com a mente do próprio Deus.

LEI DIVINA

Enquanto Lutero expunha o texto bíblico, repetidamente enfatizava a lei de Deus. Especificamente, muitas vezes contrastava o padrão divino da lei com a graça de Deus no evangelho. Por “lei”, Lutero se referia àqueles trechos da Escritura que revelam o caráter santo de Deus e a natureza pecaminosa do homem. Isso incluía os Dez Mandamentos e também outros imperativos da Escritura que são requeridos de todos os homens. Lutero cria que o propósito da lei era revelar o pecado, condenar o pecador, e conduzir a Cristo aquele que carece de graça. Além disso, ela demarca o caminho da santidade. Sendo assim, ele via a pregação da Lei como necessária para se levar à convicção do pecado, conversão a Cristo, e conformidade com a piedade.

Quanto à primeira dessas necessidades, o convencimento do pecado, Lutero dizia que os descrentes deveriam receber apenas a lei até que ela os conduzisse ao arrependimento:

Antes de receber o consolo do perdão, o pecado tem de ser reconhecido e o temor da ira de Deus tem de ser experimentado por meio da pregação ou apreensão da Lei, para que o homem seja levado a suspirar pela graça e preparado para receber o conforto do Evangelho. Portanto, devemos por todos os meios admoestar com severidade e impelir ao arrependimento mediante ameaças e intimidação aqueles que ainda não têm temor da ira divina, que se sentem seguros, endurecidos e não quebrantados. Isto é, nenhum evangelho exceto a Lei e Moisés deverão ser pregados a esses tais.¹⁷

Em um sermão sobre João 1.29, Lutero mostrou como a lei julga o pecado de todos que estão sem Cristo:

A Lei de Moisés, na verdade, te informa sobre teu pecado e diz como tu deves obedecer a Deus e aos homens. Ela também me informa sobre como sou hostil para com Deus, e blasfemo, não regulando minha vida propriamente com os preceitos dos Dez Mandamentos. Em suma, a Lei mostra o que sou; revela o pecado e me pesa o fardo dele. É sua função

própria. Então eu me torno temeroso querendo me livrar dela. Mas a Lei diz: “Não posso fazer nada por ti.” [...] São João intervém e declara que todo o mundo está poluído pelo pecado. Ele nos mostra que pela Lei estamos sobrecarregados desse pecado e não podemos deixá-lo repousar onde a Lei o colocou: em nosso coração. Pois se o pecado ali permanecer, tu és condenado e maldito. Ao mesmo tempo, és fraco demais para removê-lo; não podes vencer o pecado.¹⁸

Lutero enfatizou também a importância da Lei para combater o *antinomismo* entre crentes. Esse é o ensino que abusa da liberdade cristã, afirmando que os cristãos não precisam obedecer aos imperativos divinos. Quanto ao lugar da Lei na vida do crente, Lutero dizia:

Nós também, que agora fomos feitos santos pela graça, ainda vivemos em corpos pecaminosos. Devido a esse pecado que continua, temos de nos permitir ser repreendidos, aterrorizados, mortos e sacrificados pela Lei até que baixemos ao túmulo. Portanto, antes e depois de nos tornarmos cristãos, constantemente, a Lei tem de nesta vida ser uma Lei que mata, condena e acusa.¹⁹

Lutero entendia que a Lei tinha de ser continuamente pregada aos crentes para auxiliá-los na sua santificação. É claro que a santificação requer a graça de Deus, que conduz ao próximo fator característico da pregação de Lutero.

A EXALTAÇÃO DE CRISTO

Quando Lutero expunha um texto bíblico, ele era implacavelmente centrado em Cristo. Acima de tudo, estava convencido de que seu dever primário como pregador do evangelho era engrandecer a glória de Deus conforme revelado supremamente em seu Filho, Jesus Cristo. Com esse fim, uma pergunta determinava o juízo que Lutero fazia de um sermão: O sermão foi sobre Cristo? Se não foi esse o caso, ou se Cristo foi tratado levianamente, então era melhor não pregar o sermão. Mas se o sermão engrandecia a Cristo, trazia glória a Deus.

Enquanto pregava, o tema constante de Lutero era a graça salvadora de Deus por meio da perfeita justiça de Cristo. Tendo se convertido já adulto, Lutero jamais perdeu de vista seu dramático encontro com o Cristo vivo. A sua descoberta do evangelho na perfeita justiça de Jesus Cristo estava sempre diante dele em sua pregação. Old afirma essa nota centrada em Cristo na pregação de Lutero: “Para Lutero, o coração da Escritura é o evangelho, as boas novas da vitória de Cristo sobre a morte e o pecado. Pregar a Bíblia corretamente é juntar todas as partes da Escritura Sagrada nesta mensagem central de salvação em Cristo”.²⁰ Lutero via a Cristo como o maior tema da pregação.

Lutero tinha essa crença central porque via a Cristo como tema central da Bíblia. Declarou ele: “Sem dúvida alguma, toda a Escritura aponta diretamente para Cristo, somente Cristo”.²¹ Perguntou: “Tirai Cristo da Escritura e o que tereis?”²² É óbvia a resposta: Nada! Disse ele: “Muitas vezes tenho dito: quem quiser estudar bem a Bíblia, especialmente o significado espiritual das histórias, terá de referir todas as coisas ao Senhor Jesus Cristo”.²³ Em termos simples, Lutero era enlevado por Cristo. Quando viajou para disputar o legado papal em Augsburg, os seus concidadãos o

viram através dos portões de Wittenberg e ao longo da estrada, e gritaram: “Lutero para sempre!” Ele respondeu: “Lutero não! *Cristo* é para sempre!”²⁴

Por causa de seu foco resolutivo em Cristo muitos dos sermões de Lutero provinham dos evangelhos – Mateus, Marcos, Lucas e João. Lutero amava pregar dos evangelhos porque estes revelam mais claramente o Senhor Jesus. Embora seja geralmente associado ao livro de Romanos, especialmente na sua conversão, existem documentados apenas trinta sermões de Lutero sobre Romanos. Em contraste, existem documentados mais de mil sermões sobre os evangelhos sinóticos (Mateus, Marcos e Lucas) e centenas mais sobre o evangelho de João. Na verdade, como observa Jaroslav Pelikan, “Embora geralmente seja considerado um expositor das epístolas de São Paulo, Lutero valorizava em mais alta honra o Quarto Evangelho e se dedicou à sua interpretação durante toda a sua carreira”.²⁵ Em 1531-1532, passou quase dezoito meses pregando somente em João 6 a 8. Parece que Lutero pregou mais no livro de João em um único ano do que no livro de Romanos em toda sua vida.

Lutero via claramente seu principal objetivo na pregação como sendo a pessoa suprema e a obra salvadora de Jesus Cristo. Ele afirmou: “Sempre pregamos a ele, verdadeiro Deus e homem, que morreu por nossos pecados e ressuscitou para nossa justificação. Isso pode parecer um assunto limitado e monótono, passível de logo ser exaurido, mas jamais chegamos ao fim dele”.²⁶ Noutras Palavras, Lutero entendia as impenetráveis profundezas de pregar as riquezas insondáveis de Cristo. Não importava quantos anos ele as pregasse, Lutero sabia que nunca chegaria ao fim de Cristo.

Na visão de Lutero, Cristo tinha de ser prioridade de todo pregador. Disse ele: “Um bom pregador tem de ser completamente leal ao fato de que nada há mais precioso para ele do que Cristo e a vida do porvir”.²⁷ Declarou também que “Essencialmente, o evangelho é Cristo vindo até nós através dos sermões”.²⁸ Noutro lugar, acrescentou: “Os pregadores não possuem outro ofício senão a pregação do claro sol, Cristo. Que cuidem de assim

pregar, ou fiquem calados”.²⁹ Os pregadores têm de pregar a Cristo ou então não pregar de forma alguma, Lutero acreditava.

Este foco centrado em Cristo foi mantido por Lutero até o fim de sua vida e ministério. Em seu último sermão, pregado em 14 de fevereiro de 1546, a partir de Mateus 11.25-30, Lutero afirmou: “Os ouvintes terão de dizer: Não cremos no pregador, a não ser que ele nos fale de outro Mestre, de nome Cristo. A Cristo ele nos dirige; o que dizem os lábios de Cristo, obedeceremos. E atenderemos nosso pastor enquanto ele nos dirigir ao verdadeiro Senhor e Mestre, o Filho de Deus”.³⁰ Para Lutero, tudo na Escritura aponta para Cristo.

ENGRANDECIMENTO DA CRUZ

Por estar focado em Cristo, a atenção de Lutero era sempre dirigida à cruz. Estava fixado na obra acabada da morte salvadora de Jesus. Declarou Lutero: “Prega uma só coisa: a sabedoria da cruz”.³¹ Junto ao tema do próprio Cristo, a cruz dominava a pregação de Lutero. Herman Sasse nota:

A “teologia da cruz” não significa que para o teólogo o ano eclesiástico se resuma à Sexta feira Santa. Pelo contrário, significa que Natal, Páscoa e Pentecostes não podem ser entendidos sem a Sexta feira Santa. Juntamente com Irineu e Atanásio, Lutero foi o maior teólogo da encarnação. Foi assim porque no pano de fundo da manjedoura ele via a cruz. Sua compreensão da vitória da Páscoa foi igual à de qualquer teólogo da Igreja Oriental. Ele a entendia porque entendia a vitória daquele que foi crucificado.³²

Os teólogos históricos se referem à “teologia da cruz” de Lutero, ou seja, sua convicção de que tudo emana da morte salvadora de Cristo e está centralizado nela. Lutero declarou: “Merece ser chamado de teólogo... aquele que compreende as coisas visíveis e manifestas de Deus, vistas pelo sofrimento e pela cruz”.³³ Noutras palavras, Lutero via a cruz como grade interpretativa para o entendimento de toda a Bíblia.

Sendo assim, Lutero insistia que a principal responsabilidade do pregador não é simplesmente ensinar a Bíblia como literatura histórica, apenas recontando a história de uma narrativa do evangelho, ou apresentar Cristo como mero exemplo moral. Essas questões são apenas periféricas e secundárias. O pregador, ao invés disso, tem de estar principalmente envolto com a proclamação do evangelho de Jesus Cristo, mensagem esta centrada em sua morte substitutiva, que carregou os pecados sobre a cruz. Sendo assim, o reformador alemão insistia:

Não basta nem tem qualquer sentido que o cristão pregue as obras, vida e palavras de Cristo como fatos históricos, como se isso fosse suficiente. Pelo contrário, Cristo tem de ser pregado para que a fé nele seja estabelecida, para que ele não seja apenas Cristo, mas também

Cristo para mim e para você, e aquilo que é dito a seu respeito e que seu nome denota seja efetuado em nós. Esta fé é produzida e preservada pela pregação sobre a razão pela qual Cristo veio ao mundo, o que Cristo trouxe e outorgou, e qual o benefício para nós aceitá-lo.³⁴

Meuser, especialista na pregação de Lutero, declara que o tema principal de seu púlpito era “o homem Jesus Cristo, um de nós, que carregou nossa culpa e pecado, seu poder alienador e efeitos corruptores sobre a cruz e até sua morte por nós”.³⁵ Esta ênfase do evangelho, diz Meuser, “respira em todo sermão”.³⁶

No excerto seguinte do sermão de Lutero, baseado em João 1.29, fica bem claro seu foco sobre a cruz:

Qualquer que queira ser salvo tem de saber que seus pecados foram colocados sobre as costas do Cordeiro! Portanto, João aponta aos seus discípulos este Cordeiro, dizendo: Quereis saber aonde são colocados os pecados do mundo para obtenção de perdão? Então não buscai na Lei de Moisés nem vos dirigi ao diabo; ali com certeza achareis pecados, mas pecados para vos aterrorizar e condenar. Se realmente quereis encontrar o lugar onde os pecados do mundo são exterminados e apagados, olhai firmados na cruz...

São João, por seu testemunho ou sermão, nos mostra outro sobre o qual Deus Pai lançou todos os nossos pecados, ou seja, Cristo o Senhor. A Lei os coloca sobre mim, mas Deus os retira de mim e os lança sobre este Cordeiro. Ali, eles cabem muito bem, bem melhor do que sobre mim. Deus quer nos dizer: Vejo como o pecado vos oprime. Teríeis de desmoronar sob seu oprimente peso. Mas eu vos aliviarei do fardo – quando a Lei vos convencer e condenar por vosso pecado – e por pura misericórdia, colocarei o peso do vosso pecado sobre o Cordeiro, e ele o levará.³⁷

Às vezes Lutero chama sua proclamação de Cristo de “evangelho numa casca de noz”, ou seja, “a história de Cristo, filho de Deus, filho de Davi, que morreu, ressuscitou e foi estabelecido como Senhor”.³⁸ Quer se tratasse do Antigo Testamento quer do Novo, a pregação de Lutero enfocava principalmente o propósito de Deus de redenção em Cristo, pois estava convicto de que a Bíblia toda testifica a ação salvífica de Deus em Cristo. De modo sucinto, Lutero estava principalmente interessado na proclamação das

boas novas do evangelho para todos. Desse tema de Lutero, totalmente centrado na cruz, ele indubitavelmente jamais se cansou.

APLICAÇÃO PESSOAL

Lutero visava expor fielmente o evangelho com o propósito de serem pessoalmente transformados os seus ouvintes. Era responsabilidade de seus ouvintes, cria ele, meditar no sermão e aplicar os princípios bíblicos à vida pessoal. Em termos simples, Lutero pregava visando vidas transformadas. O seu rebanho não podia ser de meros ouvintes, e sim, praticantes da Palavra. Isso exigia aplicação, exortação e consolação, enquanto pregava as Escrituras.

Quanto à aplicação dos sermões de Lutero, Old escreve: “Ulrich Nembach... diz que para Lutero, o propósito da pregação se resume em dois termos latinos, *doctrina* e *exhortatio*”.³⁹ Alfred Ernest Garvie nota que: “A doutrina extraída das Escrituras era aqui combinada em uma união vívida e frutífera com a aplicação prática às necessidades dos crentes e da igreja... geralmente este apelo era ao coração e à vontade, e não ao intelecto”.⁴⁰ Noutras palavras, Lutero pregava a verdade do texto bíblico sem concessões, mas o fazia em termos mais simples possíveis, para que seus ouvintes pudessem vivê-la de modo que honrassem a Deus.

Conforme já vimos, em quase todo sermão Lutero tratava sobre o dever moral do homem, conforme prescrito por Deus. Ao fazê-lo, colocava grande ênfase sobre o coração da pessoa. Isto é, Lutero tratava dos motivos de seus ouvintes. Entendia ele que não somente aquilo que faziam, mas também *por que* o faziam, era importante. A pregação não era de uma mente ensinando outra mente, mas de um coração alcançando outro coração. Ele buscava desafiar a natureza espiritual, conforme a chamava, a amar a Deus e a viver de forma a honrá-lo.

Lutero entendia que por melhor que fosse apresentada a verdade, nem todos a receberiam prontamente. Ele declarou: “A maioria dos ouvintes de sermões são epicuristas: gostam da pregação que os ajude a viver com

facilidade, enquanto a pregação que os desafia nem sempre é bem aceita”.⁴¹ Assim mesmo, sua pregação dava forte ênfase à necessidade de uma resposta correta. Enfatizava o papel das boas obras, especificamente as que resultam de fé verdadeira.⁴² Era aplicação pastoral em sua melhor forma.

CONVITE DO EVANGELHO

Para Lutero, a aplicação de qualquer sermão tinha de priorizar a responsabilidade do ouvinte de responder com fé pessoal em Jesus Cristo. Sendo assim, o impulso principal de sua aplicação era chamar os ouvintes a se submeterem ao senhorio de Jesus sobre suas vidas. Eles tinham de crer nele e receber seu dom gratuito. Old observa que a pregação de Lutero repetidamente conclamava por uma “resposta à Palavra de Deus”.⁴³ Jamais bastaria a Lutero falar ao intelecto de seus ouvintes – eles teriam de dar uma resposta decisiva para a verdade.

Old explica a principal resposta que Lutero visava. Para a congregação, era “questão de dizer sim ao chamado de Deus, de crer nas promessas de Deus. A fé recebe o evangelho”.⁴⁴ Observando o apelo evangelístico de Lutero, Old escreve: “Para o reformador de Wittenberg, a fé nada menos é do que tomar as promessas do evangelho para o coração e construir sobre ela a nossa vida”.⁴⁵

No púlpito Lutero era primeiro e principalmente um evangelista. Eis dois exemplos de suas palavras instando com seus ouvintes para que cressem em Cristo:

A recusa em crer não é culpa de Cristo, mas minha somente. Se não creio nisto, estou condenado. É minha responsabilidade dizer que o Cordeiro de Deus carregou os pecados do mundo. Fui ordenado a crer nisto e a confessar isso sinceramente, e assim também morrer nesta fé.⁴⁶

Se alguém não participa nem goza desta graça e misericórdia, não há a quem culpar senão a ele mesmo e sua recusa de crer e aceitá-la. Se recusas crer nestas palavras tu vais para o diabo! Pois, se estás no mundo, e teus pecados fazem parte dos pecados do mundo, então, a ti se aplica este texto”.⁴⁷

Além disso, Lutero conclamava seus ouvintes a fazer a escolha decisiva de seguir a Cristo. Ele os chamava especificamente a depositar em Cristo a sua fé:

É extremamente importante saber aonde foram dispostos os nossos pecados. A Lei os deposita sobre nossa consciência e os envia em nosso peito. Mas Deus os tira de nós e os coloca sobre os ombros do Cordeiro. Se o pecado permanecesse sobre mim e sobre o mundo, estaríamos perdidos, pois é um fardo pesado e forte demais. Deus diz: “Sei que seu pecado é insuportável para ti; portanto, contemplai: Eu o colocarei sobre meu Cordeiro e te aliviarei. Crê nisso! Se assim fizerdes, estarás livre do pecado.” Só existem duas habitações para o pecado: ou ele reside dentro de ti, pesando e te puxando para baixo, ou repousa sobre Cristo, o Cordeiro de Deus. Se estiver sobre tuas costas, estás condenado. Se ele repousa sobre Cristo, tu és livre e estás salvo. Ora, faça tua escolha!⁴⁸

Tais apelos fervorosos ao evangelho eram típicos da pregação de Lutero. Era um homem cujo coração reluzia com ardente paixão pelos perdidos, que deveriam responder com a fé salvadora em Cristo.

A DIVINA TAREFA

Para Lutero, o principal na pregação era proclamar o texto da Escritura durante o sermão inteiro. Desde a introdução até a conclusão, a mensagem era centrada na Bíblia. O sermão focava a leitura, explicação e aplicação da passagem bíblica. Toda parte do sermão tinha de demonstrar o ponto central do texto. Lutero pregava Cristo crucificado, instando com seus ouvintes para que cressem nele. Essa é a tarefa divina, e Lutero a entendia bem.

Ao se dirigir aos pregadores de sua época, Lutero os exortava para que fossem firmes na fidelidade ao texto bíblico. Declarou:

Tua tarefa, ó pregador, é certificar-te de que sejas fiel ao texto, de que sejas fiel à proclamação daquele evangelho, de que sejas fiel na exposição de todo o conselho de Deus, e então dê um passo para trás esperando que aconteça. Não preciso adular ou persuadir as pessoas com minha técnica para que elas respondam. Prego a lei, prego o evangelho, e o Espírito Santo atende ao ministério dessa palavra para produzir frutos.⁴⁹

Não poderiam ser mais relevantes para a presente geração essas palavras de Lutero. Em um tempo quando a Palavra de Deus é, em grande parte, negligenciada, e até mesmo abandonada nos púlpitos, a voz deste reformador ressoa através dos séculos. Com o seu exemplo, Lutero conclama homens de Deus para que sejam fortes em seu compromisso com *Sola Scriptura* – somente a Escritura.

Que todos quantos se colocam diante de uma Bíblia aberta permaneçam firmes ao texto que está diante deles. Que jamais abandonem suas passagens bíblicas enquanto exaltam Jesus Cristo. E que, como Paulo desafiou a Timóteo, que sempre “Preguem a Palavra” (2 Timóteo 4.2).

Apaixonada Entrega no Púlpito

Todo o ministério de pregação de Lutero pode ser visto como profético. Ele falou como profeta que tem uma mensagem muito distinta para uma época bem distinta. Em toda sua pregação, ele ataca os abusos da igreja de seus dias e da cultura e sociedade em que vivia. Sempre foi um pregador profético.¹

– Hughes Oliphant Old

Ainda que a pregação de Martinho Lutero fosse totalmente bíblica e profundamente teológica, sua apresentação no púlpito não era nem rígida nem estéril. Seu modo de entregar o sermão era cheio de energia, atraente, e de alto impacto sobre seus ouvintes. O sucesso de sua pregação era devido não somente à verdade do que ele tinha para dizer, como também ao tom apaixonado e à trajetória de como o dizia. O poder de seus sermões não vinha apenas de sua doutrina, vinha também de seu modo vivaz de entregá-los. Noutras palavras, a força da proclamação de Lutero não era apenas sua mente alcançando a mente de seus ouvintes, mas principalmente o coração atingindo seus corações.

A fim de pregar dessa maneira, Lutero tinha de ter coração inflamado por uma santa paixão pela glória de Deus. Enquanto o fogo do Espírito consumia sua alma, seu coração estava em chamas e ele estava revigorado para o evangelho. Era assim cheio do desejo ardente de fazer mais do que apenas ensinar. Ele desejava que a substância da verdade que ensinava trouxesse transformação de vida aos que o ouviam. Assim, projetava sua proclamação de púlpito de forma a motivar e mover os ouvintes a viver conforme a verdade da Palavra de Deus. Com esse fim, seus sermões incluíam todos os

elementos da verdadeira pregação que vai além das meras explicações do texto. Estes incluíam exortação, admoestação, afirmação, e consolação.²

As mensagens de Lutero eram notavelmente marcadas por sua personalidade calorosa e entrega fervorosa. Um observador notou que Lutero era convincente na apresentação de suas palavras e seus argumentos. Na disputa de Leipzig, o seguinte retrato da apresentação pública de Lutero é documentado pelo renomado humanista e estudioso de latim, Pedro Moselano, que dirigiu as sessões:

Sua voz é clara e melodiosa. Na conversação, ele possuía rico armazenamento de assuntos que ele dominava, uma vasta floresta de pensamentos e palavras a seu dispor. Não havia nada estoico ou arrogante nele, e ele entende bem como se adaptar a diferentes pessoas e horas. Em sociedade ele é vivaz e agradável. Sempre está renovado, animado e à vontade, de semblante agradável, por mais duras que sejam as ameaças feitas por seus inimigos, de modo que não se pode deixar de crer que o céu está com ele em sua grande empreitada.³

Neste ponto, Fred W. Meuser nota:

Tudo era autêntico na pregação de Lutero. A mensagem era tudo. Expressão insincera, gestos calculados, coisas feitas somente para criar determinado efeito seriam todos vistos como uma intrusão humana sobre a Palavra de Deus. Embora houvesse certo humor, jamais houve leviandade ou algo calculado para produzir o riso.⁴

Ou seja, nada havia de invenção falsificada na entrega do sermão de Lutero. Não havia exibição teatral nem manipulação do ouvinte. Sua pregação era marcada por sinceridade e profunda preocupação com o bem-estar de seu rebanho.

Ao avaliarmos a atuação de Lutero no púlpito, devemos considerar diversos elementos. Neste capítulo, quero examinar quatro fatores das apresentações do reformador alemão em sua exposição do texto bíblico.

ESPÍRITO INABALÁVEL

Primeiro, Lutero era homem de espírito inabalável. Vivia para pregar, e esse forte ímpeto era transmitido em seus sermões. Lutero era cheio de vida na entrega de seus sermões. A despeito das muitas pressões que estavam sobre ele, Lutero subia ao púlpito com energia aparentemente sem limites. John Kerr declara: “Lutero trabalhava sob pressão – o cuidado com a igreja, todas as controvérsias, o treinamento de pregadores, a tradução da Bíblia, escrita de volumes e panfletos, dando conselho a príncipes e povo – porém nada o impedia de pregar em sua própria terra e por onde fosse”.⁵ Embora muitas vezes estivesse fisicamente exausto e mentalmente esgotado, quando Lutero se colocava diante da Bíblia aberta, parecia renovar-se e receber força nova e sobrenatural.

Meuser descreve esse espírito persistente na pregação de Lutero: “Jamais um final de semana de folga – ele conhecia isso muito bem. Nem um dia de folga durante a semana. Nenhum repouso sem pregar, ensinar, sem estudo pessoal, produção, escrever, aconselhar”.⁶ Schaff assevera que Lutero era “pregador infatigável e muito popular”.⁷ Em termos simples, Lutero se entregava como poucos à tarefa da pregação.

Não só nos finais de semana, como também durante a semana, Lutero estava sempre pregando. Duas ou três vezes a cada domingo, Lutero pregava na igreja da cidade de Wittenberg. Havia um culto às cinco da manhã com sermão de uma epístola, o culto das nove da manhã com sermão extraído de um dos evangelhos, e um sermão vespertino baseado no Antigo Testamento. Às segundas e terças-feiras, muitas vezes Lutero pregava sobre o Catecismo Menor ou Maior. Às quartas, pregava em Mateus para determinadas épocas de feriados religiosos. Às quintas e sextas, novamente pregava de alguma epístola, E aos sábados, periodicamente Lutero pregava no evangelho de

João.8 Não é necessário dizer que Lutero era implacável expositor da Escritura.

No púlpito, Lutero não fazia o trabalho de um homem, mas aparentemente, de dez. Meuser nota:

Não importa em que mais ele estivesse envolvido, Lutero pregava. A não ser quando longe de casa, estava no púlpito pelo menos tanto quanto o pastor da congregação. Por onde ele andasse, os pastores locais insistiam que Doutor Martinho entregasse o sermão. O ministério de pregação de Lutero era notável, sua produtividade prodigiosa – quase milagrosa!⁹

Na história da igreja, poucos homens têm sido estimulados a uma energia maior na pregação do que esse grande reformador alemão.

Sem dúvida, tal tenacidade interior era percebida através do púlpito. Lutero atraía seus ouvintes com suas fortes convicções da verdade e desejo ardente de torná-la conhecida. Muitas vezes ele estava exausto no trabalho da pregação, mas jamais cansado de pregar. Esse espírito zeloso fazia parte de sua presença no púlpito e ajudava a ganhar seus muitos ouvintes.

FERVOROSA INTENSIDADE

Segundo, fluindo do espírito inabalável de Lutero, havia intensidade em sua pregação. Sua exposição da Escritura era marcada por vigor e zelo. Possuía no púlpito “uma animada e impetuosa eloquência que deleitava e cativava os seus ouvintes”.¹⁰ Noutras palavras, sua determinada sinceridade na pregação prendia a atenção de quem o escutava. Entusiasmado pelas verdades da Palavra de Deus, a sua paixão era como relâmpagos a lampear por meio de sua pregação.

A caminho da Dieta de Worms, a pregação apaixonada de Lutero atraía as multidões. Em Erfurt, a igreja estava tão cheia que alguns temiam que o prédio desabasse. Em Zwickau, o mercado estava abarrotado com vinte e cinco mil pessoas ansiosas por ouvir o corajoso Lutero.¹¹ Sua inflamada pregação era “forte e varonil”,¹² ao despertar os alemães de seu sono espiritual para se juntarem à causa da Reforma.

Muitos estudiosos comentaram o fervor da pregação de Lutero. John Broadus escreve: “Lutero é um exemplo notável de uma personalidade intensa na pregação. Aqueles que o ouviam escutavam não somente a verdade, mas também *sentiam o homem*”.¹³ De tal forma era intenso o Lutero do púlpito, acrescenta Broadus, que “suas palavras eram metade das batalhas”.¹⁴ A dinâmica personalidade de Lutero se salientava com grande brilho em suas pregações.

Especificamente, Broadus escreve que: “a pregação de Lutero era marcada com crescente paixão e vigor varonil”.¹⁵ Comentando mais adiante sobre a intensa paixão de Lutero, Broadus destaca um ponto importante sobre a projeção da personalidade do pregador:

Alguns... pensam que o ideal é colocar somente o evangelho diante da mente, deixando o pregador totalmente esquecido. “Esconde-te por trás da cruz” é a frase. O que aqui se intenta é bom, mas tal declaração é extrema e enganosa. De que vale um pregador vivo, se ele estiver

escondido, ainda que seja pela cruz? Com certeza o ideal verdadeiro seria que o pregador viesse para a frente com franqueza, em sua plena personalidade, modesto por meio da verdadeira humildade e no entanto corajoso pela plena convicção, fervente zelo e amor ardente – apresentando o evangelho como uma realidade vinda de sua própria experiência, atraindo os homens para ele pelo poder de uma simpatia humana vivaz e presente – no entanto, não pregando a si mesmo, e sim a Jesus Cristo, o Senhor.¹⁶

Inquestionavelmente, Lutero usava toda sua personalidade para apresentar Cristo. Como diz Broadus, ele era “uma alma conquistadora, um monarca, um governante nato da humanidade”.¹⁷ Sendo assim, no púlpito ele demonstrava forte personalidade com *compelente persona*. Por esta razão, diziam de Lutero: “Ele deseja e os homens se inclinam”.¹⁸ De igual modo, Ewald Plass comenta: “Lutero era muito impressionante como orador. De fato, até mesmo como autor ele é principalmente orador. Suas palavras escritas são aquilo que ele fala pela imprensa. Possui todas as características de direção de uma comunicação verbal. Se desejamos apreciar todo o vigor e a força dos escritos de Lutero, estes devem ser lidos em voz alta”.¹⁹ E Philip Schaff escreve que Lutero, o pregador, era “um Boanerges (filho do trovão) que a Alemanha nunca ouvira antes nem depois, desde que surgiu”.²⁰

Lutero tinha arestas rudes – era o proverbial touro solto em uma loja de porcelana – e essas características se manifestavam em sua pregação. Reformador junto com Lutero, Filipe Melancton disse que as palavras de Lutero “nasciam, não de seus lábios, mas de sua alma”.²¹ Isso explica a insistência que Lutero tinha de que “O evangelho não deve ser escrito, mas gritado”.²² Sua intensidade dava grande poder à sua pregação.

Talvez Melancton tivesse resumido melhor a intensidade fervorosa de Lutero: “Um é intérprete, outro é logicista, outro orador, mas Lutero é tudo em todos”.²³ Noutras palavras, a pessoa inteira de Lutero se colocava em pé para pregar – mente, emoção, e vontade.

LINGUAGEM ACESSÍVEL

Terceiro, Lutero procurava intencionalmente pregar o evangelho a seus ouvintes de modo que eles o entendessem. Tal pregação simples era muito necessária em seu tempo. Durante séculos, as congregações alemãs haviam sofrido nos cultos conduzidos em latim, língua erudita da sala de aula, mas não a língua comum do mercado ou do lar. Esta era, na sua maior parte, desconhecida entre a população geral. Lutero acreditava que “O texto da Bíblia, bem como toda a pregação em sua volta, deve ser feita no vernáculo – a língua cotidiana do povo, não em latim, que distanciava o povo do texto!”²⁴ Por ansiar ser entendido no púlpito, Lutero lutava para usar uma linguagem simples e acessível. Lutero insistia que a Palavra fosse explicada e aplicada em termos habituais da língua nativa do povo comum. “Pregar de forma clara e simples é uma grande arte”,²⁵ dizia Lutero.

Embora Lutero fosse erudito de mais alto grau no mundo em que vivia, ele não dirigia seus sermões aos da elite intelectual ou religiosa, e sim ao povo comum. E. C. Dargan declara: “Ele pensava junto aos acadêmicos, mas pensava e conversava também com as pessoas comuns. O estilo de sua linguagem era acessível ao povo, caloroso de vida e sentimentos, vigoroso com a robusta natureza desse homem”.²⁶ Broadus concorda e escreve: “Ele [Lutero] se gloriava em ser pregador do povo comum”.²⁷ Em termos simples, Lutero desejava comunicar a verdade a todos.

Igualmente, Heinrich Bornkamm, renomado historiador e teólogo alemão do século vinte, observou que “Lutero pregava o texto de modo preciso e penetrante. Não apenas expunha ou ilustrava o texto, mas conduzia seus ouvintes até as verdades que perduram, tão válidas então como em épocas anteriores, em e por trás de cada palavra da Escritura”.²⁸ Lutero possuía extraordinária faculdade de expressar os pensamentos mais profundos na linguagem mais clara que pessoas comuns pudessem entender.

Não restam dúvidas de que Lutero não considerava recomendável o uso de linguagem rebuscada no púlpito. Ele disse: “Quando estou pregando... não estou vendo doutores e mestres. Meu olho está na multidão de jovens, crianças e servos, dos quais há mais de dois mil. Prego para eles. Dirijo meu discurso àqueles que têm maior necessidade dele”.²⁹ Noutro lugar, disse ele: “Um pregador verdadeiramente piedoso e fiel olhará para as crianças e os servos, e para as massas pobres e simples, que carecem de instrução”.³⁰ Sentia especialmente a responsabilidade pelos jovens, principalmente por aqueles que eram novos na fé. Disse: “No púlpito, temos de desnudar os seios e nutrir o povo com leite. Pensamentos e questões complicadas discutiremos em particular, com os intelectuais”.³¹ Em outro lugar disse ele: “Temos de nos sentar ao púlpito como sobre banqueta de ordenha, puxar forte e beber o leite com o povo, pois a cada dia cresce uma nova igreja precisando de instrução nos primeiros princípios”.³² Lutero sabia que os novos crentes não cresceriam se não pudessem entender o que estava sendo pregado.

Lutero enviou uma admoestação severa a pregadores que desejam pavonear seus intelectos à custa de não comunicar ao povo simples, desesperadamente carentes da mensagem do evangelho: “Malditos todos esses pregadores que na igreja visam coisas altaneiras e duras, negligenciando a saúde salvadora do povo pobre e inculto, buscando a sua própria honra e louvor, bem como agradar a uma ou duas pessoas ambiciosas”.³³ Era especialmente contra os pregadores usarem as línguas eruditas nos sermões. Lutero disse: “Usar grego e hebraico e latim em exibição pública dos sermões tem sabor apenas de exibição, e não está de acordo com tempo ou lugar”.³⁴ Acrescentou: “Não admito que os pregadores utilizem hebraico, grego ou línguas estrangeiras em seus sermões, pois na igreja devemos falar como fazemos em casa: a simples língua materna que todos conhecem”.³⁵ Lutero acreditava que não havia nenhuma vantagem no

pregador utilizar uma linguagem que seus ouvintes não soubessem entender.

Lutero resumiu seu ponto de vista quanto à diferença entre pregação e ensino do seguinte modo: “Aquele que ensina mais simplesmente, infantilmente, popularmente... esse é o melhor pregador. Gosto que seja fácil e ligado à terra. Porém, se queres debate, vem à minha sala de aula! Ali eu te entregarei debate afiado, e obterás tua resposta por mais complicada que seja a tua pergunta”.³⁶ O lugar próprio para tratar de questões teológicas pesadas não era o púlpito, pensava Lutero, mas a sala de aula.

Uma razão pela qual Lutero prezava tanto a linguagem simples na pregação é que ele via que o próprio Cristo pregava em termos simples. Lutero insistia:

Ninguém compreende um sermão túrgido, profundo e distante da vida real. Filipe [Melanchton] não precisa ser instruído, e eu não faço palestras no ensino para ele. Porém pregamos publicamente para o bem do povo simples. Cristo poderia ter ensinado de maneira muito profunda, mas desejava entregar sua mensagem com a máxima simplicidade, para que o povo comum pudesse ouvir e entender.³⁷

Para Lutero, pregar de maneira inteligível é pregar como Cristo.

EXPRESSÕES COLORIDAS

Quarto, Lutero empregava expressões vívidas ao proclamar a Palavra de Deus. Como artista-mestre nas palavras, Lutero estava bem equipado para a comunicação efetiva. A seu dispor havia um arsenal de vibrantes figuras de linguagem, sarcasmo mordaz, vocabulário poderoso, expressões coloquiais e humor sagaz. Símbolos vívidos e metáforas que chamava a atenção, tiradas do cotidiano, faziam parte de seu cortejo verbal. Ele empregava frases curtas e concretas que deixavam uma impressão duradoura sobre seus ouvintes.

Avaliando o domínio que Lutero demonstrava da língua alemã, James Anthony Froude comenta:

Com a sagacidade da compreensão de mãe, em elasticidade e força e poder imaginativo, ele estava entre os mais capacitados homens que já viveram. Lutero criou a língua alemã como instrumento literário. A sua tradução da Bíblia é tão rica e grandiosa quanto a nossa, e sua *Conversa de Mesa* tão repleta de matéria quanto as peças teatrais de Shakespeare.³⁸

Era intencional o uso que Lutero fazia de linguagem colorida; isso tornava a sua pregação interessante, estimulante e sempre inesquecível.

Explicando essa tática, Lutero disse: “O povo comum é mais prontamente cativado por comparações e exemplos do que por disputas difíceis ou sutis. Preferem ver um quadro bem desenhado a ler um livro bem escrito”.³⁹ Consequentemente, enquanto Lutero pregava, estava pintando quadros sobre as telas das mentes de seus ouvintes. Com respeito à verdade do texto bíblico, Lutero dizia que “tinha de pintar para eles o quadro, sová-lo, mastigá-lo, experimentar toda forma de amaciá-lo um pouco”.⁴⁰ Com isso Lutero dizia que se quisesse ser efetivo na transmissão da verdade, teria de empregar uma paleta inteira de dispositivos retóricos em suas palestras.

Lutero entendia que esses auxílios de oratória o ajudavam a comunicar melhor as profundas verdades da teologia. Escreveu ele: “É para isso que

empregamos alegorias e ilustrações, para apreender melhor a doutrina e guardá-la na mente. Dessa forma, teremos a doutrina diariamente diante de nossos olhos e seremos lembrados dela constantemente”.⁴¹ Note bem, por alegorias Lutero não estava dizendo interpretações alegóricas e sim, o uso de analogias como meio de ilustrar a verdade. Sendo assim, Lutero concebia alegorias e as usava como ilustrações marcantes para ensinar a sã doutrina. “Como um quadro é um adorno para uma casa já construída, assim uma alegoria ilumina a pregação ou um caso já estabelecido sobre outros termos”.⁴² Lutero sabia que se os seus ouvintes pudessem visualizar a verdade, eles poderiam entendê-la melhor.

Quando Lutero recontou a história da ordem de Deus a Abraão de sacrificar seu filho, recriou em termos vívidos o cenário e o drama a seu redor: “Deus disse a Abraão que ele teria de sacrificar seu único filho, filho por milagre de sua velhice, a semente pela qual ele seria pai de reis e de uma grande nação. Abraão empalideceu. Ele não somente estaria perdendo um filho, mas parecia que Deus era um mentiroso”.⁴³ Quando chegou ao clímax desse evento de tremenda emoção, Lutero disse:

O pai ergue a faca. O rapaz deixou à mostra o seu pescoço. Se por um só instante Deus tivesse dormido, o menino estaria morto. Eu não poderia ter assistido. Não sou capaz de seguir em meus pensamentos. O rapaz era uma ovelha diante do matadouro. Nunca na história houve incidente de maior obediência, a não ser em Cristo. Mas Deus estava vigiando, e com ele todos os seus anjos. O pai ergueu o cutelo. O rapaz não recuou. O anjo exclamou: “Abraão! Abraão!” Vede como a majestade divina está presente na hora da morte. Nós dizemos: “No meio da vida, morremos”. Deus responde: “Não. Em meio à morte, nós vivemos!”⁴⁴

A linguagem assim colorida, de grande força dramática, fez de Lutero um pregador de tremenda popularidade. Para seus ouvintes, ele não era um acadêmico frio, entediante, seco. Falava a linguagem do povo em sua “pregação colorida”.⁴⁵ Os seus sermões demonstram profundo

conhecimento da natureza humana e de como transmitir a verdade bíblica com efetividade para as pessoas.

LUTERO, PREGADOR EXCEPCIONAL

Neste capítulo, tenho mostrado a maneira apaixonada pela qual Lutero entregava os seus sermões. No púlpito, ele utilizava muitos recursos retóricos para tornar a pregação mais efetiva e impactante para seus ouvintes. Para Lutero, toda pregação tem de começar com o ensino, mas deverá avançar além em sua apresentação poderosa do texto bíblico. A pregação terá de vir com grande força, e os diversos meios tratados neste capítulo eram parte importante do arsenal de Lutero em seu púlpito.

Como pregador, Lutero colocava grande valor na clara articulação da verdade da Escritura com uma argumentação bastante convincente. Quando lhe perguntaram quais as marcas do pregador excepcional, Lutero deu a seguinte resposta. Vemos aqui a importância que ele dava à necessidade de definir e desenvolver seu assunto, juntamente com despertar e provocar os ouvintes para recebê-lo:

Um pregador tem de ser lógico e retórico, ou seja, capaz de ensinar e admoestar. Quando ele prega no tocante a determinado artigo, ele tem de primeiramente destacá-lo. Segundo, ele tem de definir, descrever e mostrar o que é. Terceiro, ele tem de produzir frases tiradas da Escritura, a fim de provar e fortalecê-lo. Quarto, com exemplos ele tem de explicar e declará-lo. Quinto, deverá adorná-lo com similitudes. Por último, ele deverá admoestar e despertar os preguiçosos, reprovando sinceramente os desobedientes.⁴⁶

No final das contas, Lutero cria que a pregação é obra de Deus. O pregador é apenas um instrumento nas mãos de Deus. Tal fato deve mantê-lo como humilde servo de Deus. Ele declarou:

Em toda a simplicidade, buscai apenas a glória de Deus e não o aplauso dos homens. Orai para que Deus coloque a sabedoria em vossa boca, e dê aos ouvintes ouvidos dispostos a escutar prontamente. Deixai então tudo nas mãos de Deus. Pois deveis acreditar em mim: a pregação não é obra de homens.⁴⁷

Essa realidade impulsionava Lutero a tornar a mensagem acessível a todas as pessoas.

R. Albert Mohler sustentava:

Martinho Lutero afirmava... que [seus alunos] têm de pregar a Palavra fielmente para levar a Palavra aos ouvidos da congregação. No entanto, insistia também que somente o Espírito Santo leva a Palavra do ouvido até o coração humano. O pregador depende da obra do Espírito Santo na pregação da Palavra.⁴⁸

Sendo assim, não obstante o poder de sua persuasão retórica, ele dependia totalmente de Deus para levar a verdade ao coração de seus ouvintes. Para a sua congregação, Lutero dizia: “Esperai por ele até que toque vosso coração por meio da Palavra que ouvis com os vossos ouvidos, e assim, ele também testificará de Cristo em vosso interior por intermédio de sua operação”.⁴⁹ Lutero também imprimia em seus ouvintes o quanto eram dependentes de Deus para receberem bem a sua Palavra.

Como foi nos dias de Lutero, deve ser para todo pregador nestes dias atuais. Primeiro, o texto bíblico deverá informar a mente. Mas deverá penetrar de modo mais profundo e avançar muito além. A verdade tem de impulsionar o coração do ouvinte para perseguir inteiramente o caminho prescrito por Deus. É isso que a pregação apaixonada realiza, e existe necessidade tão grande disso quanto havia nos dias da Reforma, há cinco séculos.

Que Deus levante pregadores dessa estirpe, os que são poderosos na verdade e poderosos em sua paixão de proclamá-la.

Destemida Declaração da Verdade

Creio que o próprio Lutero teria enfrentado sem temor o fogo do inferno, no entanto, temos a confissão dele de que muitas vezes seus joelhos batiam um contra o outro ao levantar para pregar. Ele tremia temeroso que não fosse fiel à Palavra de Deus.¹

– Charles H. Spurgeon

Estivesse no púlpito, na sala de aula, ou em debate público, Lutero não vacilava em sua posição pela verdade. Se necessário, este intrépido reformador estava preparado para, em prol da verdade, ficar em pé sozinho diante de uma multidão de inimigos – e foi exatamente para isso que Deus o havia chamado.

Em muitos aspectos, ele foi como um Atanásio (c. 296-373 d.C.) da era moderna, alguém que se posicionou *contra mundum* – contra o mundo. Lutero foi heroico em seus corajosos esforços de exaltar os ensinamentos claros das Escrituras na defesa do evangelho.

Na pregação, ousadia – que no grego tem o sentido literal de “toda a fala” – dá ideia de falar com palavras corajosas.² Assim, quem é ousado, fala com força, sabendo que haverá outros que discordam do que ele diz, e represálias de alto custo o aguardam por proclamar a verdade. Essa pessoa fala com coragem em face de grande perigo pessoal. Ela não fala apenas uma parte da verdade, mas toda a verdade. Ousadia significa revelar inteiramente aquilo que tem de ser dito. Ousadia no púlpito é simplesmente não esconder nada.

Por esta definição, Lutero foi um dos homens mais ousados a se colocar no púlpito para pregar. Numa época em que a verdade do evangelho havia

sido escondida, Lutero falava sem temor, declarando todo o conselho de Deus. Ele não se importava com a opinião pública. Não se preocupava por ter contrariado as tradições. Não se curvava às decisões dos concílios eclesiásticos. Recusava ceder aos decretos papais. Em sua pregação, a maior preocupação de Lutero era falar o que Deus disse em sua Palavra. Com implacável tenacidade, Lutero pregava o que encontrava ensinado explicitamente na Escritura.

Tudo isso teve um alto preço. Os desafios que Lutero enfrentava pela verdade foram tão numerosos que certa vez ele disse: “Se eu fosse escrever sobre o fardo do pregador conforme eu tenho experimentado e conhecido bem, assustaria a todos a ponto de todo mundo desistir”.³ Apesar dessas lutas, Lutero permanecia firme como leão no compromisso com a verdade. Essas lutas em favor da pureza do evangelho, de fato, apenas intensificavam as suas convicções. Estabelecido firmemente sobre as Escrituras, ele era resoluto em sua fé.

Qualquer resumo da vida de Lutero revela que ele tomou muitas posições valorosas pela Palavra de Deus. As disputas que enfrentou em Augsburg (1518), Leipzig (1520) e Worms (1521) testemunham sua inquebrantável persistência. Sabendo que cada uma dessas ocasiões podia resultar em seu fim, este reformador falou ousadamente contra governantes, cardeais e até mesmo contra o próprio Papa. Em sua declaração e defesa da verdade, Lutero sempre foi ousado, corajoso e audacioso.

Em 1522 Lutero deixou o castelo de Wartburg e retornou a Wittenberg a fim de acalmar a revolução dos camponeses. A sua chegada a Wittenberg é claro testemunho de sua destemida resolução quanto à verdade. Lutero fora excomungado da igreja, banido de pregar e condenado como herege. Era procurado vivo ou morto. No entanto, voltou a Wittenberg sem temor por sua vida. Quando o Eleitor da Saxônia prometeu-lhe proteção, Lutero corajosamente respondeu: “Vou a Wittenberg com proteção muito mais alta do que a do Eleitor. Não tenho a intenção de pedir proteção à vossa graça

eleitoral. Na verdade, penso que eu protegerei mais a Vossa Graça Eleitoral do que podereis me proteger”.⁴ Em face de perigo iminente, Lutero demonstrava coragem inabalável.

Noutra ocasião, Lutero escreveu uma carta a Felipe Melanchton, que enfrentava grande dificuldade na Assembleia de Augsburg, inspirando coragem a seu jovem filho na fé. Exortou assim a Melanchton: “Por mais grandiosa que seja a nossa causa, o seu Autor e Campeão é também grande, porque a causa não é nossa. Se nossa causa for falsa, que abjuremos. Mas se for verdadeira, por que faremos mentiroso aquele que nos deu tão grandiosas promessas e nos ordena a ser confiantes e não desanimar”.⁵ As palavras de Lutero instilaram coragem a Melanchton, que creu plenamente estar Deus presente com ele quando teve de se apresentar diante do Imperador Carlos V para declarar a Confissão de Augsburg.

Neste capítulo, desejo considerar essa confiança audaz que fortificava Lutero em cada prova ou adversidade pela qual passava. Mencionarei cinco aspectos de sua vida e ministério de púlpito que caracterizam sua corajosa defesa da verdade.

PLENA REVELAÇÃO

Primeiro, a ousadia de Lutero no púlpito o levava a desvendar plenamente a revelação da verdade. Na época em que vivia, muitos achavam que certas verdades ensinadas na Escritura não deviam ser reveladas ao povo comum. Entre esses estava o humanista holandês Desidério Erasmo, considerado o maior acadêmico do Século XVI. Erasmo escreveu um livro intitulado *O Livre Arbítrio*, em que declarava que as verdades da graça soberana de Deus deviam ser sonegadas à discussão pública. Lutero respondeu com a defesa dessas verdades em *A Escravidão Vontade*, onde argumentou que a plena revelação da verdade é requerida de qualquer homem que ministre a Palavra de Deus com fidelidade. Nesse livro Lutero não disse nada que já não tivesse declarado de púlpito.

A ideia de que toda a verdade deve ser revelada ficou conhecida como o princípio reformado de *Tota Scriptura*, ou seja, toda a Escritura. Se toda a Escritura é inspirada por Deus, então toda a Escritura deverá ser proclamada.

Em sua resposta a Erasmo, primeiro Lutero resumiu o argumento de seu oponente quanto à razão de esconder algumas verdades: “Algumas coisas (que vós dizeis) são de espécie que, ainda que fossem elas verdadeiras e pudessem ser conhecidas, seria imprudente expô-las aos ouvidos de todas as pessoas”.⁶

Então Lutero respondeu:

Aqui novamente, como é de costume, vós confundis tudo, igualando aquilo que é santo com o que não é, sem fazer distinções, e assim, caís mais uma vez no insulto e na desonra da Escritura e de Deus. Como eu disse acima, o que se encontra ou pode ser provado pelos escritos sagrados é claro e saudável, e assim pode ser publicado, aprendido e conhecido com segurança – e na verdade, deve ser assim. O próprio Deus sabe o que deve ser revelado a cada um, e quando, e como. Ora, ele disse que seu evangelho, de que todos necessitam, não será

confinado a determinado lugar ou tempo, mas deverá ser pregado a todos os homens, em todo tempo e todo lugar.⁷

Lutero ressaltava que, se uma verdade é ensinada na Bíblia, ela deverá ser declarada acessível a todos.

Novamente ele citou Erasmo: “O que (vós dizeis) pode ser mais inútil do que publicar ao mundo o paradoxo de que tudo que fazemos não é feito por nosso livre-arbítrio, mas por mera necessidade. Que comporta de iniquidade (dizeis vós) o espalhar de tal notícia romperia para as pessoas!”⁸ Lutero, porém, cria que uma revelação completa de toda a verdade bíblica é mais proveitosa para o povo de Deus. Em termos simples, Lutero achava que, se Deus colocou determinada verdade na Bíblia, então ele, como também todo pregador, deveria proclamá-la:

O que estás dizendo é que não existe informação mais inútil do que a Palavra de Deus! Então, teu Criador terá de aprender de ti, sua criatura, aquilo que é útil ou inútil na pregação? Teria sido Deus tão estúpido e imprudente que não sabia o que devia ser ensinado até que tu surgiste e disseste a ele o que é sábio e o que deve ser ordenado. Não. Se Deus por sua vontade disse que essas coisas devem ser abertamente proclamadas e publicadas, quem és tu para proibi-lo?

Assim tu assumes o ponto de vista de que a verdade e utilidade da Escritura têm de ser medidas e decididas segundo os sentimentos dos homens – e para ser preciso, dos mais impiedosos entre os homens; de forma que daqui em diante, nada será verdadeiro, divino e saudável senão aquilo que tais pessoas acham agradável e aceitável.⁹

Lutero recusou permitir a Erasmo que descartasse a verdade bíblica simplesmente porque ele a percebia paradoxal. Ao contrario, Lutero acreditava que o mero fato de que uma verdade é declarada na Bíblia é evidência segura de sua utilidade. Entendia que era seu dever instruir os seus ouvintes em todo o conselho de Deus, confiando em Deus para os resultados.

Foi por esta razão que Lutero tinha tão forte compromisso com a exposição versículo por versículo de grandes partes da Escritura, e mesmo

livros inteiros da Bíblia. Com essa abordagem sequencial, ele estava certo de que abrangeria toda a extensão da verdade apresentada nas páginas da Palavra de Deus. Usando esse método de *lectio continua* – exposições contínuas – Lutero não podia ignorar qualquer porção do texto bíblico em favor de outras partes. Ele teria de falar fielmente sobre toda verdade, toda doutrina, toda questão da Escritura.

AFIRMAÇÕES CONFIANTES

Segundo, Lutero cria que o cristianismo é uma religião de afirmativas, realidade essa que deverá marcar a pregação. Sempre que ele se levantava para pregar a Palavra de Deus, sabia que tinha de fazer afirmativas corajosas das verdades objetivas e claras declaradas na Escritura. Ele acreditava que jamais deveria equivocar ou pedir desculpas por aquilo que Deus declarou claramente. Se algo for verdade, ele sentia, é aquilo que se encontra na Palavra de Deus. Portanto, estava convicto de que deveria falar com grande confiança aquilo que Deus declarou.

De todo coração, Lutero ensinava que ser cristão é crer nas exortações e asserções da Bíblia. Isso tinha de ser verdade para todo pregador que se coloca diante da Bíblia aberta. Lutero afirmou:

Não ter prazer nas exortações não é marca de um coração cristão; na verdade, temos de nos deleitar nas asserções, se formos cristãos. Por “asserção” eu me refiro a manter uma firmeza inabalável, declarar vossa posição, confessá-la, defendê-la e nela perseverar sem ser vencido. Tomai como exemplo o apóstolo Paulo – quantas vezes ele conclama à “plena segurança”, o que é uma asseveração da consciência do mais alto grau de certeza e convencimento. Se tirardes as asserções, tirareis o cristianismo.¹⁰

A forte posição de Lutero quanto à inspiração das Escrituras o levava a crer que toda palavra que procede da boca de Deus, documentada na Escritura, é de autoria do Espírito Santo. Consequentemente, as afirmativas da Bíblia são afirmativas do Espírito Santo. Sendo assim, nenhuma passagem da Bíblia deve ser posta em dúvida ou minimizada. Lutero afirmou: “O Espírito Santo não é cético, e as coisas que ele escreveu em nossos corações não são dúvidas ou opiniões, mas asseverações – mais certas e corretas do que o senso e a própria vida”.¹¹ Por esta razão, Lutero insistia que o pregador jamais poderá ser um cético. Ao se colocar no púlpito, deverá declarar com forte confiança tudo que a Bíblia afirma.

Com essa finalidade, Lutero sentia que tinha de declarar todas as afirmações feitas nas Escrituras, especialmente quando tais afirmativas estavam sendo atacadas. Declarou:

Se eu professar com mais alta voz e mais clara exposição toda porção da verdade de Deus com exceção precisamente daquele pequeno ponto que o mundo e o diabo estão atacando naquele exato momento, não estarei confessando Cristo, por mais corajoso que eu seja na minha profissão de Cristo. Quando ruge a batalha, ali é provada a lealdade do soldado: ser constante em todo o campo de batalha menos ali será fuga e desgraça, se ele vacilar naquele ponto.¹²

Através de todo o seu ministério, Lutero atendeu a esse chamado, dando passos adiante como soldado leal, pregando a verdade bíblica. Era óbvia para todos a sua “coragem na afirmação das reivindicações da verdade e da justiça”.¹³

FIRME DETERMINAÇÃO

Terceiro, Lutero demonstrava firme determinação na pregação da verdade. Poucos homens na história se posicionaram com maior determinação pela verdade do que Lutero. Não obstante os desafios que enfrentava, Lutero dizia que “passaria por montanhas de ferro e toda espécie de adversidade com coração destemido e invencível”.¹⁴ Apesar de crescentes ameaças e ódio lançado contra ele, Lutero permaneceu firme em sua missão. Tal determinação era resultado da forte convicção de Lutero quanto a Deus e sua Palavra.

Lutero insistia que todo pregador falasse sem temor no púlpito. Sem reservas ou hesitação, ele cria que quem proclama a Palavra deverá fazê-lo com voz de trombeta a ribombar em cada ouvido:

Deverá também abrir a boca com vigor e confiança, pregar a verdade que lhe foi incumbida. Não deve ficar calado ou murmurar, mas sim testificar sem temor ou timidez. Deverá falar candidamente sem deferir ou poupar qualquer pessoa – deixe cair o raio sobre quem ou o quê quiser. É grande empecilho o pregador olhar a seu redor e preocupar-se com o que as pessoas gostam ou não gostam de ouvir, ou o que pode torná-lo impopular ou trazer o mal ou perigo sobre si. Assim como se põe de pé no alto da montanha, em lugar público e olha em redor com liberdade, assim também ele deverá falar livremente, sem temor de homens, ainda que veja muitos tipos de pessoas e rostos. Ele não deverá segurar uma folha sequer em sua boca.¹⁵

O problema com pregadores ousados, dizia Lutero, não é que muitas vezes são mal-entendidos. Ao contrário, eles se encontram enfrontados em controvérsias porque falam distinta e claramente. Dentro de cada pregador deve haver um senso de urgência por ser ouvido e entendido. Sendo assim, Lutero estava convencido de que pregar sem clareza é o mesmo que não pregar nada.

A oposição ao ensino claro da Escritura é uma oposição ao próprio Deus, Lutero dizia. Por esta razão, ele disse que jamais poderia auxiliar aqueles que

corrompiam o ensino puro da Bíblia. Ele viveria e morreria defendendo toda palavra que procede da boca de Deus. Declarou a seus inimigos:

Onde estiver envolvida a Palavra de Deus, não podereis esperar amizade ou amor que eu tenha por vós, que me persuada a fazer algo contra isso, ainda que fôsseis o amigo mais próximo e querido. Eu vos servirei com disposição, mas não para ajudar-vos a derrubar a Palavra de Deus. Nesse propósito jamais podereis me persuadir a dar-vos um copo d'água. Aos inimigos de Deus terei de ser também inimigo, para que eu não junte a eles forças contra Deus.¹⁶

Porque proclamava a Palavra de Deus, Lutero sabia que a hostilidade contra ele era inevitável:

Quando uma pessoa fala a verdade e age segundo ela, desperta ira e inimizade. Isso não é culpa daqueles que falam a verdade, mas dos que não querem ouvir a verdade. Ele deverá informar o mundo que isso consiste em viajar na larga estrada para o inferno e a morte eterna. Contudo, se assim fizer, ele enfurecerá o mundo e ficará o diabo no seu pescoço.¹⁷

Lutero sentia essa ira infernal contra ele, mas estava convicto de que era o preço necessário por pregar a verdade: “Que meu coração e minha mente estejam prontos para sofrer por amor de sua Palavra e de sua obra. Então, por que eu deveria temer essa gente miserável, que se encoleriza e espumeja em sua hostilidade contra Deus”.¹⁸ Possuidor de um espírito inabalável, Lutero estava pronto para sofrer pela verdade bíblica que pregava.

Lutero acreditava que toda a perseguição o fortalecia no compromisso com a Palavra. Ele afirmou:

Ainda que todos os demônios, o mundo, nossos vizinhos e nosso próprio povo sejam hostis para conosco, nos insultem e difamem, nos firam e atormentem, deveremos considerar isso nada mais que jogar uma pá cheia de esterco à vinha, a fim de bem fertilizá-la, podendo os indômitos galhos inúteis e removendo um pouco das folhagens excessivas que impedem o crescimento.¹⁹

Novamente, ele disse: “Não devemos temer os maus-tratos. Porém, temamos, sim, a prosperidade e os bons tempos. Esses podem nos prejudicar muito mais do que o medo e a perseguição”.²⁰ As muitas batalhas que travou pela verdade serviam apenas para maior fortalecimento de sua fé.

Ao defender o ensino bíblico, Lutero sabia que haveria ocasiões onde seria forçado a permanecer sozinho. No entanto, estava convicto de que Deus estava com ele em meio de tais tempos: “Quando estou só, portanto, ainda não estou sozinho, porque tenho a Palavra de Deus, tenho a Cristo, juntamente com todos os santos anjos e todos os santos desde o início do mundo. Na verdade, existe agora uma multidão maior e procissão mais gloriosa a meu redor, mais do que poderia haver em todo o mundo”.²¹ Se Deus era por ele, Lutero entendia que no final, ninguém prevaleceria contra ele.

Finalmente, Lutero percebeu que Deus garantiria o sucesso do evangelho. Cristo prometera que construiria sua igreja e que as portas do inferno não prevaleceriam contra ela: “Vós papistas jamais realizareis vosso intento, por mais que façam. A este evangelho sobre o qual eu, Martinho Lutero, tenho pregado a Papa, bispos, monges, reis, príncipes, diabo, morte, pecado e tudo mais que não seja Cristo ou não esteja em Cristo, terão de ceder. Serão todos subjugados por esse evangelho”.²² Lutero não se desviaria desse ministério. Sua confiança na Palavra de Deus alimentava e reanimava a determinação de seu coração.

CORAGEM DESTEMIDA

Quarto, Lutero era marcado de maneira singular por sua coragem ante a verdade bíblica. A despeito de perigos e desprezo, permaneceria fiel à Palavra. Diz Lutero: “Queimai-me se puderdes e ousardes – estou aqui, fazei o pior que tendes. Espalhai minhas cinzas ao vento – espalhai-as sobre todos os mares. Meu espírito ainda assim vos perseguirá. Lutero não deixará paz nem descanso até que todas as vossas cabeças de bronze e cérebros de ferro sejam quebradas e esmigalhadas”.²³ Embora a morte fosse uma ameaça real, Lutero permaneceu corajoso em suas convicções. Estava pronto a pregar a verdade porque estava pronto a morrer por ela.

O comportamento destemido de Lutero era barômetro acurado de seu arraigado e profundo compromisso com a verdade eterna. Convicto daquilo que a Escritura ensina, a sua fé começou uma fogueira que não podia ser apagada. Ele cria firmemente que essa coragem resultava do Espírito Santo que nele habitava: “A consolação e dependência da Cristandade, porém – se for proveniente do Espírito Santo – tem de ser constante, bem fundamentada, e de todo coração agradável a Deus e aos seus anjos. É assim que lemos os santos mártires que desafiaram os tiranos. Tal coragem só pode ser obra do Espírito Santo e de ninguém mais”.²⁴ O Espírito dava a Lutero coragem para permanecer firme contra toda oposição.

Em face de crescentes ameaças, Lutero continuava pregando com ousadia: “Posso suportar tudo, mas não posso abandonar as Escrituras Sagradas”.²⁵ Abandonar a Bíblia seria abandonar o próprio Deus. Ele disse ainda: “O Papa e os bispos não suportam isso. Não é correto manter silêncio, pois temos de confessar a verdade e dizer que o papado está sob maldição, que as leis e estatutos do imperador são malditos, porque, conforme diz Paulo, tudo que não está sob a promessa e a fé de Abraão está sob

maldição”.²⁶ Lutero estava convencido de que qualquer coisa contrária à verdade da Escritura é maldita.

Lutero, na verdade, abraçava suas provações. Ele escreveu: “Do ano de nosso Senhor de 1518 até o tempo presente, a cada quinta-feira santa em Roma, tenho sido excomungado e lançado no inferno pelo Papa; no entanto, ainda estou vivo. É esta a honra e coroa que temos de esperar e ter neste mundo”.²⁷ Ele usava suas perseguições como medalha de honra e prosseguia adiante: “Carrego sobre mim a malícia de um mundo inteiro, o ódio do imperador, do Papa e de todo seu séquito. Bem, pelo nome de Deus, vendo que estou entrando nas listas, eu lutarei”.²⁸ Não importava a oposição – Lutero não iria recuar de ser arauto da Palavra de Deus, mesmo nas verdades mais difíceis.

Essa coragem que marcou todo o ministério de Lutero estava prontamente evidente em sua pregação. Dois historiadores observam: “A prodigiosa coragem que desafiava Papa e o imperador, a rudez de uma era mundana, os dogmatismos obstinados do debatedor convicto, e o calor de um ser humano autêntico: todas essas características da vida de Martinho Lutero também eram aparentes em sua pregação”.²⁹ Embora muitas vezes fosse rude em sua conduta, havia força de caráter na pregação de Lutero que inspirava confiança em seus ouvintes. Com coração de soldado, foi um homem nascido para a batalha.

Ao enfrentar seus muitos adversários, Lutero descreveu sua disposição de ferro: “Sou rude, impetuoso, estouvado ao lutar contra inúmeros monstros e demônios. Nasci para remover os tocos e as pedras, podar os cardos e abrolhos, arrancar os espinheiros e limpar as matas selvagens”.³⁰ Lutero foi dotado por Deus de coragem, sem receio de assumir essas exigentes e difíceis tarefas.

OUSADA DEFESA

Quinto, Lutero entendia que, como guardião da verdade, tinha de proteger a igreja de mentiras que levassem à condenação. Isso significava que teria de expor e repudiar todas as doutrinas heréticas. Com esse fim, declarou:

O pastor e ministro correto tem de aperfeiçoar o seu rebanho pela edificação, e também resistir e defendê-lo. De outra feita, se a resistência estiver ausente, o lobo devorará as ovelhas em vez de serem engordadas e alimentadas. Um bispo, através da sã doutrina, deve fazer os dois: exortar e convencer os contraditores; ou seja, resistir doutrinas falsas. Um pregador tem de ser tanto soldado quanto pastor. Tem de alimentar, defender e ensinar. Tem de ter dentes em sua boca, ser capaz de morder e de lutar.³¹

Lutero cria que os pregadores deveriam saber manusear a vara e o cajado, tocando para longe os lobos que procuram devorar o rebanho, enquanto conduzem as ovelhas aos pastos verdejantes. Afirmava: “O pastor tem de combinar alimentação com defesa. Se a defesa não for feita, o lobo devora juntos a ovelha e aquele que a alimenta”.³² Disse ainda: “O pastor fiel é aquele que não só alimenta seu rebanho como também o protege. Isso acontece quando indica as heresias e os erros”.³³ Como pastor leal a seu rebanho, Lutero era excelente na ousada defesa da verdade.

Na época de Lutero, não havia ameaça maior do que os falsos ensinamentos da igreja Católica Romana. Consequentemente, a autoridade autoassumida do Papa e de suas práticas corruptas receberam as suas mais fortes reprimendas.

Os pré-reformadores que antecederam a Lutero haviam atacado a imoralidade do Papa. Mas Lutero acreditava que a causa da verdade requer enxergar além do estilo de vida de seus oponentes Católicos Romanos, para as falsas doutrinas que eles expunham. Assim, ele mirava a veia jugular do Papa, ou seja, os ensinamentos heréticos de Roma. R. C. Sproul explica:

“Lutero dizia que o evangelho deve ser defendido em toda geração. Esse é o ponto de ataque central das forças do mal”.³⁴ Conforme comentou Lutero:

Wycliffe e Huss criticaram o comportamento imoral dos papistas; eu me oponho principalmente contra suas doutrinas: afirmo clara e precisamente que eles não pregam a verdade. Para isto fui chamado: tomo o ganso pelo pescoço e aplico a faca à sua garganta. Quando consigo mostrar que a doutrina dos papistas é falsa, conforme tenho feito, posso facilmente provar que seu modo de vida é mau. Quando a palavra permanece pura, o modo de viver, ainda que tenha algum desencontro, também será puro. O Papa tirou a palavra pura bem como a pura doutrina, trazendo outra palavra e doutrina, que pendurou sobre a igreja. Sacudi toda a Paparia com este único ponto, de que eu ensino com retidão e nada misturo a isto. Temos de avançar a doutrina, pois isso é o que quebra o pescoço do Papa.³⁵

Lutero sabia bem que ao corrigir a doutrina de Roma estava chamando contra si toda hostilidade. Contudo, ele declarou com ousadia destemida: “Condenamos e amaldiçoamos todos que insultam ou ferem, em suas mínimas formas, a majestade da divina Palavra, porque um pouco de fermento leveda a massa toda”.³⁶ Noutras palavras, Lutero acreditava que toda verdade tem de ser preservada, todo herege confrontado, e todo erro corrigido. Naturalmente, *veio* sim, amarga oposição. Lutero confessou: “Estão agarrados a meu pescoço o Papa, as universidades, todos os profundamente cultos, e o diabo”.³⁷ No entanto, toda essa oposição só fez com que Lutero se fortalecesse mais ainda em sua fé. Anunciou: “Eles me caçaram até dentro da Bíblia, a qual eu lia assiduamente”.³⁸ Quanto mais ele era atacado pela verdade, mais ele avançava na mesma.

Era a missão desse valoroso reformador “batalhar diligentemente, pela fé que uma vez por todas foi entregue aos santos” (Judas 3).

A espada do Espírito corta dos dois lados. Com toda certeza, Lutero manejava essa espada com grande habilidade, edificando os santos enquanto rechaçava os inimigos de Deus.

CONTINUAR PREGANDO

Não obstante qualquer oposição que enfrentasse, Lutero estava decidido a perseverar em seu ministério de pregação. Sendo comissionado pelo próprio Cristo a pregar, tinha de continuar fiel a esse mister sagrado. Ainda que demônios continuassem a atacar, tinha de persistir na proclamação do evangelho. Mesmo em face de dificuldades cada vez maiores, Lutero se manteve firme na exposição da Palavra de Deus a uma igreja com pavorosa necessidade da verdade vivificante.

Conforme Lutero entendia o chamado divino que estava aos seus pés, ele reafirmou a Grande Comissão nas seguintes palavras:

Esta é a Grande Comissão: “Ide, portanto, simplesmente continuai pregando. Não importeis quanto a quem não quer escutar; deixai que eu me preocupe com isso. O mundo estará contra vós; não deixai que isso vos perturbe. Contudo, haverá aqueles que ouvirão e seguirão. Vós não os conheceis agora, mas eu já os conheço. Ide vós, pregai, e deixai que eu gerencie”.³⁹

Para Lutero, isso significava que devia pregar fielmente as Escrituras e deixar os resultados nas mãos de um Deus soberano que edifica a sua igreja, e somente Deus faz isso.

Este é o dever de todo pregador em cada geração. Nesta tarefa designada por Deus, o pregador tem de prosseguir no poder do Espírito Santo, proclamando as verdades gloriosas da Palavra de Deus. Como Lutero, todo arauto do evangelho tem de proclamar de seu púlpito a totalidade do conselho de Deus. Tem de fazer afirmações confiantes ao declarar a fé. Tem de ter firme determinação e destemida coragem ao se colocar de pé contra o mundo. Quando necessário, tem de ser ousado em sua defesa do evangelho, heroicamente confrontando os inimigos da verdade bíblica.

Que Deus dê novamente à sua igreja homens destemidos na proclamação da Escritura. Fazendo isso, que ele indique o caminho de uma nova reforma

no púlpito, que restaure a primazia da sua Palavra no meio de seu povo.

Precisamos Novamente de Pessoas como Lutero!

*A reforma não acabou. Não pode acabar enquanto todos que se chamam cristãos não tiverem um só Senhor, uma só fé, um só batismo. A causa de **Sola Scriptura, Sola fide, Sola gratia, Solus Christus e Soli Deo gloria** continua sendo da verdade bíblica e pela verdade bíblica.¹*

– R. C. Sproul

Há quase quinhentos anos Martinho Lutero incendiou a Reforma Protestante, o movimento pivô que trouxe uma transformação na forma como a igreja exalta a Deus. Passado meio milênio, a igreja hoje se encontra em semelhante conjuntura crítica. A obscuridade desta era conclama por uma nova reforma. Para que haja um despertar espiritual dessa magnitude, deverá surgir uma nova geração de arautos, homens da estirpe de Martinho Lutero, que possuam uma proclamação corajosa e bíblica em seus púlpitos. Deverão possuir uma visão elevada da Escritura, visão elevada de Deus e visão elevada do púlpito. Cada um destes compromissos fundamentais é indispensável.

Visão elevada da Escritura. Não ocorrerá a necessária reforma na igreja até que a Escritura seja devolvida à sua posição de preeminência. A Palavra de Deus tem de ser restaurada à sua posição de direito, de governar toda a vida da igreja. Os pregadores têm de entender corretamente a supremacia da Bíblia, não somente a sua inerrância verbal, como também sua principal autoridade e absoluta suficiência. Deve haver um retorno decisivo e radical ao princípio reformado de *Sola Scriptura*.

Visão elevada de Deus. Deverá haver também um reconhecimento correto do caráter santo e transcendente de Deus. Uma nova reforma ocorrerá somente quando o povo de Deus readquirir uma visão elevada de Deus como soberano Rei sobre tudo. O estado precário da igreja de hoje em dia é devido, em grande parte, a um baixo apreço por Deus, o que leva a uma visão muito ativa do homem. Somente quando houver uma restauração de uma visão elevada de Deus é que a igreja será restaurada à sua glória antiga e terá novamente efeito benéfico sobre o mundo.

Visão elevada do púlpito. Existe igualmente grande necessidade de uma reforma no púlpito evangélico. Reformar o púlpito é reformar a igreja. O necessário não é mais pregação, porém uma pregação mais apaixonada por Deus, que glorifique a Cristo no poder do Espírito Santo. Para que isso ocorra, a igreja necessita recuperar uma alta visão do púlpito. Conforme prevalecia durante a Reforma, a pregação da Palavra tem de ser central ao culto na igreja desta geração.

Nunca foi tão grande como agora a necessidade de tal reforma. Nossos púlpitos famintos da Palavra carecem de baluartes da fé que entreguem o Livro às suas congregações. Contudo, só Deus pode dar tais homens a suas congregações. Escrevendo há mais de cem anos, Charles Spurgeon declarou:

É necessária uma Reforma hoje tanto quanto foi necessária nos dias de Lutero, e pela graça de Deus, nós a teremos, se nele confiarmos e publicarmos sua verdade. O grito é “Derrubai, derrubai, derrubai até que venha aquele que tem todo o direito de governar”.²

Mas nisto prestai atenção: se for restaurada a graça de Deus à igreja em toda sua plenitude, e o Espírito do Senhor for derramado, vindo do alto, em toda sua força santificadora, virá um tremor como nunca se viu em nossos dias. Queremos que alguém como Martinho Lutero ressuscite do túmulo. Se Martinho Lutero visitasse hoje algumas igrejas chamadas reformadas, ele diria com toda santa ousadia: “Eu não era nem metade do reformador quando antes estava vivo – agora quero fazer uma obra mais completa disso”.³

Nesta hora crítica de história da igreja, os pastores precisam recuperar a glória da pregação bíblica como nos dias da reforma. Os pastores precisam

retornar à verdadeira exposição que é impulsionada pela Palavra que glorifica a Deus e exalta a Cristo. Que o Senhor da Igreja levante uma nova geração de verdadeiros expositores, homens armados com a espada do Espírito, que novamente preguem a Palavra. O clamor de Spurgeon, que testemunhou o declínio da pregação dinâmica durante sua vida, deve ser ouvido e respondido nos dias atuais:

Carecemos novamente de Luteros, Calvinos, Bunyans, Whitefields, homens que marquem suas eras, cujos nomes respirem terror aos ouvidos de nossos inimigos. Temos profunda carência disso. De onde eles nos virão até nós? São dons de Jesus Cristo para a igreja, e virão em seu devido tempo. Ele tem o poder de devolver uma era dourada de pregadores, e quando a boa e velha verdade for novamente pregada por homens cujos lábios são tocados como por brasa viva proveniente do altar, este será instrumento na mão do Espírito para trazer um grande e completo reavivamento de religião na terra. Não procuro outros meios de converter os homens além da simples pregação do evangelho e abertura dos ouvidos humanos para ele. O momento que a igreja de Deus desprezar o púlpito, Deus a desprezará. Tem sido mediante o ministério que o Senhor tem se agradado de reavivar e abençoar as suas igrejas.⁴

Que Deus dê à sua igreja Luteros modernos que tragam uma nova reforma nos dias atuais.

PREFÁCIO

1. Philip Schaff, *History of the Christian Church*, Vol 7: The German Reformation (Grand Rapids: Eerdmans, 1910), 1.
2. D. Martyn Lloyd-Jones, *Os Puritanos: suas origens e seus sucessores* (1993; São Paulo - SP: PES).
3. D. Martyn Lloyd-Jones, *Pregação e pregadores* (São Paulo: Editora Fiel, 1984).
4. E. C. Dargan, *A History of Preaching*, Vol 1 (Grand Rapids: Baker, 1974), 366–367.
- 5.. John Broadus, *Lectures on the History of Preaching* (Birmingham, Ala.: Solid Ground, 2004), 113.
6. Ibid., 114.
7. Dargan, *A History of Preaching*, 372.
8. Harold J. Grimm, “The Human Element in Luther’s Sermons,” *Archiv für Reformationgeschichte*, 49 (1958), 50.
9. Roland H. Bainton, *Here I Stand: A Life of Martin Luther* (Peabody, Mass: Hendrickson, 1950), 359.
10. Broadus, *Lectures on the History of Preaching*, 114.
11. Ibid.
12. Ibid., 115.
13. Dargan, *A History of Preaching*, 376.
14. Broadus, *Lectures on the History of Preaching*, 117.
15. Dargan, *A History of Preaching*, Vol 1, 375.
16. Ibid.
17. Ibid.
18. Broadus, *Lectures on the History of Preaching*, 117.
19. Ibid.

CAPÍTULO 1

1. Schaff, *History of the Christian Church*, Vol 7, 105.
2. Paul Althaus, *The Theology of Martin Luther*, trans. Robert C. Schultz (Philadelphia: Fortress, 1966), vi.
3. Jonathan Hill, *The History of Christian Thought* (Downers Grove, Ill.: InterVarsity, 2003), 181.
4. Bainton, *Here I Stand*, 107
- 5.. Fred W. Meuser, “Luther as preacher of the Word of God,” in *The Cambridge Companion to Martin Luther*, ed. Donald K. McKim (Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2003), 136.
6. E. Theodore Bachmann, “Introduction to Word and Sacrament,” in *Luther’s Works*, Vol 35, ed. E. Theodore Bachmann (Philadelphia: Fortress, 1960), xi.

7. Martin Luther, *Sermons of Martin Luther, Vol 1*, ed. John Nicholas Lenker (1905; repr., Grand Rapids: Baker, 1983, 1995), 44.
8. Martin Luther, *Luther's Works, Vol 54: Table Talk*, ed. and trans. Theodore G. Tappert (Philadelphia: Fortress, 1967), 282.
9. Walther von Loewenich, *Luther: The Man and His Word*, trans. Lawrence W. Denef (Minneapolis: Augsburg, 1986), 353.
10. Fred W. Meuser, *Luther the Preacher* (Minneapolis: Augsburg, 1983), 27.
11. Lowell C. Green, "Justification in Luther's Preaching on Luke 18:9-14," *Concordia Theological Monthly*, 43 (1973), 732-734.
12. Martin Luther, *Luther's Works, Vol 21*, ed. Jaroslav Pelikan (St. Louis: Concordia, 1956), xx.
13. Martin Luther, as cited in *Martin Luther: Selections From His Writings*, ed. John Dillenberger (New York: Anchor, 1962), xiv.
14. Martin Luther, *Luther's Works, Vol. 12*, ed. Jaroslav Pelikan (St. Louis: Concordia, 1955), 273.
15. Martin Luther, *Luther's Works, Vol. 24*, ed. Jaroslav Pelikan (St. Louis: Concordia, 1961), 24.
16. Ibid.
17. Martin Luther, como citado em Bainton, *Here I Stand*, 21.
18. Martin Luther, citado em S. M. Houghton, *Sketches from Church History* (Edinburgh: Banner of Truth, 1980, 2001), 83-84
19. Rudolph W. Heinze, *Reform and Conflict: From the Medieval World to the Wars of Religion, A D 1350-1648* (Grand Rapids: Baker, 2005), 82.
20. John Tetzl, citado em ibid.
21. John Tetzl, citado em Bruce L. Shelley, *Church History in Plain Language*, 2nd ed. (Dallas: Word, 1995), 240.
22. Martin Luther, *Luther's Works, Vol 31*, ed. Harold J. Grimm (Philadelphia: Muhlenberg Press, 1957), 25-28, 31.
23. R. C. Sproul, *Are We Together? A Protestant Analyzes Roman Catholicism* (Orlando, Fla.: Reformation Trust, 2012), 12.
24. Martin Luther, *Luther's Works, Vol 34*, ed. Lewis W. Spitz (Philadelphia: Muhlenberg Press, 1960), 336-37. "O evento que levou ao novo entendimento de Lutero quanto à justificação foi denominado de 'experiência da torre', porque ele declarou certa vez que aconteceu na torre do monastério. Embora Lutero a tenha descrito como ponto crítico de transformação em seu desenvolvimento teológico, estudiosos estão divididos quanto a quando e o que realmente aconteceu. No prefácio ao primeiro volume da coleção de suas obras em latim, escrito em 1545, Lutero declarou que a experiência ocorreu enquanto ele dava suas segundas palestras sobre os Salmos, que o teria colocado em 1518. Historiadores há muito tempo questionam a datação de Lutero, dizendo ser possível que sua memória tivesse falhado por relato dessa experiência ter sido escrito uns trinta anos após o ocorrido, em geral preferindo datá-la entre 1513 e 1515. Em anos mais recentes, tem se tornado mais comum aceitar a datação de Lutero" (Heinze, *Reform and Conflict*, 78).
25. Luther, *Luther's Works, Vol 34*, 337.
26. Ibid

27. Luther, *Luther's Works*, Vol 31, 295. Não se tem certeza se este sermão foi pregado no final de 1518 ou começo de 1519.
28. Ibid., 298–299.
29. Lutero, conforme citado por Bainton, *Here I Stand*, 116–117.
30. bula papal foi intitulada *Exsurge Domine*, que quer dizer “Levantai, ó Senhor”.
31. Martin Luther, *Luther's Works*, Vol.44, ed. James Atkinson (Philadelphia: Fortress, 1966), 127, 134.
32. Martin Luther, *Luther's Works*, Vol.36, ed. Abdel Ross Wentz (Philadelphia: Muhlenberg Press, 1959), 29.
33. Luther, *Luther's Works*, Vol.31, 336, 344, 355, 357.
34. Thomas Lindsay, *Martin Luther: The Man Who Started the Reformation* (Ross-shire, Scotland: Christian Focus, 1997, 2004), 91.
35. Martin Luther, *Luther's Works*, Vol 32, ed. George W. Forell (Philadelphia: Fortress, 1958), 113.
36. Na surpreendente providência divina, Erasmo havia assimilado os textos gregos por toda a Europa em 1516. Foi dito acertadamente que “Lutero fez abrir o ovo que Erasmo botou” (Peter Toon, “Erasmus,” in *The New International Dictionary of the Christian Church*, J. D. Douglas, gen. ed. (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1974, 1978], 350).
37. Martin Luther, *Luther's Works*, Vol 48, ed. Gottfried G. Krodel (Philadelphia: Fortress, 1963), 356.
38. Martin Luther, *Luther's Works*, Vol 51, ed. John W. Doberstein (Philadelphia: Fortress, 1959), 77.
39. Lutero, conforme citado em Bainton, *Here I Stand*, 295.
40. Martin Luther, *Luther's Works*, Vol 33, ed. Philip S. Watson (Philadelphia: Fortress, 1972), 65–66.
41. Martinho Lutero, conforme citado por James M. Kittelson, *Luther the Reformer* (Philadelphia: Fortress, 2003), 211.
42. Heinze, *Reform and Conflict*, 106. Erfurt, Magdeburg, Nuremberg, Strasbourg, e Bremen estavam entre os primeiros a se declarar pela Reforma. Logo, se seguiram regiões inteiras: Hesse, Brandenburg, Brunswick-Lüneburg, Schleswig-Holstein, Mansfield, e Silésia.
43. Martin Luther, conforme citado em Schaff, *History of the Christian Church*, Vol 7, 821.
44. Martin Luther, conforme citado em John Piper, *The Legacy of Sovereign Joy: God's Triumphant Grace in the Lives of Augustine, Luther, and Calvin* (Wheaton, Ill.: Crossway, 2000), 111, e em Heiko A. Oberman, *Luther: Man Between God and the Devil* (New York: Image Books, 1989), 324.
45. Stephen Nichols, *The Reformation: How a Monk and a Mallet Changed the World* (Wheaton, Ill.: Crossway, 2007), 25.
46. Catarina Lutero, conforme citada em Martin E. Marty, *Martin Luther: A Life* (New York: Penguin Group, 2008), 188.

CAPÍTULO 2

1. R. C. Sproul, *Scripture Alone* (Phillipsburg, N.J.: P&R, 2005), 17.
2. Martinho Lutero, *Luther's Works*, Vol 45, org. Walther I. Brandt (St. Louis: Concordia, 1962), 347–48.
3. Martinho Lutero, citado em *More Gathered Gold: A Treasury of Quotations for Christians*, comp. John Blanchard (Hertsfordshire, Inglaterra: Evangelical Press, 1986), 243.

4. Martinho Lutero, *A Manual of the Book of Psalms: or, The Subject-Contents of All the Psalms* (Londres: R. B. Seeley e W. Burnside, 1837), 350.
- 5.. Alister E. MacGrath, *Christianity's Dangerous Idea* (Nova York: HarperOne, 2007), 56.
6. Martinho Lutero, *Luther's Works, Vol 53: Liturgy and Hymns*, Ulrich S. Leupold, org. (St. Louis: Concordia, 1965), 11.
7. Martinho Lutero, *Luther's Works, Vol 5*, ed. Jaroslav Pelikan (St. Louis: Concordia, 1968), 352.
8. Lutero, *Luther's Works, Vol 34*, 227.
9. Martinho Lutero, *Luther's Works, Vol 15*, ed. Jaroslav Pelikan (St. Louis: Concordia, 1972), 275.
10. Lutero, *Luther's Works, Vol 35*, 153.
11. Lutero, *Luther's Works, Vol 24*, 170.
12. Martinho Lutero, *The TableTalk of Martin Luther* (Ross-Shire, Scotland: Christian Focus, 2003), 110.
13. Martinho Lutero, *Luther's Works, Vol. 22*, ed. Jaroslav Pelikan (St. Louis: Concordia, 1957), 508.
14. Lutero, *The TableTalk of Martin Luther*, 107.
15. Lutero, *Luther's Works, Vol. 22*, 527.
16. Lutero, *The TableTalk of Martin Luther*, 110.
17. Martinho Lutero, como citado em Robert Kolb and Charles P. Arand, *The Genius of Luther's Theology: A Wittenberg Way of Thinking for the Contemporary Church* (Grand Rapids: Baker Academic, 2008), 177.
18. Martinho Lutero, *Luther's Works, Vol. 23*, ed. Jaroslav Pelikan (St. Louis: Concordia, 1959), 173–174.
19. Lutero, *Luther's Works, Vol. 36*, 144.
20. H. S. Wilson, “Luther on Preaching as God Speaking,” in *The Pastoral Luther*, ed. Timothy J. Wengert (Grand Rapids: Eerdmans, 2009), 102, 108, 109.
21. R. C. Sproul, *Scripture Alone*, 41.
22. *Ibid.*, 20.
23. Martinho Lutero, *D. Martin Luthers Werke, Vol. 52* (Weimar: Hermann Bohlaaus Nachfolger, 1883), 168, as cited in *What Luther Says: A Practical In-Home Anthology for the Active Christian*, comp. Ewald M. Plass (St. Louis: Concordia, 1959), 1472.
24. Lutero, *Luther's Works, Vol. 36*, 160.
25. Martinho Lutero, *D. Martin Luthers Werke, Vol. 34, II* (Weimar: Hermann Bohlaaus Nachfolger, 1883), 385, as cited in *What Luther Says*, 73.
26. Martinho Lutero, *D. Martin Luthers Werke, Vol. 34, I* (Weimar: Hermann Bohlaaus Nachfolger, 1883), 347, as cited in *What Luther Says*, 88.
27. Martinho Lutero, *D Martin Luthers Werke, Vol 36* (Weimar: Hermann Bohlaaus Nachfolger, 1883), 48, conforme citado em *What Luther Says*, 1479.
28. Martinho Lutero, conforme citado em *What Luther Says*, x. v.
29. Martinho Lutero, *D. Martin Luthers Werke, Vol. 47* (Weimar: Hermann Bohlaaus Nachfolger, 1883), 367, como citado em *What Luther Says*, 90.
30. Martinho Lutero, *Luther's Works, Vol. 4*, ed. Jaroslav Pelikan (St. Louis: Concordia, 1964), 9.
31. Martinho Lutero, *Luther's Works, Vol. 32*, 12.

32. Martinho Lutero, *D. Martin Luthers Werke*, Vol. 8 (Weimar: Hermann Bohlaaus Nachfolger, 1883), 143, como citado em *What Luther Says*, 1482–1483.
33. Lutero, *Luther's Works*, Vol 36, 25.
34. Lutero, *Luther's Works*, Vol 21, 192.
35. Ibid., 103.
36. Martinho Lutero, citado em Stephen Nichols, *Martin Luther: A Guided Tour of His Life and Thought* (Phillipsburg, N.J.: Presbyterian and Reformed, 2002), 216.
37. Martinho Lutero, *Luther's Works*, Vol. 53, 14.
38. Martinho Lutero *Luther's Works*, Vol. 22, 477–478, as cited in Wilson, “Luther on Preaching as God Speaking,” in *The Pastoral Luther*, 106.
39. Wilson, “Luther on Preaching as God Speaking,” in *The Pastoral Luther*, 107.
40. Martinho Lutero, *Luther's Works*, Vol. 41, ed. Eric W. Gritsch (Philadelphia: Fortress, 1966), 219.
41. Lutero, *D Martin Luthers Werke*, Vol 8, 236, conforme citado em *What Luther Says*, 73.
42. Martinho Lutero, *Commentary on Psalm 37*, conforme citado em A. Skevington Wood, *Luther's Principles of Biblical Interpretation* (London: Tyndale, 1960), 17–21.
43. Lutero, *D Martin Luthers Werke*, Vol 8, 99, conforme citado em *What Luther Says*, 74.
44. Lutero, *Luther's Works*, Vol. 33, 25
45. Martinho Lutero, como citado em Francis Pieper, *Christian Dogmatics* (St. Louis: Concordia, 2003), 324.
46. Martinho Lutero, *D. Martin Luthers Werke*, Vol. 18 (Weimar: Hermann Bohlaaus Nachfolger, 1883), 609, conforme citado em *What Luther Says*, 90.
47. Martinho Lutero, *D. Martin Luthers Werke*, Vol. 18, 609, as cited in *What Luther Says*, 76.
48. Martinho Lutero, “A Treatise on Christian Liberty,” em *Three Treatises* (Philadelphia: Muhlenberg Press, 1947), 23.
49. Lutero, *D. Martin Luthers Werke*, Vol. 8, 143, as cited in *What Luther Says*, 1482–3.
50. Martinho Lutero, *D. Martin Luthers Werke*, Vol. 10, III (Weimar: Hermann Bohlaaus Nachfolger, 1883), 162, as cited in *What Luther Says*, 68.
51. Martinho Lutero, *Luther's Works*, Vol. 28, ed. Hilton C. Oswald (St. Louis: Concordia, 1973), 77.
52. Lutero, *D. Martin Luthers Werke*, Vol. 47, 603, conforme citado em *What Luther Says*, 68.
53. Martinho Lutero, *D Martin Luthers Werke*, Vol 48 (Weimar: Hermann Bohlaaus Nachfolger, 1883), 120, conforme citado em *What Luther Says*, 1485.
54. Lutero, *Luther's Works*, Vol. 33, 91.
55. Martinho Lutero, *D. Martin Luthers Werke*, Vol. 29 (Weimar: Hermann Bohlaaus Nachfolger, 1883), 579, conforme citado em *What Luther Says*, 1466.
56. Sproul, *Are We Together?* 11–12.
57. Gordon Rupp, *The Old Reformation and the New* (Philadelphia: Fortress, 1967), 24.
58. Schaff, *History of the Christian Church*, Vol. 7, 17.
59. Martinho Lutero, *Luther's Works*, Vol. 38, ed. Jaroslav Pelikan (St. Louis: Concordia, 1956), 189.
60. Lutero, *Luther's Works*, Vol. 53, 14.

CAPÍTULO 3

1. John Piper, *O Legado da Alegria Soberana*, (São Paulo, SP: Shedd Publicações, 2005) 103.
2. Robert W. Godfrey, *Reformation Sketches: Insights into Luther, Calvin, and the Confessions* (Phillipsburg, N.J.: Presbyterian and Reformed, 2003), 7.
3. Martinho Lutero, *D Martin Luthers Werke, Vol 10, I* (Weimar: Hermann Bohlaaus Nachfolger, 1883), 378, conforme citado em *What Luther Says*, 928.
4. Martinho Lutero *Luther's Works, Vol 46*, ed. Robert C. Schultz (Philadelphia: Fortress, 1967), 249.
- 5.. Martinho Lutero, *D Martin Luthers Werke, Vol 30, I* (Weimar: Hermann Bohlaaus Nachfolger, 1883), 128, conforme citado em *What Luther Says*, 927
6. Lutero, *Luther's Works, Vol 48*, 53.
7. Martinho Lutero, *D Martin Luthers Werke, Vol 1* (Weimar: Hermann Bohlaaus Nachfolger, 1883), 507, conforme citado por Timothy George, *Reading Scripture with the Reformers* (Downers Grove, Ill.: InterVarsity, 2011), 166.
8. Lutero, *Luther's Works, Vol 34*, 285.
9. Hughes Oliphant Old, *The Reading and Preaching of the Scriptures in the Worship of the Christian Church, Vol IV: The Age of the Reformation* (Grand Rapids: Eerdmans, 2002), 5.
10. Martinho Lutero, *D Martin Luthers Werke, Vol 20* (Weimar: Hermann Bohlaaus Nachfolger, 1883), 571, conforme citado em *What Luther Says*, 1472.
11. Lutero, *The TableTalk of Martin Luther*, 281.
12. Lutero, *D Martin Luthers Werke, Vol 1*, 507conforme citado em George, *Reading Scripture with the Reformers*, 166.
13. T. Harwood Pattison, *The History of Christian Preaching* (Philadelphia: American Baptist Publication Society, 1903), 135.
14. Jaroslav Pelikan, *Luther's Works, Companion Volume: Luther the Expositor* (St. Louis: Concordia, 1959), 49.
15. Lutero, *Luther's Works, Vol 54*, 361
16. Ibid., 165.
17. Ibid., 361
18. Martinho Lutero, *Works of Martin Luther: With Introductions and Notes, Vol 2* (Philadelphia: A. J. Holman Co., 1915), 151.
19. Lutero, *Luther's Works, Vol 44*, 205.
20. Ibid.
21. Martinho Lutero, *D Martin Luthers Werke, Vol 53* (Weimar: Hermann Bohlaaus Nachfolger, 1883), 218, conforme citado em *What Luther Says*, 1110.
22. Lutero, *Luther's Works, Vol 44*, 205.
23. Lutero, *D Martin Luthers Werke, Vol 53*, as cited in Meuser, *Luther the Preacher*, 40–41.
24. John Kerr, *Lectures on the History of Preaching* (New York: A.C. Armstrong & Son, 1889), 154–155.
25. Martinho Lutero, *D Martin Luthers Werke, Tischreden IV*, 4567 (Weimar: H. Böhlau, 1912–1921), conforme citado em *What Luther Says*, 1355.
26. Timothy George, *Teologia dos Reformadores* (São Paulo, SP: Edições Vida Nova, 1994)
27. Lutero, *Luther's Works, Vol 5*, 347.
28. Martinho Lutero, *Luther's Works, Vol 1*, ed. Jaroslav Pelikan (St. Louis: Concordia, 1960), 233.

29. Martinho Lutero, conforme citado em Alfred Ernest Garvie, *The Christian Preacher* (Edinburgh: T. & T. Clark, 1920), 128.
30. Lutero, *Luther's Works*, Vol 54, 46–47.
31. Lutero, *Luther's Works*, Vol 36, 30
32. Martinho Lutero, *Luther's Works*, Vol 39, ed. Eric W. Gritsch (Philadelphia: Fortress, 1970), 178–179.
33. Lutero, *Luther's Works*, Vol 1, 231.
34. Martinho Lutero, *Luther's Works*, Vol 37, ed. Robert H. Fischer (Philadelphia: Fortress, 1961), 32.
35. Martinho Lutero, *Luther's Works*, Vol 9, ed. Jaroslav Pelikan (St. Louis: Concordia, 1960), 24.
36. Martinho Lutero, *Luther's Works*, Vol 27, ed. Jaroslav Pelikan (St. Louis: Concordia, 1964), 29.
37. Martinho Lutero, *Luther's Works*, Vol 40, ed. Conrad Bergendoff (Philadelphia: Fortress, 1958), 178–186.
38. Sproul, *Scripture Alone*, 171.
39. Lutero, *D Martin Luthers Werke*, Vol 18, 700, conforme citado em *What Luther Says*, 93.
40. Lutero, *Luther's Works*, Vol 45, 363
41. Nichols, *Martin Luther*, 105
42. Lutero, conforme citado em Meuser, “Luther as preacher of the Word of God,” in *The Cambridge Companion to Martin Luther*, 141. Lutero não elogiava Agostinho nesse aspecto, mas teria ocasião de chamá-lo à responsabilidade por sua fraqueza no grego e quase total ignorância do hebraico (Peter Brown, *Augustine of Hippo* [Berkeley, Calif.: University of California Press, 1969], 257).
43. Lutero, *Luther's Works*, Vol 45, 366.
44. Lutero, *Luther's Works*, Vol 36, 304.
45. Martinho Lutero, *Selected Writings of Martin Luther*, Vol 1, ed. Theodore G. Tappert (Philadelphia: Fortress, 2007), 56.
46. Lutero, *Luther's Works*, Vol 24, 188.
47. Lutero, *Luther's Works*, Vol 4, 114–115.
48. Lutero, *Luther's Works*, Vol 45, 360.
49. Martinho Lutero, *The TableTalk of Martin Luther*, 283.
50. Lutero, *Luther's Works*, Vol 4, 114–115.
51. Martinho Lutero *D Martin Luthers Werke*, Vol 40, I (Weimar: Hermann Bohlaaus Nachfolger, 1883), 574, conforme citado em *What Luther Says*, 1471.
52. Lutero, conforme citado em, *Lectures on the History of Preaching*, 155.
53. Lutero, *Luther's Works*, Vol 44, 205.
54. Martinho Lutero, *Commentary on Galatians* (Lafayette, Ind.: Sovereign Grace Publishers, 2002), 87.
55. Martinho Lutero, *D Martin Luthers Werke*, Vol 21 (Weimar: Hermann Bohlaaus Nachfolger, 1883), 230, conforme citado em *What Luther Says*, 76.
56. Lutero, *Luther's Works*, Vol 24, 299.
57. Martinho Lutero, *D Martin Luthers Werke*, Vol 54 (Weimar: Hermann Bohlaaus Nachfolger, 1883), 4, conforme citado em *What Luther Says*, 1127.
58. Lutero, *Luther's Works*, Vol 4, 319.

CAPÍTULO 4

1. Lutero, em *Luther's Works*, Vol 41, 150, conforme citado em R. Albert Mohler, "The Primacy of Preaching," em *Feed My Sheep: A Passionate Plea for Preaching* (Lake Mary, Fla.: Reformation Trust, 2008), 1.
2. Schaff, *History of The Christian Church Vol 7*, 490–491.
3. Hughes Oliphant Old., *The Reading and Preaching of the Scriptures*, Vol IV, 38.
4. Doberstein, Introdução a *Luther's Works*, Vol 51, xvii–xviii
- 5.. Lutero, *Luther's Works*, Vol 22, 124.
6. Ibid., 124–125.
7. Ibid., 125.
8. Martinho Lutero, citado em David L. Larsen, *The Company of the Preachers* (Grand Rapids: Kregel, 1998), 157.
9. Lutero, *Luther's Works*, Vol 54, 160.
10. Lutero, *The TableTalk of Martin Luther*, 274.
11. Doberstein, introdução a *Luther's Works*, Vol 51, xviii.
12. Lutero, *D Martin Luthers Werke, Tischreden IV*, 5047, conforme citado em Meuser, *Luther the Preacher*, 47.
13. Meuser, "Luther as preacher of the Word of God," in *The Cambridge Companion to Martin Luther*, 142.
14. Old, *The Reading and Preaching of the Scriptures*, Vol IV, 7.
15. Doberstein, introdução a *Luther's Works*, Vol 51, xvii–xviii.
16. Meuser., *Luther the Preacher*, 47
17. Martinho Lutero, *D Martin Luthers Werke*, Vol 22 (Weimar: Hermann Bohlaaus Nachfolger, 1883), 188, conforme citado em *What Luther Says*, 738
18. Lutero, *Luther's Works*, Vol 22, 165.
19. Martinho Lutero, *D Martin Luthers Werke*, Vol 51 (Weimar: Hermann Bohlaaus Nachfolger, 1883), 440, conforme citado em *What Luther Says*, 770.
20. Old, *The Reading and Preaching of the Scriptures*, Vol IV, 40.
21. Martinho Lutero, *D Martin Luthers Werke*, Vol 10, II (Weimar: Hermann Bohlaaus Nachfolger, 1883), 73, conforme citado em *What Luther Says*, 70.
22. Lutero, *Luther's Works*, Vol 33, 26.
23. Martinho Lutero, *D Martin Luthers Werke*, Vol 24 (Weimar: Hermann Bohlaaus Nachfolger, 1883), 398, conforme citado em *What Luther Says*, 70.
24. Pattison, *The History of Christian Preaching*, 135.
25. Pelikan, "Introduction to Vol. 22," in *Luther's Works*, Vol 22, ix.
26. Lutero, conforme citado em Ker, *Lectures on the History of Preaching*, 155.
27. Lutero, conforme citado em Nichols, *Martin Luther*, 215–216.
28. Lutero, *Luther's Works*, Vol 35, xviii. Luther_intr_prefinal.indd 131 11/13/12 2:30 PM
29. Lutero, *D Martin Luthers Werke*, Vol 10, III, conforme citado em Meuser, *Luther the Preacher*, 17.
30. Lutero, *Luther's Works*, Vol 51, 388.
31. Ibid., 14.

32. Hermann Sasse, trans. Arnold J. Koelpin, "Luther's Theology of the Cross," extraído de *Briefe an lutherische Pastoren*, nr. 18 (Outubro 1951), 39
33. Lutero, conforme citado em Nichols, *The Reformation*, 30.
34. Lutero, *Luther's Works*, Vol 31, 357.
35. Meuser, *Luther the Preacher*, 19–20.
36. Ibid., 20
37. Lutero, *Luther's Works*, Vol 22, 163, 166.
38. Lutero, *Luther's Works*, Vol 35, 18.
39. Old, *The Reading and Preaching of the Scriptures*, Vol IV, 38, n 44. A referência de Old é a Ulrich Nembach, *Predigt des Evangeliums: Luther als Prediger, Pädagoge und Rhetor* (Predigtpreis: Neukirchen-Vluyn, 1972), 25–29. Os termos latinos *doctrina* e *exhortatio* significam "ensino" e "exortação/encorajamento" respectivamente.
40. Garvie, *The Christian Preacher*, 129.
41. Lutero, conforme citado em Nichols, *Martin Luther*, 212–214.
42. Clyde E. Fant Jr. e William M. Pinson Jr., *20 Centuries of Great Preaching: An Encyclopedia of Preaching*, Vol Two (Waco, Texas: Word, 1976), 8–11.
43. Old, *The Reading and Preaching of the Scriptures*, Vol IV, 42.
44. Ibid.
45. Ibid.
46. Lutero, *Luther's Works*, Vol 22, 168–169.
47. Ibid., 169.
48. Ibid.
49. Lutero, conforme citado em R. C. Sproul, "The Teaching Preacher," in *Feed My Sheep*, 85.

CAPÍTULO 5

1. Hughes Oliphant Old, *The Reading and Preaching of the Scriptures*, Vol IV, 7.
2. R. C. Sproul, "The Teaching Preacher," in *Feed My Sheep*, 73.
3. Peter Mosellanus, conforme citado em Schaff, *History of the Christian Church*, Vol 7, 180.
4. Meuser, *Luther the Preacher*, 144.
5. Ker, *Lectures on the History of Preaching*, 152–153.
6. Meuser, *Luther the Preacher*, 27.
7. Schaff, *History of the Christian Church* Vol 7, 490–491.
8. Meuser, *Luther the Preacher*, 39.
9. Meuser, "Luther as preacher of the Word of God," in *The Cambridge Companion to Martin Luther*, 136.
10. Schaff, *History of the Christian Church* Vol 7, 491. Citado de Comp. E. Jonas, *Die Kanzelberedtsankeit Luthers*, Berlin, 1852; Beste, *Die bedeutendsten Kanzelredner der alteren luth Kirche*, 1856, 30–36.
11. Ker, *Lectures on the History of Preaching*, 152.
12. Garvie, *The Christian Preacher*, 129.
13. Broadus, *Lectures on the History of Preaching*, 124.
14. Ibid., 120.

15. Ibid., 118.
16. Ibid., 124–125.
17. Ibid., 119.
18. Ibid.
19. Plass, *What Luther Says*, xiv.
20. Schaff, *History of the Christian Church*, Vol 7, 491.
21. Philip Melanchthon, conforme citado em *Chambers' Encyclopedia: A Dictionary of Universal Knowledge*, Vol. VI, Philadelphia: William & Robert Chambers, Limited, 1897), 7
22. Lutero, conforme citado em Pelikan, *Luther's Works, Companion Volume*, 63–64.
23. Philip Melanchthon, conforme citado em Jim Cromarty, *A Mighty Fortress Is Our God: The Story of Martin Luther* (Durham, UK: Evangelical Press, 1998), 84.
24. McGrath, *Christianity's Dangerous Idea*, 57.
25. Lutero, *The TableTalk of Martin Luther*, 276.
26. Dargan, *A History of Preaching*, Vol 1, 391.
27. Broadus, *Lectures on the History of Preaching*, 123.
28. Heinrich Bornkamm, *Luther in Mid-Career, 1521–1530*, trad E. Theodore Bachmann (Philadelphia: Fortress, 1983), 200.
29. Lutero, *The TableTalk of Martin Luther*, 276.
30. Lutero, as cited in Broadus, *Lectures on the History of Preaching*, 123.
31. Martinho Lutero, *D Martin Luthers Werke, Tischreden III*, 3421 (Weimar: H. Böhlau, 1912–1921), conforme citado em Meuser, “Luther as preacher of the Word of God,” in *The Cambridge Companion to Martin Luther*, 144.
32. Martinho Lutero, conforme citado em Richard Marius, *Martin Luther: The Christian Between God and Death* (Cambridge, Mass/London, England: The Belknap Press of Harvard University Press, 1999), 382–383.
33. Lutero, *The TableTalk of Martin Luther*, 282. *Luther's Works*, Vol 54, 383–384. Lutero, *Luther's Works*, Vol 54, 383–384.
34. Ibid.
35. Ibid., 276.
36. Lutero, *D Martin Luthers Werke, Tischreden IV*, 5047, conforme citado em Meuser, “Luther as preacher of the Word of God,” in *The Cambridge Companion to Martin Luther*, 144.
37. Lutero, *Luthers Works*, vol54, 383–384.
38. James Anthony Froude, *Short Studies on Great Subjects* (London: Longmans, Green, and Co., 1876), 119. *Subjects* (London: Longmans, Green, and Co., 1876), 119.
39. Martinho Lutero, *D Martin Luthers Werke, Tischreden II*, 2199 (Weimar: H. Böhlau, 1912–1921), as cited in *What Luther Says*, 1129.
40. Lutero, conforme citado em Broadus, *Lectures on the History of Preaching*, 123.
41. Lutero, *Luther's Works*, Vol 28, 175.
42. Martinho Lutero, *Luther's Works*, Vol 26, ed. Jaroslav Pelikan (St. Louis: Concordia, 1963), 436.
43. Lutero, conforme citado em Bainton, *Here I Stand*, 382.
44. Lutero, conforme citado em *ibid*.

45. Nichols, *Martin Luther*, 212–214.
46. Lutero, *The TableTalk of Martin Luther*, 279–280.
47. Lutero, conforme citado em John W. Doberstein, *The Minister's Prayerbook* (Philadelphia: Fortress, 1986), 424.
48. R. Albert Mohler, *He Is Not Silent* (Chicago: Moody, 2008), 46.
49. Lutero, *D Martin Luthers Werke*, Vol 52, 308–9, as cited in *What Luther Says*, 664.

CAPÍTULO 6

1. Charles H. Spurgeon, conforme citado por Iain Murray, *The Forgotten Spurgeon* (1966; repr., Edinburgh: Banner of Truth, 1978), 38.
2. A palavra grega *parrhesiazomai* significa “falar livremente” (Atos 13:46; 1Ts 2:2). A forma substantiva da palavra, *parrhesia*, significa “ousadia” (João 10.24; 16.25; Atos 4.29, 31; 2Co 3.12; 7.4). Esta palavra vem de duas palavras, *pas*, que significa “tudo,” e *rhesis*, que significa “fala”— assim, quer dizer literalmente “toda a fala.” A idéia é liberdade de expressão ou não ter reservas no que diz. Significa “falar sem ambiguidade, de maneira clara,” ou “falar sem figuras de linguagem.” Denota tamb[em] a idéia da “ausência de medo de falar com coragem,” daí, confiança, abertura e clareza.
3. Lutero, *Luther's Works*, Vol 54, 73.
4. Lutero, *Luther's Works*, Vol 48, 391.
- 5.. Martinho Lutero, *Luther: Letters of Spiritual Counsel*, Vol XVIII, The Library of Christian Classics (Philadelphia: The Westminster Press, 1956), 146.
6. Martinho Lutero, *The Bondage of the Will*, trans. J. I. Packer and O. R. Johnston (Grand Rapids: Fleming H. Revell, 1957), 86.
7. Ibid.
8. Ibid., 97.
9. Ibid., 97–98.
10. Ibid., 66, 67.
11. Ibid., 70.
12. Martinho Lutero, *Luther's Works*, Vol 3, ed. Jaroslav Pelikan (St. Louis: Concordia, 1961), 81.
13. Pattison, *The History of Christian Preaching*, 131.
14. Martinho Lutero, *Luther's Works*, Vol 8, ed. Jaroslav Pelikan (St. Louis: Concordia, 1966), 256.
15. Lutero, *Luther's Works*, Vol 21, 9.
16. Ibid., 121–122.
17. Lutero, *D Martin Luthers Werke*, Vol 21, 298, conforme citado em *What Luther Says*, 462.
18. Lutero, *Luther's Works*, Vol 21, 47.
19. Lutero, *Luther's Works*, Vol 24, 198.
20. Martinho Lutero, *D Martin Luthers Werke*, Vol 10, I (Weimar: Hermann Bohlaaus Nachfolger, 1883), 422, as cited in *What Luther Says*, 1039.
21. Lutero, *Luther's Works*, Vol 21, 242.
22. Lutero, *D Martin Luthers Werke*, Vol 10, II, 573.
23. Lutero, conforme citado em Pattison, *The History of Christian Preaching*, 138–139.
24. Lutero, *Luther's Works*, Vol 24, 118.

25. Martinho Lutero, conforme citado em Merle d'Aubigne, *History of the Reformation of the Sixteenth Century*, Vol 2, trans. H. White (New York: Robert Carter & Brothers, 1872), 266.
26. Lutero, *Luther's Works*, Vol 26, 250.
27. Lutero, *The TableTalk of Martin Luther*, 275.
28. Ibid., 277.
29. Fant and Pinson, 20 Centuries of Great Preaching: An Encyclopedia of Preaching, Vol Two, 8–11.
30. Lutero, conforme citado em Schaff, *History of the Christian Church*, Vol 7, 193.
31. Lutero, *The TableTalk of Martin Luther*, 274.
32. Martinho Lutero, *D Martin Luthers Werke, Tischreden I*, 648 (Weimar: H. Böhlau, 1912–1921), 274, as cited in *What Luther Says*, 935.
33. Martinho Lutero, *Luther's Works*, Vol 29, ed. Jaroslav Pelikan (St. Louis: Concordia, 1968
34. Sproul, *Are We Together?* 1.
35. Lutero, *The TableTalk of Martin Luther*, 277.
36. Lutero, *Luther's Works*, Vol 27, 46.
37. Luther, *The TableTalk of Martin Luther*, 116.
38. Ibid.
39. Lutero, *Luther's Works*, Vol 51, xx.

CONCLUSÃO

1. Sproul, *Are We Together?* 122.
2. Charles Haddon Spurgeon, ed., *The Sword and the Trowel: A Record of Combat with Sin & Labour for the Lord* (London: Passmore & Alabaster, 1866), 123.
3. Charles Haddon Spurgeon, *The New Park Street Pulpit*, Vol 5 (Pasadena, Texas: Pilgrim Publications, 1981), 110–111.
4. Charles Haddon Spurgeon, *Autobiography*, Vol 2: *The Full Harvest, 1860–1892*, Capítulo 1 comp. Susannah Spurgeon and Joseph Harrald (London: Banner of Truth, 1962), v.



O Ministério Fiel tem como propósito servir a Deus através do serviço ao povo de Deus, a Igreja.

Em nosso site, na internet, disponibilizamos centenas de recursos gratuitos, como vídeos de pregações e conferências, artigos, e-books, livros em áudio, blog e muito mais.

Oferecemos ao nosso leitor materiais que, cremos, serão de grande proveito para sua edificação, instrução e crescimento espiritual.

Assine também nosso informativo e faça parte da comunidade Fiel. Através do informativo, você terá acesso a vários materiais gratuitos e promoções especiais exclusivos para quem faz parte de nossa comunidade.

Visite nosso website

www.ministeriofiel.com.br

e faça parte da comunidade Fiel